

Universidade do Minho
Escola de Economia, Gestão
e Ciência Política

Madalena Meireles da Silva Martins

**A Economia da dívida como
motor de uma resposta social?
O caso da Porta Solidária**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Economia Social

Trabalho realizado sob a orientação dos
Professores

**Professora Doutora Maria Cristina
Guimarães Almeida Moreira**

Professor Doutor Paulo Jorge Reis Mourão

maio de 2025

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição

CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não seria possível sem o apoio de algumas pessoas que foram essenciais durante todo o processo.

Agradeço aos meus professores pela orientação durante todo o trabalho, pelo apoio constante e motivação. À professora Doutora Maria Cristina Moreira, por me dar a conhecer o mestrado, por toda a força que me deu, mesmo quando eu não sabia que caminho seguir. Ao professor Doutor Paulo Mourão por me apresentar, durante as aulas de Economia da Insituições e do Terceiro Setor, o conceito da Economia da dávida que me permitiu perceber por onde queria ir e por todo o apoio dado durante estes dois anos de trabalho.

Ao Padre Rubens Marques e à direção do Centro Social da Paróquia Senhora da Conceição, por me permitirem investigar e explorar o projeto Porta Solidária e por me ajudarem durante o tempo de aulas, frequências, etc.

Aos voluntários e doadores que foram essenciais, através das entrevistas, no meu processo de investigação, pois sem eles este trabalho não seria possível.

Deixo, ainda, um especial agradecimento à minha família, em especial aos meus pais e ao meu namorado por me apoiarem sempre, por me motivarem a não desistir e a conseguir o melhor trabalho possível.

Por fim, às minhas amigas, pelas horas que “perderam” a ajudar-me e por estarem sempre lá.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

“A Economia da dívida como motor de uma resposta social? O caso da Porta Solidária”

RESUMO

A presente dissertação analisa o papel da dívida enquanto motor de uma resposta social, através do estudo de caso da Porta Solidária, um projeto de apoio alimentar da cidade do Porto. Enquadrado no Mestrado em Economia Social, o trabalho fundamenta-se teoricamente nos conceitos da economia da dívida, voluntariado e de responsabilidade social, explorando as motivações que sustentam os atos de doar e de servir em contextos de vulnerabilidade.

A investigação recorre a uma metodologia qualitativa, com base na análise de conteúdo de entrevistas realizadas a voluntários, doadores e responsáveis pelo projeto. Complementou-se com a recolha e tratamento de dados concretos sobre o volume, frequência e origem das doações feitas por empresas e particulares. Estes dados permitiram caracterizar o perfil dos doadores e a sua relevância na sustentabilidade da Porta Solidária.

O objetivo central foi compreender de que forma a prática da dívida contribui para o sucesso e a sustentabilidade da iniciativa, bem como identificar as motivações dos voluntários e doadores.

Os resultados evidenciam que a Porta Solidária é um exemplo de uma resposta de elevada importância para a comunidade e é sustentada por redes de solidariedade, voluntariado e doações. Os voluntários demonstram grande dedicação e sentido de missão, por sua vez, os doadores valorizam a credibilidade e o impacto direto do projeto.

Conclui-se que a dívida, nas suas múltiplas expressões, é fundamental para a manutenção e crescimento da Porta Solidária. Revelando-se um instrumento poderoso de coesão social, inclusão e dignificação da vida humana, constitui um modelo para possível replicação.

Palavras chave: Doadores, economia da dívida, organizações sociais, responsabilidade social, voluntariado

“ Gift economy as the driving force behind a social response? The case of Porta Solidária”

ABSTRACT

This dissertation analyzes the role of giving as the driving force behind a social response, through the case study of Porta Solidária, a food support project in the city of Porto. As part of the Master's Degree in Social Economy, the work is theoretically based on the concepts of the gift economy, volunteering and social responsibility, exploring the motivations behind acts of giving and serving in contexts of vulnerability.

The research uses a qualitative methodology, based on content analysis of interviews with volunteers, donors and project managers. It was complemented by the collection and processing of specific data on the volume, frequency and origin of donations made by companies and individuals. This data made it possible to characterize the profile of donors and their relevance to Porta Solidária's sustainability.

The main objective was to understand how the practice of donating contributes to the success and sustainability of the initiative, as well as to identify the motivations of volunteers and donors.

The results show that Porta Solidária is an example of a response of great importance to the community and is sustained by networks of solidarity, volunteering and donations. Volunteers show great dedication and a sense of mission, while donors value the credibility and direct impact of the project.

The conclusion is that giving, in its many forms, is fundamental to the maintenance and growth of Porta Solidária. It proves to be a powerful instrument for social cohesion, inclusion and dignifying human life, and is a model for possible replication.

Keywords: Donors, gift economy, social organizations, social responsibility, volunteering.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I – Revisão da literatura	2
1.1- O voluntariado	2
1.1.1- Conceito:	2
1.1.2- Breve história:	3
1.1.3- Tipos de voluntariado:	5
1.1.4- O voluntariado e a satisfação pessoal.....	6
1.2 - O voluntariado nas Organizações sem Fins Lucrativos:.....	7
1.2.1 - O papel dos voluntários	7
1.2.3 - A importância da valorização do trabalho voluntário.....	9
1.2.4- Gestão e retenção dos voluntários nas organizações.....	10
1.2.5- Relação entre voluntários e trabalhadores remunerados	11
1.3 - Economia da dádiva	12
1.4- O voluntariado como forma de dádiva	15
1.5- Responsabilidade social	17
1.5.1 – Conceito	17
1.5.2 - Importância da responsabilidade social nas Organizações sem Fins Lucrativos	18
1.6 - Os benefícios fiscais nas doações	19
Capítulo II – Estudo de caso: Porta Solidária.....	22
2.1- Estudo de caso	22
2.2- A Porta Solidária	23
2.3- Os voluntários	34
2.4- Os doadores	37
Capítulo III- Metodologia de Investigação	47
3.1- Questões de partida e objetivos	47
3.2- Entrevista.....	47
3.3- Análise de Conteúdo	49
3.3.1- Hipóteses.....	50
3.4- Recolha de dados	51
3.5- Análise qualitativa:	52
3.5.1- Conteúdo das entrevistas;	52
3.5.2- Entrevistas com os voluntários	53

3.5.3- Entrevistas com os doadores	58
3.5.4- Entrevistas aos responsáveis.....	61
3.6- Análise e discussão dos resultados	65
Capítulo IV- Conclusão e considerações finais	66
Referências Bibliográficas	69
Anexos	76
Anexo n.º 1: Guiões das entrevistas aos voluntários, doadores e responsáveis da Porta Solidária	76
Anexo n.º 2: Transcrições das entrevistas aos voluntários da Porta Solidária	79
Anexo n.º 3: Transcrições das entrevistas aos doadores da Porta Solidária.....	142
Anexo n.º 4: Transcrição das entrevistas aos responsáveis da Porta Solidária	161
Anexo n.º 5: Autorizações das empresas doadoras da Porta Solidária	171

Índice de gráficos

Gráfico n.º 1: Número de refeições servidas entre 2009 e 2019 pela Porta Solidária.....	24
Gráfico n.º 2: Número de refeições servidas em 2020 pela Porta Solidária.....	25
Gráfico n.º 3: Número de refeições servidas em 2020 pela Porta Solidária (homem, mulher e criança).....	25
Gráfico n.º 4: Número de refeições servidas pela Porta Solidária (2020-2023).....	26
Gráfico n.º 5: Número de refeições servidas em 2021 pela Porta Solidária	27
Gráfico n.º 6: Número de refeições servidas em 2022 pela Porta Solidária	28
Gráfico n.º 7: Número de refeições servidas em 2023 pela Porta Solidária	29
Gráfico n.º 8: Evolução do número de refeições servidas pela Porta Solidária (2020-2023)	31
Gráfico n.º 9: Evolução das médias mensais das refeições servidas pela Porta Solidária (2020-2023)..	32
Gráfico n.º 10: Evolução da quantidade das doações do Banco Alimentar à Porta Solidária.....	40
Gráfico n.º 11: Evolução da quantidade das doações da Lactogal à Porta Solidária.....	41
Gráfico n.º 12: Evolução das doações das principais empresas doadoras à Porta Solidária	45

Índice de tabelas

Tabela n.º 1: Características sociodemográficas: Trabalho voluntário	5
Tabela n.º 2: Fases da gestão do voluntariado	8
Tabela n.º 3: Motivações para o trabalho voluntário	16
Tabela n.º 4: Nacionalidade dos beneficiários da Porta Solidária inquiridos.....	30
Tabela n.º 5: Idades por faixa etária dos beneficiários da Porta Solidária inquiridos	31
Tabela n.º 6: Médias mensais das refeições servidas pela Porta Solidária (2020-2023).....	32
Tabela n.º 7: Evolução da quantidade das doações do Hospital Santa Maria à Porta Solidária	42
Tabela n.º 8: Doações da Acembex à Porta Solidária	44
Tabela n.º 9: Evolução das doações das principais empresas doadoras à Porta Solidária	45
Tabela n.º 10: Resultados da hipótese 1	57
Tabela n.º 11: Resultados da hipótese 2	57
Tabela n.º 12: Resultados da hipótese 3	59
Tabela n.º 13: Resultados da hipótese 4	60
Tabela n.º 14: Resultados da hipótese 5	62
Tabela n.º 15: Análise SWOT da Porta Solidária	64

Índice de Figuras

Figura n.º 1: Tipologia de stakeholders	18
Figura n.º 2: Estrutura de Governança da Porta Solidária	35
Figura n.º 3: Explicação das doações da Acembex à Porta Solidária	44

Índice de imagens

Imagem n.º 1: Pessoas em espera na fila de acesso ao jantar.....	28
Imagem n.º 2: Exemplo de notícia sobre a Porta Solidária da Sic Notícias	33
Imagem n.º 3: Exemplo de notícia sobre a Porta Solidária da RTP	33
Imagem n.º 4: Preparação do serviço das refeições	36
Imagem n.º 5: Início do serviço das refeições.....	36
Imagem n.º 6: Beneficiários da Porta Solidária a jantar.....	36
Imagem n.º 7: Exemplo de doação de arroz da Acembex à Porta Solidária.....	46
Imagem n.º 8: Exemplo de doação de fruta à Porta Solidária.....	46
Imagem n.º 9: Exemplo de recolha de doações do Banco Alimentar à Porta Solidária.....	46
Imagem n.º 10: Logotipo da Porta Solidária.....	46

Introdução

Num mundo marcado por desigualdades sociais e pela crescente vulnerabilidade de muitos indivíduos e famílias, surgem iniciativas sociais que procuram mitigar os impactos da fragilidade económica e social. O terceiro setor e as organizações sem fins lucrativos tornam-se cada vez mais importantes e atuam como agentes de mudança que conseguem chegar onde o Estado não chega e, através das suas redes solidárias, são capazes de mobilizar recursos e transformar vidas.

Neste contexto, o presente estudo tem como tema o voluntariado e a dádiva e procura explorar dinâmicas que sustentam práticas de dádiva, de voluntariado e motivações subjacentes ao ato de dar fundamentado com referências de vários autores e estudos. Assim, a economia da dádiva, um conceito que remete para os estudos antropológicos de Marcel Mauss, mostra que a dádiva é muito mais do que uma simples troca material, é um ato com bastante simbolismo que fortalece relações sociais e promove uma rede de reciprocidade.

A presente investigação procura dar a conhecer um estudo de caso em que o voluntariado e a dádiva se juntam e têm o poder de transformar a comunidade onde está inserido. A Porta Solidária, situada no centro da cidade do Porto, na conhecida Praça do Marquês, atende às necessidades básicas dos beneficiários e procura ser uma resposta de combate à fome e à emergência alimentar. Fundada em 2009, a Porta Solidária serve refeições, diariamente, à população mais carenciada da cidade e dos seus arredores.

O primeiro capítulo da investigação é centrado na revisão de literatura e pretende apresentar o conceito de voluntariado, o voluntariado nas organizações sociais, a economia da dádiva, o voluntariado como forma de dádiva e, por fim, é feita uma reflexão sobre a responsabilidade social nas organizações e os benefícios associados às doações.

O segundo capítulo apresenta o estudo de caso e dá a conhecer os voluntários e os doadores do projeto. Em seguida, o capítulo 3 terá como foco a metodologia de investigação através de entrevistas realizadas aos doadores, aos voluntários e responsáveis do projeto, bem como a análise e discussão dos resultados.

A dedicação e motivação dos voluntários e doadores serão analisadas como elemento central do funcionamento e da sustentabilidade da Porta Solidária. Assim, a presente investigação procura compreender como a prática da dádiva e do voluntariado se articulam e dependem uma da outra no contexto do projeto, oferecendo uma reflexão sobre o poder da generosidade humana. No último capítulo são apresentadas as conclusões e considerações finais da dissertação.

Capítulo I – Revisão da literatura

1.1- O voluntariado

1.1.1- Conceito:

O voluntariado é uma prática em que as pessoas dedicam parte do seu tempo a ajudar outras pessoas, organizações sem fins lucrativos, partidos políticos, ideais, etc., sem receberem uma remuneração em troca. (Marcos, Parente & Amador, 2013) É uma forma de participação na sociedade que envolve tanto a doação de tempo, como a aplicação de talentos e recursos em prol do bem-estar comum. Este pode ser um trabalho individual ou em grupo, a curto ou longo prazo.

Segundo a definição assumida pela Organização das Nações Unidas (ONU) (2002), o voluntariado traduz um conjunto de ações realizadas em benefício da sociedade como um todo, de forma intencional sem recompensa monetária. Na mesma lógica de pensamento, a UE (união europeia) assume o voluntariado:

como todas as formas de atividade voluntária, formal ou informal. Os voluntários agem de sua livre vontade, segundo as suas próprias escolhas e motivações, não procurando obter qualquer ganho financeiro. O voluntariado é uma viagem de solidariedade e um meio de os indivíduos e as associações identificarem necessidades e problemas humanos, sociais ou ambientais e lhes darem resposta (2011, p. 2)

Para Anheier e Salamon (1999, citado por Serapioni et al., 2013, p.17), as sociedades modernas começaram a ver o voluntariado como uma forma de trabalho, mas um trabalho diferente. Os autores defendem que *o voluntariado é trabalho no sentido em que deve ser distinguido do lazer; e também por ser voluntário é diferente do trabalho remunerado.*

Olhando para Portugal, a Lei n.º 71/98, de 3 de novembro, regulamenta o voluntariado como uma forma de participação solidária, enquadrada juridicamente como um conjunto de ações realizadas de forma desinteressada, no âmbito de projetos, programas ou outras atividades desenvolvidas sem fins lucrativos, por entidades públicas ou privadas, excluindo ações de carácter isolado e esporádico ou que sejam determinadas por razões familiares e de vizinhança.

Em suma, o voluntariado é hoje um movimento que se mobiliza por todo o Mundo, sendo um importante instrumento de participação na sociedade civil. No entanto, as definições de voluntariado podem não ser totalmente consensuais entre os diferentes autores, principalmente devido a diferenças

culturais e ao vasto leque de tipos de intervenção que existem. Ainda assim, todas convergem no mesmo sentido, quando se referem ao voluntariado como um serviço sem remuneração nem obrigatoriedade, onde o voluntário oferece o seu tempo durante um determinado período.

1.1.2- Breve história:

A origem da palavra “voluntário” remete-nos ao adjetivo latino *voluntarius*, derivado da palavra *voluntas*, que significa: capacidade de escolha e de decisão. Atualmente, o voluntariado é visto como uma prática social que deve ser seguida por toda a comunidade e corresponde a um importante exemplo da cidadania ativa, estando presente em vários contextos, tanto sociais, como profissionais e académicos.

Alexis de Tocqueville foi um dos primeiros investigadores do voluntariado, mais concretamente do associativismo voluntário, presente no seu livro “A Democracia na América” lançado em 1832. O autor francês viveu nos Estados Unidos da América durante 9 meses e, ao longo desse tempo, procurou perceber a realidade cultural e política do país e, também, o funcionamento do sistema prisional. No seu estudo, Tocqueville observa a importância da participação voluntária na sociedade americana, associando-a ao fortalecimento da democracia e da vida comunitária, e destacando o modo como as associações voluntárias promovem a coesão social e a participação cívica. Através do associativismo voluntário, o autor mostra como os cidadãos são capazes de se reunirem em torno de um interesse comum e geral a todos.

Na perspetiva de Hudson (1999), o início do trabalho voluntário remonta ao crescimento das organizações ligadas à Igreja que promoviam um conjunto de ações de cariz caritativo e assente em motivações cristãs de apoio ao próximo e aos mais desfavorecidos. Em 1498, por iniciativa da Rainha D. Leonor, foram criadas as Santas Casas da Misericórdia com iniciativas de fundo caritativo, sendo essas as primeiras formas de instituições em voluntariado laico em Portugal.

Gradualmente, o Estado também assumiu a sua responsabilidade social, compartilhando-a com a Igreja através da criação das Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), estimulando o senso de solidariedade entre os indivíduos. Durante muitos anos, a sociedade portuguesa foi moldada pela estrutura política marcada por um regime ditatorial que limitava o desenvolvimento de organizações sem fins lucrativos. Porém, após a Revolução de 25 de abril de 1974, houve um aumento significativo

da participação cívica dos cidadãos na promoção de diversas áreas sociais, resultando num aumento de iniciativas humanitárias (Esteves et al, 2015).

Segundo Lima e Oliveira (2015), nos últimos anos, Portugal sofreu um crescimento exponencial nos processos de participação cívica e voluntária, que estão diretamente relacionados com o contexto de crise que o país enfrentou em 2008/2009. Durante esse período, as práticas voluntárias de ajuda ao próximo tornaram-se fundamentais para garantir o bem-estar e o quotidiano de muitas pessoas. Essas práticas de voluntariado baseiam-se em dinâmicas de dádiva, que envolvem a satisfação das necessidades humanas, tanto materiais quanto imateriais e, também, a oferta de bens essenciais, como alimentos, bem como a disponibilização de tempo e solidariedade para auxiliar aqueles que não conseguem resolver as suas próprias necessidades.

Portugal, assim como outros países europeus, enfrentou uma crise económica e social que abalou profundamente o modelo social, afetando não apenas os mercados, mas também as instituições e os modos de vida. Nesta perspetiva, a aplicação de medidas de austeridade em resposta à crise levou ao aumento do desemprego, diminuição dos mecanismos de apoio estatais e deterioração dos fatores gerais de bem-estar, o que resultou num crescimento acentuado da privação, afetando tanto os empobrecidos quanto a classe média.

Com a escalada da crise, aumentou também a incapacidade das famílias lidarem com os seus compromissos financeiros e garantirem o seu sustento diário. Por conseguinte, a solidariedade familiar, a ajuda institucional e a partilha de recursos tornaram-se estratégias fundamentais para garantir a sobrevivência. À medida que as redes interpessoais se tornam insuficientes, as pessoas começam a recorrer cada vez mais a estratégias alternativas, como o apoio de organizações não governamentais de solidariedade social e redes de voluntariado.

Os resultados das NUTS II (Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos), em 2018, mostraram que cerca de 7,6% dos homens com 15 ou mais anos faziam voluntariado e, em média, cerca de 35h por ano. Por sua vez, 8,1% das mulheres faziam voluntariado contudo, no que toca ao número de horas de voluntariado, é possível verificar que apesar de existirem mais mulheres voluntárias, estas fazem-no num menor número de horas, comparativamente com os homens, como se pode verificar na seguinte tabela:

Tabela n.º 1: Características sociodemográficas: Trabalho voluntário

	População com 15 anos ou mais	Nº de voluntários	Taxa de voluntariado	Nº de horas de voluntariado em 12 meses
Homens	4.130.399	312.200	7.6%	133.665.471
Mulheres	4.721.269	382.253	8.1%	130.034.469
Total	8.851.668	694.454	7.8%	263.699.940

Fonte: Adaptado do INE (2018)

Este padrão pode refletir uma série de fatores socioculturais e económicos. Como exemplo temos o facto de, em muitos contextos, as mulheres, mesmo quando motivadas a contribuir para causas sociais, podem ter mais restrições de tempo devido a responsabilidades familiares e domésticas que ainda recaem maioritariamente sobre elas. Ou seja, o voluntariado pode abranger um maior número de mulheres, mas os seus papéis na família podem limitar o tempo da ação, resultando, assim, numa menor carga horária face aos homens. (Taniguchi, H; 2006). A autora refere que a sociedade espera que seja a mulher a tratar das tarefas domésticas e a cuidar dos filhos, o que pode levar a uma diminuição do número de horas de voluntariado, no entanto, como as mulheres são *cuidadoras familiares*, leva a que sejam mais ativas no voluntariado.

1.1.3- Tipos de voluntariado:

O voluntariado pode ser classificado em dois principais tipos: formal e informal. Ambos são formas de contribuição com a comunidade, mas diferem nas suas estruturas, motivações e modos de atuação. O voluntariado formal caracteriza-se por todo o voluntariado que é feito no âmbito de uma organização e o informal realiza-se fora do contexto organizacional e pode ser designado como *apoio social ou comportamento de ajuda*. (Fernandes, S; 2016). Segundo a autora, o voluntariado informal é mais *espontâneo*, é realizado autonomamente e pode até ser feito de forma anónima. Por sua vez, o voluntariado formal é feito em grupos ou organizações. Resumindo, os dois apresentam as suas semelhanças, uma vez que incluem comportamentos como, por exemplo, o de ajudar um vizinho ou um idoso, e implicam sempre uma dádiva do tempo, mas diferem na medida em que se enquadram ou não, numa organização.

Segundo os dados obtidos pelas NUTS II presentes no INE, em 2018, a percentagem de voluntários em contexto formal era 6.4% e informal 1.5%. Também é possível verificar que existem mais mulheres a realizar voluntariado informal (1.7% mulheres e 1.3% homens), sendo que este tipo de voluntariado se encontra, muitas vezes, associado a relações de vizinhança e numa vertente mais relacional entre os indivíduos.

Rotolo (2003) apresenta outros tipos de voluntariado: regular, ocasional e pontual. O regular significa que o voluntário desempenha a sua função pelo menos uma vez por mês, durante um período de pelo menos um ano; o ocasional significa que o voluntário apresenta-se na sua atividade menos de uma vez por mês; e o pontual é muito pouco recorrente, ocorrendo esporadicamente.

Os dois tipos de voluntariado apresentados oferecem à população diferentes maneiras de se envolverem com a comunidade e fazerem a diferença na sociedade, possibilitando que encontrem a forma de contribuição que melhor se adequa às suas habilidades, disponibilidades e interesses pessoais. A sinergia entre o formal e o informal é o que contribui para uma participação e cidadania ativa da comunidade, permite a criação de laços e fortalece o apoio social no quotidiano, melhorando a qualidade de vida de todos os envolvidos.

1.1.4- O voluntariado e a satisfação pessoal

Vários autores, nos seus estudos, mostram que o voluntariado está positivamente associado à felicidade, ao bem-estar subjetivo e à satisfação com a vida (Binder, 2015; Borgonovi, 2008; Han, 2014). Ser voluntário pode contribuir para aumentar a felicidade, principalmente quando relacionamos com o *sentimento de utilidade* e *um sentido para a vida* (Koenig, 2007; Piliavin & Siegl, 2007), onde os voluntários se sentem socialmente integrados através de uma participação social ativa. Quando o voluntário realiza atividades altruístas, desenvolve um sentido de propósito e significado na vida que resulta num aumento da autoconfiança e satisfação pessoal (Koenig, 2007).

O ser voluntário resulta num aumento das relações sociais e redes que são essenciais para o desenvolvimento de recursos sociopsicológicos, como o sentimento de pertença e a confiança entre as pessoas, bem como um sentimento de segurança e integração social (Musick & Wilson, 2003; Theurer & Wister, 2010).

Ao exercer trabalho voluntário, as pessoas realizam ações sem esperar receber uma recompensa monetária, sendo motivados por fatores intrínsecos, extrínsecos ou atitudes espontâneas. (Fiorillo, 2011)

Na verdade, o mais importante é o bom sentimento que resulta da atividade de voluntariado e é essa a única compensação quando se ajuda os outros de uma forma altruísta, o que, para Falcone (2008), significa aquele que sacrifica temporariamente os próprios interesses para beneficiar ou ajudar alguém.

Em síntese, oferecer ajuda pode resultar em elogios, recompensas/prémios e admiração daqueles que testemunham, proporcionando uma recompensa externa e, ao ajudar alguém, o indivíduo altruísta pode evitar sentimentos de culpa que poderiam surgir se tivesse recusado dar a ajuda, resultando em benefícios intrínsecos para si mesmo.

1.2 - O voluntariado nas Organizações sem Fins Lucrativos:

1.2.1 - O papel dos voluntários

Em várias organizações do Terceiro Setor, só é possível dar resposta a uma necessidade inerente de uma determinada população se existirem voluntários para ajudarem a desenvolver a resposta social. Caso contrário, em diversas situações, o financiamento adquirido não é suficiente para a elaboração e implementação do projeto. É, assim, uma forma de cidadania ativa que contribui para o desenvolvimento pessoal e humano de quem o pratica. Do ponto de vista dos voluntários, o voluntariado é uma oportunidade de desenvolverem capacidades e conhecimentos, além de proporcionar uma sensação de contributo para algo maior. Por sua vez, para pessoas ou organizações que usufruem do trabalho feito por voluntários, é uma forma de suprir necessidades e melhorar a qualidade de vida de uma sociedade.

Em Portugal, o voluntariado está mais presente nas organizações do Terceiro Setor e é uma forma de prática da dádiva que leva a que se crie um vínculo entre o voluntário, como doador, e o beneficiário, sendo um vínculo forte e permanente.

A atividade de voluntariado aumentou na última década e tornou-se um recurso valioso para os vários setores do trabalho e no setor não lucrativo, onde os voluntários substituem ou complementam os trabalhadores pagos e são cruciais para a existência das organizações (Haivas, 2009). Na verdade, a presença nas economias de mercado de organizações sem fins lucrativos tem atraído muita atenção na investigação económica. Segundo o manual das Nações Unidas sobre as instituições sem fins lucrativos, em 2009, o valor monetário imputado às organizações foi cerca de 5% do PIB (Haivas, 2009).

De acordo com Marcos e Amador (2014), as organizações optam pelo voluntariado como uma forma de *potenciar o funcionamento sustentado da organização no seu todo*, procurando a

profissionalização do voluntariado. Deste modo, as organizações sem fins lucrativos têm procurado estratégias de gestão capazes de envolver mais pessoas, com o objetivo de aumentar o vínculo à organização e a permanência do voluntário para, assim, assegurar a sustentabilidade da organização. Para Marcos e Amador (2014), uma boa gestão de voluntários pressupõe algumas características: estrutura hierárquica reduzida que prioriza o trabalho em equipa; comunicação formal e informal bem desenvolvida; liderança: ser capaz de agir com transparência e capacidade de gestão de conflitos. Defendem, ainda, que a gestão do voluntariado corresponde a um ciclo composto por seis fases: (1) Preparação; (2) Definição; (3) Desenvolvimento; (5) Reconhecimento; e (6) Desvinculação.

1-Preparação 2-Definição 3-Acolhimento 4-Desenvolvimento 5-Reconhecimento 6-Desvinculação

Tabela n.º 2: Fases da gestão do voluntariado

Fase	Objetivo	Procedimento
1	Preparação para a entrada do voluntário na organização	- Elaboração do plano de voluntariado; - Gestão do voluntariado; - Estruturação da gestão do voluntariado permitindo a sua replicação.
2	Identificação das funções dos voluntários	- Identificação dos perfis dos voluntários; - Escolha dos voluntários através dos perfis e critérios de recrutamento.
3	Integrar e acolher o voluntário na organização	- Compromisso de colaboração: o voluntário irá cumprir sempre com as funções definidas; - Receção: apresentação do voluntário aos membros da organização.
4	Evolução do voluntário	- Formação contínua; - Comunicação com os responsáveis; - Acompanhamento através de reuniões, avaliações e gestão de expectativas.
5	Valorização do trabalho realizado	- Reconhecimento formal: através da entrega de prémios, medalhas, etc.; - Reconhecimento informal: momentos de reconhecimento diários e participação/integração na organização.
6	Consolidação das fases anteriores e relação posterior	- Gestão da saída: avaliação global, carta de agradecimento, etc.; - Relação posterior: manutenção de contacto e convocação para atividades pontuais.

Fonte: Adaptado de Marcos e Amador (2014)

Segundo este modelo e as atividades que Marcos e Amador (2014) definem como *boas práticas*, o voluntário é capaz de conhecer, confrontar e melhorar o papel que desempenha e, também, articular e obter competências que vão de acordo com as necessidades e expectativas da organização, potenciando o bom trabalho dos voluntários, o seu reconhecimento, a capacidade de integração e o sucesso da organização.

1.2.3 - A importância da valorização do trabalho voluntário

São as organizações sem fins lucrativos que fornecem à população alimentos, abrigo, projetos de intervenção, apoio à comunidade, etc., e dependem dos voluntários para prestarem os seus serviços e para atingirem os seus objetivos. Segundo Simmonds (2014), muitas organizações discutem a forma de gerir esta “força de trabalho de caridade” a longo prazo para promover a autossuficiência e a sustentabilidade da organização. Assim, as organizações devem ter nas suas equipas um número apropriado de voluntários que lhes permita realizar o trabalho de uma forma contínua.

Quando se aborda o trabalho voluntário e a sua diferença com o trabalho remunerado há um desafio que surge, uma vez que, no trabalho remunerado, o funcionário tem obrigatoriamente um horário a cumprir, de acordo com o contrato feito com o empregador. Por conseguinte, no trabalho voluntário, existe menos controlo sobre os horários e o esforço dos voluntários, uma vez que os voluntários escolhem o seu horário consoante a sua disponibilidade e vontade.

Embora as organizações não possam contratar e pagar, podem desenvolver mecanismos de gestão para reduzir a incerteza e inconsistência que existe na oferta da força de trabalho (Berenguer e Shen, 2020). As equipas de gestão devem mostrar aos voluntários a importância do seu trabalho, da sua regularidade, quantificando o seu impacto. Wisner et al. (2005) concluem que a retenção dos voluntários está associada à flexibilidade de horários, à orientação e formação, ao empoderamento, à interação social, ao reconhecimento, a recompensas simbólicas e à reflexão, ou seja, a compreensão que cada voluntário tem sobre a missão da organização e, principalmente, sobre o papel que desempenha no cumprimento dessa missão.

Segundo Haivas (2009), a eficiência no reconhecimento do trabalho e mérito dos voluntários reflete-se através da taxa de retenção, na produtividade do trabalho e na capacidade que as organizações têm em responder a necessidades que não podem ser satisfeitas através do dinheiro. A autora acrescenta, ainda, que as organizações devem desenvolver um sistema de recompensa para os

voluntários considerando que a recompensa deve ser publicitada e aberta, garantindo o seu impacto, no entanto, as organizações devem ter sempre em conta a importância acrescida do reconhecimento privado e quotidiano, à medida que a contribuição ocorre.

1.2.4- Gestão e retenção dos voluntários nas organizações

Piatak e Carman (2023), no seu artigo sobre a influência da gestão dos voluntários na sua retenção e promoção da organização, mostram que os voluntários têm um papel crucial nas organizações e contribuem significativamente para a concretização da sua missão, no entanto, é fundamental compreender como lidar com os voluntários de forma a incentivá-los a permanecerem ativos e empenhados nas organizações. Os autores desenvolveram um estudo que procura examinar a forma como as experiências dos voluntários influenciam a retenção e promoção da organização, e descobriram que é crucial investir na formação, assim como garantir que todos se sintam bem-vindos e incluídos. Para além da formação, o apoio organizacional também desempenha um papel importante, através de interações positivas com o pessoal remunerado, sendo impulsores positivos de retenção e promoção. Na prática, os voluntários podem ser considerados como um recurso vital e limitado, e é essencial renovar a sua energia e envolvê-los na organização para que tenham uma experiência positiva.

São várias as razões pelas quais as pessoas escolhem voluntariar-se, desde criar amizades, aprender novas competências, até servir uma causa pessoalmente importante. Todavia é essencial entender as experiências de voluntariado para garantir que as organizações possam envolver e reter voluntários de forma eficaz, indo além do recrutamento e centrando-se mais na procura pela retenção e satisfação dos voluntários. (Piatak, 2016; Piatak et al., 2019). Por sua vez, o reconhecimento da produtividade, juntamente com a inclusão e oportunidade de interação social, contribui para a satisfação dos voluntários.

É igualmente importante dar voz e uma identidade a cada voluntário, de modo a que possam estar envolvidos no planeamento do trabalho e na melhoria das práticas. (Einolf & Yung, 2018; Hager & Brudney, 2004; Smith & Grove, 2017; Walk et al., 2019). O voluntário considera-se como parte importante na organização quando recebe apoio organizacional e é permitido o seu envolvimento nas tarefas, aumentando, assim, o seu compromisso organizacional, diminuindo as hipóteses de deixar a organização (Alfes et al., 2016).

Para Einolf e Yung (2018) os *super-voluntários* são aqueles que sentem apoio e orientação para cada tarefa, mas principalmente flexibilidade nas suas responsabilidades e papéis claros e personalizados dentro da organização. Deste modo, ser voz ativa na organização aumenta a motivação e, por sua vez, a retenção (Garner & Garner, 2011; Grube & Piliavin, 2000).

Hidalgo e Moreno (2009) destacam que fatores como a mediatização das redes sociais, apoio organizacional, tarefas positivas e formação são pontos significativos da intenção de permanência como voluntário. Do mesmo modo, Englert et al (2020) observam que o apoio organizacional contribui para a adaptação dos voluntários à organização, em especial através do acesso a recursos relacionados com o serviço, a formação e a oportunidade de desenvolvimento. Em suma, a integração na organização, a boa relação com os membros e a clareza de papéis, reduzem o esgotamento dos voluntários.

1.2.5- Relação entre voluntários e trabalhadores remunerados

Os voluntários dentro das organizações podem ser vistos como uma forma de capital, isto é, podem diminuir o orçamento dos funcionários a tempo inteiro (Pauline, 2011; Wu et al., 2016). Os investigadores observaram que os voluntários nas organizações permitem alargar as respostas e o envolvimento social, no entanto, apesar de os voluntários poderem, em teoria, realizar as mesmas tarefas que os trabalhadores remunerados, a realidade é diferente, uma vez que a relação que existe entre os trabalhadores remunerados é mais hierárquica e supervisionada (Brudney & Meijs, 2014). Não obstante, a obtenção de um bom resultado é vista de forma diferente, pois a motivação para os voluntários é apenas a interação social e a participação, enquanto, para os trabalhadores remunerados, há sempre em vista a compensação salarial como motivação. (Alfes et al., 2017)

Alfes (2017) mostra, também, que a gestão de voluntários difere, significativamente, da gestão de trabalhadores remunerados devido, essencialmente, à ausência de salário para os voluntários, como referido anteriormente. Por isso, os gestores de voluntários dependem mais das experiências positivas dos voluntários para motivá-los. Em contraste, os trabalhadores remunerados geralmente têm menos autonomia e independência devido à necessidade de aderir às políticas e procedimentos da estrutura organizacional. Na verdade, os voluntários desfrutam de níveis mais altos de independência e flexibilidade nas suas funções, que são menos estruturadas em comparação com as funções remuneradas, o que resulta numa variação no comportamento.

A seleção de voluntários e trabalhadores remunerados também difere, uma vez que enquanto os trabalhadores remunerados são selecionados com base em critérios específicos para uma tarefa, os voluntários são escolhidos com base na sua adequação para a tarefa (Wilson & Pimm, 1996). Além disso, a recompensa e o apoio aos voluntários desempenham um papel importante na sua satisfação profissional e influencia a intenção de continuar o voluntariado (Fallon & Rice, 2015).

Na perspetiva de Ellis (2010), a gestão de voluntários e trabalhadores remunerados é bastante desafiante e destaca-se como um dos principais aspetos diferenciadores o número de horas que é pré-determinado ao trabalhador, bem como um cronograma de trabalho e a continuidade nos cargos respetivos. Por sua vez, as organizações têm um menor controlo sobre os horários dos voluntários, pois são eles que decidem quando gostariam de ajudar, consoante a sua disponibilidade.

Assim, um voluntário destacado para um determinado turno, pode cancelar a qualquer momento, sem grandes consequências, apesar das organizações precisarem de um trabalho consistente e focado para cumprir com os compromissos. Para Berenguer e Shen (2020), esta possibilidade de incerteza relativamente ao trabalho voluntário é algo que tem de ser mitigado pelas organizações, pois, embora não possam contratar, é importante que encontrem estratégias e métodos de gestão para garantir sempre o envolvimento dos voluntários.

1.3 - Economia da dádiva

O conceito da Economia da dádiva corresponde a uma forma de organização na qual as pessoas fazem doações de bens e serviços que são valiosos uns aos outros sem que exista uma expectativa de reciprocidade imediata ou futura. Todavia, essa reciprocidade existe, não necessariamente envolvendo as mesmas pessoas, mas como uma corrente contínua de doações. O fenómeno da dádiva tem suscitado a atenção da comunidade científica no último século e mostra que o doador pretende obter uma situação melhor após a dádiva do que aquela que se verificaria sem a doação, incluindo a sua própria satisfação, o bem-estar do conjunto de agentes beneficiários e a utilidade social. A principal referência dentro dos trabalhos pioneiros sobre a dádiva é Marcel Mauss (1924) e a sua obra *Ensaio sobre a Dádiva*. Mauss analisa a dádiva através de observações recolhidas junto de comunidades indígenas e de como a dádiva é encarada enquanto fenómeno endógeno da vida comunitária. Segundo este autor, a valorização da doação foi uma das primeiras formas de economia social e de solidariedade social que une os grupos humanos. A troca de bens entre os grupos constrói relacionamentos entre eles. E, ao doar ou dar um

bem, o doador cria uma obrigação face ao recetor de lhe devolver outro bem. As doações recíprocas estabelecem relações de fortes alianças, hospitalidade, proteção e assistência mútua.

Mauss, M (1924, p. 286) sustenta que *(...) o vínculo que a dádiva estabelece entre o doador e o donatário é demasiado forte para os dois. (...) A dádiva, portanto, é, ao mesmo tempo, o que se deve fazer, o que se deve receber e o que, no entanto, é perigoso tomar. É que o dar forma um vínculo bilateral e irrevogável, sobretudo quando é uma dádiva de alimento.*

Na leitura científica subsequente, a dádiva tem sido uma temática por vários investigadores, como Nardi, et al. (2006) que centram a sua investigação no modo como as novas gerações escolhem as suas participações ativas em ações de solidariedade. Outros autores reverteram o foco de análise e têm se questionado sobre as motivações económicas para dar. Deste modo, os autores que têm estudado o fenómeno mostram que as motivações para dar podem ser sistematizadas em seis categorias (Clotfelter, 2002; De Ven, 2000; Kolm, 2000):

- 1) *Altruísmo*, colocando a prioridade na satisfação dos outros;
- 2) *Egoísmo*, cuja finalidade é ganhar satisfação individual (na perspetiva de quem dá);
- 3) *Warm Glow*, que poderíamos interpretar como “gosto por dar”, na medida em que a própria dádiva gera utilidade para o doador;
- 4) *Estratégia*, cujo objetivo é a sinalização de confiança ou o estreitamento de laços pessoais e/ou profissionais;
- 5) *Justiça*, no sentido de reduzir a desigualdade ou a inequidade observada em determinada comunidade ou sociedade;
- 6) *Sobrevivência*, visando reforçar a aceitação da presença do doador em comunidades baseadas em trocas voluntárias.

Depois de apresentadas estas seis categorias que correspondem às motivações para dar, outros autores como Clotfelter (2002) e Andreoni e Miller (2002) procuraram testar as motivações e centraram-se em dois focos: o do doador e o do beneficiário.

Começando pelo doador, este é influenciado por várias variáveis, entre as quais o rendimento, interligado com o emprego/desemprego. Na verdade, doadores com maior rendimento, tendem a gerar doações maiores e, por outro lado, doadores com menor rendimento tendem a gerar menores doações.

Mourão (2019) no seu estudo sobre a relação entre a dádiva e o desemprego procurou estudar a forma como o desemprego altera a dádiva numa sociedade, pensando não só numa perspetiva de doação monetária, mas também doação de tempo através do voluntariado. Atualmente, deparamo-nos com sociedades em que um maior número de desempregados leva a uma sociedade mais altruísta, mais ativa para corresponder às necessidades da população, mas também podemos encontrar sociedades em que se verifique o contrário, ou seja, uma elevada taxa de desemprego leva a uma diminuição das doações e, consequentemente, uma população menos altruísta. Segundo Mourão (2019), a dádiva deveria ser algo intrínseco ao Ser Humano, através de simples atos, como dizer “bom dia” a alguém que nos é desconhecido. Através do seu estudo, o autor concluiu que uma elevada taxa de desemprego, principalmente nos jovens, leva os indivíduos a doarem menos. Numa sociedade em que grande parte da população vive numa situação económica confortável, há uma tendência mais alta a ajudar as pessoas que se encontram com maiores necessidades, uma vez que o desemprego e a carência económica não são predominantes.

Relativamente ao beneficiário, os resultados apontam no sentido de que as doações recebidas são influenciadas pela situação em que vivem, ou seja, pessoas com rendimentos mais baixos têm tendência a receber mais apoios do que pessoas com rendimentos não tão baixos. Tal situação não significa que a pessoa com rendimentos não tão baixos viva numa situação estável, dado que há que ter em conta o contexto pessoal e familiar, mais concretamente o número de elementos do agregado familiar, na medida em que famílias com crianças e baixos rendimentos, à partida, têm mais necessidades do que um casal sem filhos.

Neste sentido, imaginando uma situação de uma família composta por um adulto (mãe) e duas crianças, sendo a mãe a única fonte de rendimento, o agregado irá beneficiar mais das doações do que um casal sem filhos, ou mesmo com filhos pressupondo que têm ambos fontes de rendimento, por isso a necessidade não será tão elevada.

Para os beneficiários terem um maior contacto com os doadores podem usar várias ferramentas, como, por exemplo, o marketing social através de campanhas publicitárias que levam a doações mais significativas. Noutra perspetiva, os doadores também podem usar o marketing social como forma de angariarem ainda mais doadores para gerar um maior número de bens e, consequentemente, aumentarem o número de beneficiários abrangidos.

De acordo com as ideias apresentadas por Godbout (1992), a interação entre o doador e o recetor, mesmo dentro do contexto do voluntariado, reconhece a singularidade de cada indivíduo. A

filosofia da dádiva sugere que o ato de fazer o bem aos outros pode resultar em benefícios pessoais, criando um ciclo de reciprocidade. Nesse sentido, na prática da dádiva, o retorno não é calculado com base no mesmo valor da oferta inicial. O aspeto quantitativo não é prioritário; o que importa é a qualidade da troca.

Em suma, a Economia da Dádiva permite a troca de bens e serviços e a partilha de valores como a solidariedade, reciprocidade e generosidade, valores estes essenciais para criarmos comunidades mais altruístas e com maior sentido de responsabilidade social. Desta forma, e em vez de depender apenas do mercado, a população pode unir-se de modo a partilhar recursos para dar resposta às necessidades básicas de um maior número possível de pessoas.

1.4- O voluntariado como forma de dádiva

Segundo Lima (2009), a ação voluntária envolve aderir a uma causa e a uma rede de relações por escolha livre. O termo "voluntário" tem uma dimensão ampla, não se restringindo aos limites de uma instituição. É um ato pessoal e espontâneo em prol de alguém que precisa. Nessa ação, a gratuidade dos serviços doados não significa que não se recebe nada em troca, mas que os benefícios económicos não são a base da relação entre os envolvidos. A espontaneidade é um elemento essencial na ação voluntária, pois não é motivada por imposição ou obrigação contratual, mas por um movimento interior. Ir em direção ao outro significa fazê-lo não apenas para obter algo em troca, mas porque há uma vontade genuína de ajudar (Melluci, 2001). Nas ações voluntárias, as relações de dádiva não são baseadas na expectativa de que o outro está obrigado a retribuir. A gratuidade consiste na liberdade e espontaneidade dessas ações (Godbout, 1992). A ação voluntária, assim como a dádiva, estabelece uma relação construída por meio de interações dinâmicas, baseadas na circulação de doações e retribuições entre os envolvidos. Os bens doados, aceites e retribuídos não são trocados com base na sua utilidade ou equivalência monetária, mas sim como expressão simbólica do desejo de construir uma relação.

As motivações inerentes ao trabalho voluntário diferem consoante o tipo de pessoa e atividade desenvolvida, mas, e acima de tudo, o voluntariado é determinado pelas motivações subjacentes a essa mesma prática. As diferentes motivações inerentes ao voluntariado podem ser vistas à luz da dádiva. Para Fernandes e Mourão (2012), o voluntariado é uma *expressão de dádiva* em que o voluntário doa o seu tempo e a sua pessoa com toda a complexidade e centra-se num *movimento de alma* (Godbout, 1999), em que vamos em direção ao outro de forma altruísta, porque simplesmente sentimos que o devemos fazer, sem esperar nada em troca. Mas acabamos sempre por receber, pois, ao ajudarmos o

outro, também nos ajudamos a nós mesmos. A lógica da dádiva remete-nos para algo que retorna ao doador e, com isso, a pessoa crê que o bem feito a outrem pode retornar em seu próprio benefício, gerando, assim, um ciclo de reciprocidade (Lima, 2009).

Corullón (1997), no seu estudo, identifica duas hipóteses que levam alguém a tornar-se doador: o lado pessoal (refere-se à doação de tempo e esforço como forma de responder a uma inquietação interior) e o lado social (remete para a tomada de consciência dos problemas que a sociedade enfrenta e procura ajudar por ligação ou comprometimento a uma causa). Por sua vez, Silva (2004) mostra que, nos casos de isolamento e solidão, a dádiva torna-se numa terapia onde os voluntários se identificam uns com os outros *numa teleologia tipicamente humana em que comunicar-se com o outro é comunicar-se consigo mesmo*. Na verdade, a dádiva também pode surgir como forma de escape do *stress* do dia a dia, onde os voluntários conseguem encontrar um espaço de convivência social saudável que, tendencialmente, se afasta da competitividade e da exigência do trabalho e pode surgir como forma de relaxamento (Teodósio, 2001).

Deste modo, é possível dizer que são vários os autores que procuram estudar as motivações e os fatores que levam alguém a desempenhar trabalho voluntário e (Archer, 1997; Mascarenhas & Zambaldi, 2002), de modo a simplificar, agruparam em duas categorias – motivações altruístas e motivações egoístas - conforme a tabela n.º3:

Tabela n.º3: Motivações para o trabalho voluntário

<i>Grupo de motivações altruístas</i>	
<i>Motivações altruístas e ideológicas</i>	Os voluntários movem-se pelo desejo de ajudar o próximo.
<i>Grupo de motivações egoístas</i>	
<i>Motivação de crescimento pessoal</i>	O voluntariado proporciona uma experiência enriquecedora de aprendizagem e crescimento pessoal, pois facilita o contacto com diferentes realidades e modos de pensar, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades e competências.
<i>Motivação de status</i>	O voluntário pode usar e desenvolver habilidades profissionais que adquiriu com a experiência e, para os funcionários, os voluntários têm mais disponibilidade para aperfeiçoar as suas habilidades, colocando-se em vantagem para a sua empregabilidade.
<i>Motivações sociais</i>	O ser voluntário permite alargar a sua rede de conhecimentos e dar a conhecer o seu trabalho e as suas capacidades.
<i>Motivações materiais</i>	A escolha dos voluntários e a respetiva valorização vem da boa avaliação feita pela pessoa que escolhe os voluntários, centrada na personalidade de cada um. Os voluntários sabem que a sua experiência será muito valorizada no currículo, procurando a obtenção de benefícios materiais futuros.

Fonte: Adaptado de Bechara, F., & Bernardino, S. (2021) de Mascarenhas e Zambaldi (2002).

Concluindo, o voluntariado é uma expressão genuína de dádiva, generosidade e solidariedade, pois corresponde a um ato que reflete aquela que devia ser a realidade e a essência das comunidades: ajudar uns aos outros sem esperar nada em troca. À medida que indivíduos dedicam seu tempo e energia para causas importantes, não fazem apenas uma diferença tangível na vida dos outros, mas também experimentam uma profunda sensação de propósito e conexão comunitária. O voluntariado não é apenas sobre o que é dado, mas sobre o que é recebido - uma troca de energia e emoções que enriquece tanto os beneficiários, quanto os voluntários. É um lembrete poderoso de que, juntos, podemos criar um mundo mais compassivo e solidário para todos.

1.5- Responsabilidade social

1.5.1 – Conceito

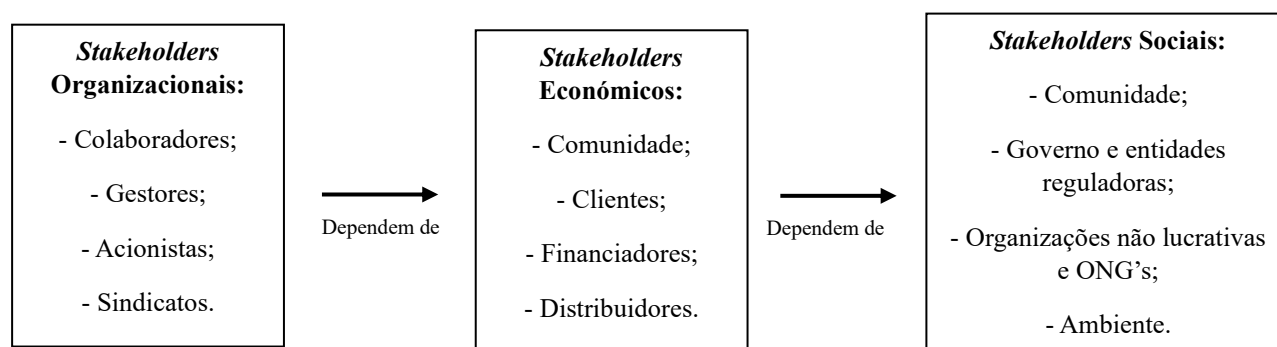
Em 1953, Howard Bowen, economista americano e Professor na Universidade de Iowa, foi um dos pioneiros na definição de responsabilidade social. Bowen defendia que as responsabilidades das empresas deveriam ir além da maximização do lucro e procurar ter impacto na sociedade. O autor ligava o conceito de responsabilidade social aos homens de negócios, aos *businessmen* e considerava que estes tinham obrigação de seguir um caminho centrado nos objetivos e valores da sociedade, e tinham o poder e a influência de melhorar o que era necessário. Bowen, H (2013). Para Mascarenhas & Costa (2011), o conceito de responsabilidade social refere-se a um processo contínuo e voluntário que procura ter em conta os valores da sociedade e a capacidade de interação com a comunidade para atingirem os objetivos, bem como a gestão dos *stakeholders* e da ética da empresa, de modo a corresponderem com as necessidades e expectativas da sociedade em geral.

Na perspectiva de Balonas (2014), a responsabilidade social implica a amenização de uma questão social e corresponde a um conceito *multidimensional* que deve *integrar os interesses dos stakeholders – todos aqueles que são afetados pela conduta da empresa – nas políticas empresariais e ações da empresa* (Coors & Winegarden; 2005). As empresas devem envolver-se em atividades socialmente responsáveis e a sua ligação com a responsabilidade social melhora as relações entre as partes interessadas (*stakeholders*) e aumenta a confiança entre os colaboradores e os consumidores. (Chang, 2017).

Os *stakeholders* correspondem a indivíduos ou grupos que têm interesse ou que são afetados pelas atividades de uma empresa/organização. Enquanto os *stakeholders* dependem das empresas para

fornecer os produtos e serviços, as empresas também dependem de fornecedores, clientes, colaboradores e outros *stakeholders* para garantir a ética e a legitimidade social que precisam para se manterem no mercado, uma vez que os *stakeholders* avaliam as empresas não apenas com base no que a empresa faz, mas, sim, como o faz. Deste modo, Werther e Chandler (2006) definiram uma tipologia de *stakeholders*:

Figura n.º 1: Tipologia de stakeholders



Fonte: Werther e Chandler (2006)

Desde o final do séc. XX que a responsabilidade social tem apresentado uma preocupação crescente nas empresas, uma vez que cada vez mais as organizações procuram ser mais produtivas e garantir o respeito e a confiança junto do público, sendo fundamental para o funcionamento ético e sustentável das empresas do mundo moderno e, por isso, a confiança e o apoio dos stakeholders são essenciais para o sucesso de uma empresa.

1.5.2 - Importância da responsabilidade social nas Organizações sem Fins Lucrativos

A responsabilidade social das empresas pode ser centrada no apoio a organizações locais, sem fins lucrativos, através da ajuda em atividades ou projetos que melhorem a qualidade de vida da comunidade onde a empresa está inserida. Segundo Neto e Froes (2001), o apoio das empresas às organizações está centrado em dois tipos: projetos sociais e ações comunitárias. Os projetos sociais visam resolver problemas que afetam a sociedade, através da procura de soluções tanto imediatas quanto a médio e longo prazo. Já as ações comunitárias envolvem a participação ocasional das empresas em programas e campanhas sociais promovidas pelo estado, entidades filantrópicas ou comunitárias.

Essa participação ocorre através de doações, ações de apoio ou pelo trabalho voluntário dos funcionários da empresa.

Zaperlon (2006) considera que as ações de voluntariado feitas pelos colaboradores das empresas são uma mais valia para o desempenho do funcionário e da empresa, uma vez que aumenta o sentimento de comunidade e entreajuda, o que resulta numa maior realização pessoal e profissional, que, possivelmente, nunca iria alcançar apenas através da profissão, uma vez que a remuneração não é a única forma de satisfação e realização pessoal. Na verdade, o voluntariado melhora as relações entre as empresas e a comunidade, pois corresponde a uma forma muito próxima de ação e preocupação com a situação dos grupos locais e a procura pelo bem-estar comum.

Isabel Nicolau e Ana Simaens, no seu artigo sobre o *Impacto da responsabilidade social das empresas na Economia Social* (2007), consideram quatro formas de concretização da responsabilidade social:

- *Desenvolvimento de projetos sociais no âmbito interno da empresa;*
- *Donativos às organizações da Economia Social;*
- *Patrocínio de projetos concretos desenvolvidos por organizações da Economia Social, marketing de causas e contratação de serviços;*
- *Alianças com organizações da Economia Social para desenvolvimento de projetos comuns.”*

As autoras mostram que as parcerias com organizações da Economia Social são acordos voltados para a criação de bens ou serviços com um propósito social. Essas ligações envolvem um compromisso mais profundo e duradouro para alcançar objetivos que não poderiam ser atingidos isoladamente e, deste modo, as partes envolvidas devem contribuir com recursos e conhecimentos e as relações precisam de ser cuidadosamente organizadas e preservadas.

1.6 - Os benefícios fiscais nas doações

O benefício fiscal corresponde a uma vantagem dada pelo Estado a pessoas ou empresas para incentivar a colaboração com causas sociais. Pressupõe um alívio na carga tributária das empresas e particulares através de deduções à coleta, isenções ou reduções de taxas. (Estatuto dos Benefícios Fiscais, 1989).

O Estatuto dos benefícios fiscais presente no Decreto-lei n.º 215/89 regula as situações de benefício fiscal em Portugal e *contém os princípios gerais a que deve obedecer a criação das situações de benefício, as regras da sua atribuição e reconhecimento administrativo e o elenco desses mesmos benefícios, com o duplo objetivo de, por um lado, garantir maior estabilidade aos diplomas reguladores das novas espécies tributárias e, por outro, conferir um carácter mais sistemático ao conjunto dos benefícios fiscais.* (Decreto-Lei n.º 215/89). O capítulo X do mesmo prevê os “benefícios fiscais relativos ao mecenato”, ou seja, configura um conjunto de incentivos concedido pelo Estado para estimular empresas e particulares a efetuarem donativos a entidades privadas e públicas.

Deste modo, de que forma é que as empresas e particular têm regalias com as suas doações?

Artigo 61.º

Noção de donativo

Para efeitos fiscais, os donativos constituem entregas em dinheiro ou em espécie, concedidos, sem contrapartidas que configurem obrigações de carácter pecuniário ou comercial, às entidades públicas ou privadas, previstas nos artigos seguintes, cuja atividade consista predominantemente na realização de iniciativas nas áreas social, cultural, ambiental, desportiva ou educacional.

Artigo 62.º

Dedução para efeitos da determinação do lucro tributável das empresas

1 - São considerados custos ou perdas do exercício, na sua totalidade, os donativos concedidos às seguintes entidades:

a) Estado, Regiões Autónomas e autarquias locais e qualquer dos seus serviços, estabelecimentos e organismos, ainda que personalizados;

b) Associações de municípios e de freguesias;

c) Fundações em que o Estado, as Regiões Autónomas ou as autarquias locais participem no património inicial;

d) Fundações de iniciativa exclusivamente privada que prossigam fins de natureza predominantemente social, relativamente à sua dotação inicial, nas condições previstas no n.º 9.

2 - Os donativos referidos no número anterior são considerados custos em valor correspondente a 140 % do respetivo total, quando se destinarem exclusivamente à prossecução de fins de carácter social, a 120 %, se destinados exclusivamente a fins de carácter ambiental, desportivo e educacional, ou a 130 % do respetivo total, quando forem atribuídos ao abrigo de contratos plurianuais celebrados para fins específicos, que fixem os objetivos a prosseguir pelas entidades beneficiárias, e os montantes a atribuir pelos sujeitos passivos.

3 - São considerados custos ou perdas do exercício, até ao limite de 8/1000 do volume de vendas ou dos serviços prestados, os donativos atribuídos às seguintes entidades:

a) Instituições particulares de solidariedade social, bem como pessoas colectivas legalmente equiparadas;

b) Pessoas colectivas de utilidade pública administrativa e de mera utilidade pública que prossigam fins de caridade, assistência, beneficência e solidariedade social e cooperativas de solidariedade social;

c) Centros de desporto organizados nos termos dos Estatutos do Instituto Nacional de Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores (INATEL), desde que destinados ao desenvolvimento de atividades de natureza social no âmbito daquelas entidades;

d) Organizações não governamentais cujo objecto estatutário se destine essencialmente à promoção dos valores da cidadania, da defesa dos direitos humanos, dos direitos das mulheres e da igualdade de género, nos termos legais aplicáveis;

e) Organizações não governamentais para o desenvolvimento;

f) Outras entidades promotoras de iniciativas de auxílio a populações carecidas de ajuda humanitária, em consequência de catástrofes naturais ou de outras situações de calamidade internacional, reconhecidas pelo Estado Português, mediante despacho conjunto do Ministro das Finanças e do Ministro dos Negócios Estrangeiros.

g) Entidades hospitalares EPE.

(...)

O Estatuto visa fortalecer o apoio financeiro às instituições do terceiro setor, sem fins lucrativos, e permite que estas ampliem a sua atividade e ofereçam mais serviços à comunidade, serviços esses que o Estado não oferece. As deduções de 140% significam que o valor doado pela empresa é

multiplicado por uma percentagem específica quando é considerado para dedução no lucro tributável, incentivando, assim, as empresas a aumentarem o montante das doações. Assim, os incentivos fiscais para doações de empresas a instituições sociais, têm ligação direta com a responsabilidade social, pois permite que as empresas possam estar sempre ligadas a ações de apoio e bem-estar com a comunidade e, não beneficiam apenas de uma redução na carga tributária, mas também contribuem para o desenvolvimento social.

A presente dissertação, centra-se na importância do voluntariado e das doações para o sucesso de uma resposta social, a Porta Solidária, que possui várias entidades parceiras e particulares que usufruem de benefícios fiscais com as suas doações, através de recibos donativos, passados pela instituição. Esses recibos são dedutíveis no IRS dos particulares e nos lucros tributáveis das empresas. O benefício permite uma consistência nas doações e um ganho tanto para quem doa, como para quem recebe.

Este estudo procura perceber, através das questões de investigação, em que medida o voluntariado é um contributo para a eficácia da resposta social da Porta Solidária e qual a motivação do doador para contribuir para o projeto e, para isso, serão testadas as seguintes hipóteses: o voluntariado é crucial para o sucesso da Porta Solidária; os voluntários são motivados pelo desejo de contribuir para o bem-estar da comunidade; escolheram a Porta Solidária para doar pela credibilidade do projeto; a rede existente de doações e parcerias é o que assegura a sustentabilidade do projeto; a Porta Solidária combate a emergência alimentar.

Capítulo II – Estudo de caso: Porta Solidária

2.1- Estudo de caso

Um estudo de caso é uma forma de pesquisa qualitativa que tem como foco uma única pessoa, um grupo ou uma organização para uma análise aprofundada em que o objetivo é explorar as particularidades do caso.

Yin (1989, p. 23) afirma que *o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenómeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas.*

Na perspetiva de Tull (1976, p 323) *um estudo de caso refere-se a uma análise intensiva de uma situação particular*. Deste modo, um estudo de caso permite responder às questões “como” e “porquê” sobre determinado fenómeno social e permite, também, compreender de uma forma detalhada e rica alguns fenómenos sociais que são mais complexos.

Yin (1989) sintetiza quatro principais aplicações para o Método do Estudo de Caso:

1. Para compreender relações complexas entre variáveis em intervenções da vida real que são difíceis de investigar;
2. Para retratar o ambiente real em que uma intervenção ocorreu, fornecendo uma compreensão detalhada do contexto;
3. Para avaliar intervenções, de forma descritiva;
4. Para analisar situações onde as intervenções apresentam resultados indefinidos ou não claramente mensuráveis.

Na verdade, num estudo de caso o investigador não pretende intervir na situação ou no fenómeno, mas procura dar a conhecer tal e qual como ele é, ou seja, a investigação não é experimental e o investigador não tem controlo sobre os acontecimentos, logo, não consegue manipular causas ou comportamentos, nem se pretende tal situação.

Em síntese, um estudo de caso baseia-se no trabalho de campo e estuda uma pessoa, grupo ou organização no contexto real, aproveitando, assim, várias formas de evidências como as entrevistas, observações, documentos, etc.. (Yin, 1984)

Neste trabalho, o estudo de caso centra-se na Porta Solidária, como referido anteriormente e procura dar a conhecer a realidade do projeto, dar resposta a “como” é feito e “porquê”, através de recolha de vários dados: de doações, inquéritos aos beneficiários e entrevistas aos voluntários, doadores e responsáveis que permite chegar à resposta às questões de partida e objetivos.

Foram realizadas entrevistas a 15 doadores, a 30 voluntários e aos 2 responsáveis do projeto.

2.2- A Porta Solidária

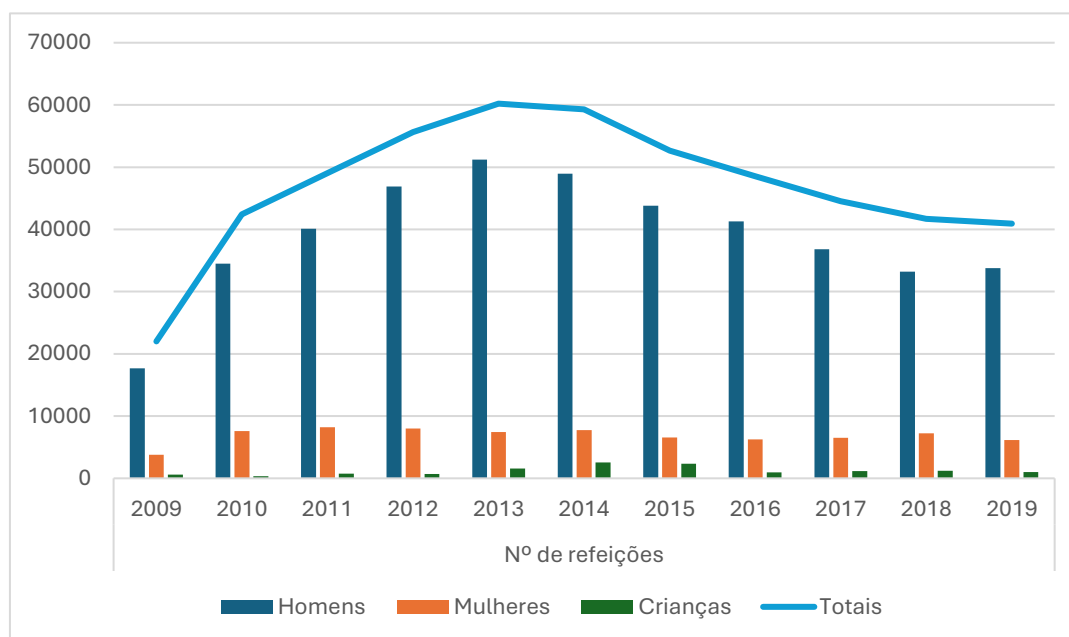
A “Porta Solidária”, implementada em 2009, pertence ao Centro Social da Paróquia Senhora da Conceição, Instituição Particular de Solidariedade Social, fundado em 1982 e situado na Praça Marquês

de Pombal, 111, 4000-391 Porto. Foi criada com o objetivo de dar resposta às necessidades emergentes dos cidadãos mais carenciados e em situação de vulnerabilidade e consiste numa ajuda alimentar diária a pessoas sem meios próprios de subsistência. É um projeto sem financiamento, que opera graças a parcerias com empresas, nomeadamente confeitarias, supermercados, restaurantes e doações de particulares.

No princípio, em 2009, aquando da grande crise económica, foi sentida a necessidade premente de criar um apoio alimentar para toda a população, em situação de grande, alarmante e repentina carência económica e sem capacidade para suportar as despesas básicas. Deste modo, procurou-se garantir que os habitantes do Porto e arredores tivessem sempre um local para receber uma refeição quente.

No primeiro ano foram servidas 21mil refeições, que resulta numa média diária de 58 refeições, no entanto, esse número rapidamente ascendeu a 52mil em 2012, ou seja, 142 refeições diárias, números que se mantiveram sem grandes alterações até ao início da pandemia, tal como se verifica no gráfico seguinte:

Gráfico n.º1: Número de refeições servidas entre 2009 e 2019 pela Porta Solidária



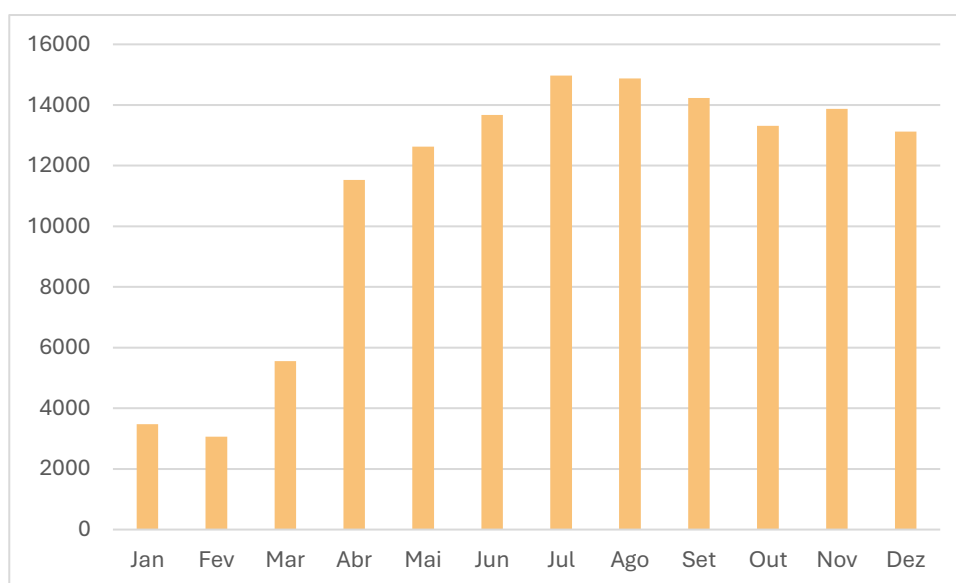
Fonte: Porta Solidária

As pessoas que procuram a Porta Solidária são pessoas em situação de sem abrigo, beneficiários de RSI (rendimento social de inserção), desempregados, trabalhadores cujo salário não é suficiente, reformados e crianças. Inicialmente era servida uma sopa, pão, sandes e bolo. Contudo, em 2020 surgiu

a oportunidade de começar a disponibilizar, também, um prato quente graças a parcerias conseguidas com algumas empresas que começaram a doar arroz, carne, legumes, etc..

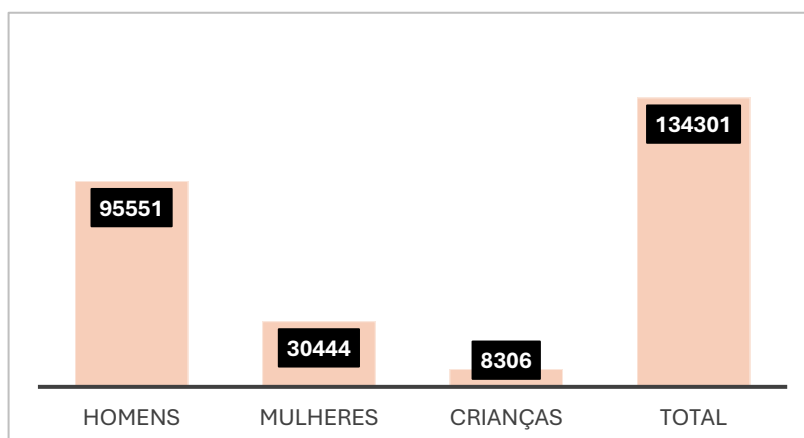
No contexto inicial da pandemia, a partir de 2020, as refeições servidas quadruplicaram, uma vez que em janeiro foram servidas 3471 refeições, em abril 11534 e em agosto 14872. Isto só foi possível graças às ofertas de bens e serviços, nomeadamente doações alimentares, financeiras e através do voluntariado, onde o lema é “dar sem receber”. Serviram-se 134301 refeições durante esse ano, o que perfaz uma média mensal de 11191 e diária de 447:

Gráfico n.º 2: Número de refeições servidas em 2020 pela Porta Solidária



Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos sobre o número de refeições

Gráfico n.º 3: Número de refeições servidas em 2020 pela Porta Solidária (homem, mulher e criança)

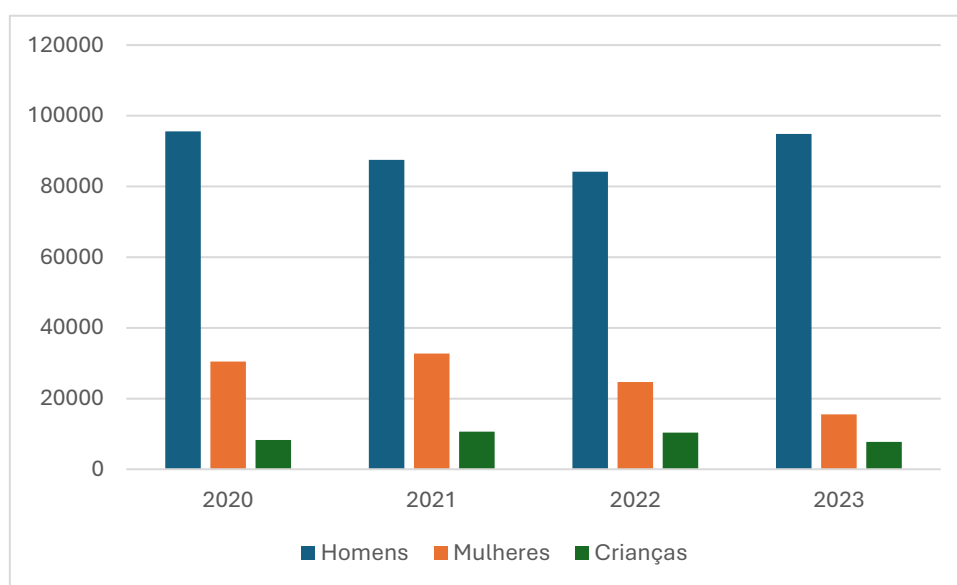


Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos sobre o número de refeições

É importante salientar que a população do sexo masculino, tanto idosos, como jovens correspondem a cerca de 70% dos utentes.

O gráfico n.º4 mostra a diferença considerável de utentes do sexo masculino, feminino e, também, crianças, ao longo dos anos:

Gráfico n.º 4: Número de refeições servidas pela Porta Solidária (2020-2023)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos sobre o número de refeições

Segundo o INE, a taxa de risco da pobreza em 2023 era de 15,4% para o sexo masculino e 17,6% para o sexo feminino. (INE, 2023). Consequentemente, como as mulheres estão em maior risco de viver em situação de pobreza, o número de mulheres que procuram a Porta Solidária para receber uma refeição quente deveria ser superior. No entanto, a Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em Situação de Sem-abrigo, através de um inquérito de caracterização de pessoas em situação de sem-abrigo, realizado em 2021, mostra que 68% das pessoas em situação de sem-abrigo são do sexo masculino. (Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em Situação de Sem-abrigo, 2021).

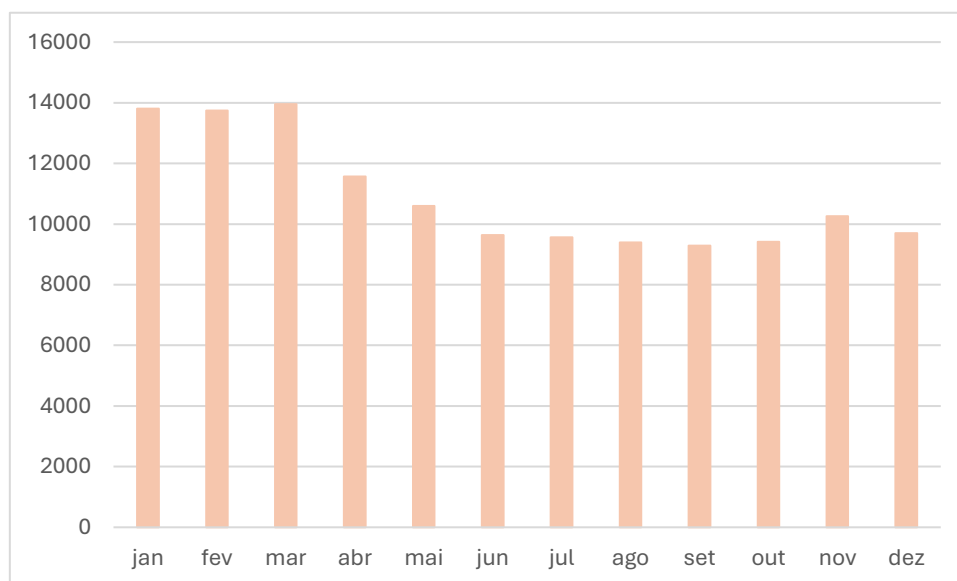
Muitos homens que procuram a Porta Solidária têm histórias de longos períodos de desemprego, ruturas familiares ou problemas de saúde mental e dependências, fatores que aumentam o risco de exclusão.

Sendo a Porta Solidária uma iniciativa composta maioritariamente por voluntários, a dádiva é absolutamente essencial para tornar este projeto viável e sustentável. No início do confinamento, várias pessoas e empresas ficaram sensibilizadas com a quantidade de pessoas em necessidade que

procuraram o projeto e o qual com perseverança e resiliência nunca desistiu de ajudar os outros. Independentemente das restrições em vigor, conseguiram sempre arranjar uma alternativa para garantir refeição a todas as pessoas.

Em 2021, entre janeiro e maio foram servidas 63673 refeições, números que diminuíram nos restantes meses do ano com exceção do mês de novembro. No total, forneceram 130932 refeições.

Gráfico n.º5: Número de refeições servidas em 2021 pela Porta Solidária



Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos sobre o número de refeições

Estes números de 2020 e 2021 foram resultado do fecho temporário de muitas instituições e projetos de apoio alimentar devido às restrições e confinamentos. Porém, para garantir o funcionamento, a Porta Solidária passou a servir a refeição em formato takeaway, em que as pessoas permanecendo em fila, com máscara e com o devido distanciamento, aguardavam a sua vez para receber o kit. Esse kit era composto por sandes, pão simples, bolo, iogurte, fruta, prato quente e sopa. Deste modo, garantiu-se que as pessoas para além de levarem a refeição, também tinham alimento para o pequeno almoço ou almoço do dia seguinte. Para além do fecho temporário de algumas instituições, também se verificou entre janeiro e março de 2021 um novo confinamento geral que levou ao encerramento de escolas, estabelecimentos comerciais não essenciais e no conjunto das pessoas que trabalham e recorrem à Porta Solidária, muitas têm empregos precários, sazonais, ou até sem contrato de trabalho, o que fez com que não conseguissem trabalhar durante os meses de confinamento, nem recebessem apoios do Estado (como o lay-off) levando, assim, ao aumento da procura.

É de salientar que aquilo que diferencia a Porta Solidária das restantes instituições é a sua grande capacidade criativa de adaptação e resposta a todas as situações. De facto, face ao aumento de pedidos de apoio registados, a instituição envidou esforços no sentido de procurar empresas a quem deu a conhecer o projeto com o objetivo de obter apoios. Apesar de se ter enfrentado muitos “nãos”, nunca desistiu e continuou sempre a angariar mais parcerias, nomeadamente com a “Acembex”, que possui várias marcas conhecidas como a “Nova arroz”, “Vita Cress” e “Lusiaves”.

A Porta Solidária também recebe, ainda, doações de padarias e confeitarias locais, hipermercados, Lactogal e Banco Alimentar, entre outras que já apoiaram uma vez ou que apoiam esporadicamente. De destacar também o Hospital Santa Maria no Porto, que todos os dias confecciona sopa e assegura uma recolha anual de alimentos em alguns supermercados. Além disso, também através do Facebook são realizados peditórios de alimentos que vão sendo mais precisos ao longo do tempo com apoio de doadores particulares, pessoas que com a sua espontaneidade e boa-vontade dão aquilo que têm/podem.

Desde junho 2022 que os beneficiários passaram a jantar dentro das instalações do centro social, continuando a receber o mesmo kit para levar para casa para o dia seguinte. Porém, as famílias que têm crianças ou idosos com dificuldade de locomoção/problemas de saúde podem levar a refeição em embalagens descartáveis. As pessoas aguardam em fila, ordenadamente, no exterior do refeitório e vão entrando 40 pessoas de cada vez. Em média cada um demora cerca de 15 minutos a jantar.

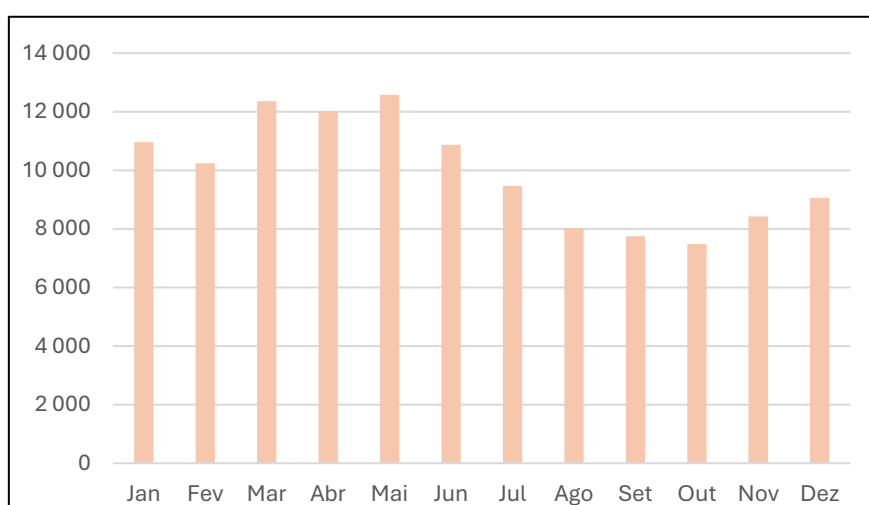
Imagem n.º1: Pessoas em espera na fila de acesso ao jantar



Fonte: Elaboração própria com base em imagem cedida por um voluntário

Em 2022 começou-se a verificar uma diminuição na procura, cerca de 119.223 refeições servidas, no entanto, verifica-se que os números vão oscilando consoante a situação económica do país. Com o aumento de preços provocado pelo aumento da taxa de inflação verificou-se um número crescente de pessoas que não conseguiram suprir as suas necessidades básicas. Adicionalmente, o número de imigrantes em Portugal tem aumentado consideravelmente, sendo maioritariamente brasileiros, marroquinos e argelinos, que vêm à procura de uma vida melhor, mas que se deparam com uma situação de crise económica.

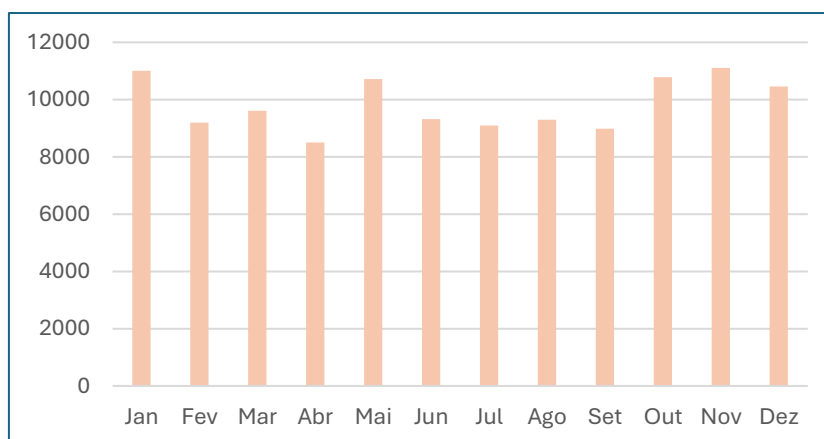
Gráfico n.º 6: Número de refeições servidas em 2022 pela Porta Solidária



Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos sobre o número de refeições

Em contrapartida, também é importante fazer referência ao facto de, nos meses de verão, desde julho até outubro, existir uma diminuição do número de refeições servidas, devido, essencialmente, ao aumento das ofertas de emprego sazonais. Em 2023 a situação mantém-se:

Gráfico n.º 7 : Número de refeições servidas em 2023 pela Porta Solidária



Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos sobre o número de refeições

Em 2023 foi elaborado um inquérito aos beneficiários do projeto. Esse inquérito foi realizado em colaboração com a Cáritas e teve como objetivo a caracterização dos beneficiários. O plano era conseguir perceber quem são as pessoas que recorrem à Porta Solidária e em que situação se encontram, tanto a nível pessoal, social e económico, com o objetivo de realizar, futuramente, uma avaliação de impacto.

O inquérito permitiu obter um conjunto de informação, nomeadamente:

- Sexo
- Idade;
- Se é estudante
- Nacionalidade;
- Se é estrangeiro, desde quando está em Portugal;
- Local de residência;
- Com quem vive : sozinho, família, desconhecidos ou amigos;
- N° de coabitantes;
- Fonte de rendimento (sem rendimentos, salário, reforma, RSI, outros)

Foram inquiridas 343 pessoas e apenas 167 eram portuguesas, ou seja, havia 176 imigrantes. Estes 176 dividem-se por várias nacionalidades:

Tabela n.º 4: Nacionalidade dos beneficiários inquiridos da Porta Solidária

BRASIL	55
MARROCOS	59
MOÇAMBIQUE	1
GÂMBIA	2
GUINÉ	1
SÃO TOMÉ	2
CABO VERDE	4
ANGOLA	9
ARGELIA	25
FRANÇA	1
RUSSIA	2
UCRÂNIA	3
ESPAÑA	1
PERÚ	2
COLÔMBIA	4
MÉXICO	1
ARGENTINA	4
TOTAL	176

Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos do inquérito aos beneficiários

Deste modo, é possível verificar a incidência da população proveniente do Brasil, Marrocos e Argélia e, também, o grande aumento da população imigrante que veio para Portugal à procura de uma vida melhor. Dos 176, 84 estão em Portugal há menos de 2 anos, 80 não têm rendimentos e 71 têm um salário, ou seja, trabalham, mas o rendimento não é suficiente para suportar todas as despesas, principalmente devido ao aumento do preço dos arrendamentos (por exemplo, o valor médio de um T1 na cidade do Porto ronda os 700/800€).

No que toca as idades, verifica-se o seguinte:

Tabela n.º 5: Idades por faixa etária dos beneficiários inquiridos da Porta Solidária

Faixa etária	Nº de pessoas
≤ 20 anos	6
≥ 21 ≤ 30	86
≥ 31 ≤ 40	56
≥ 41 ≤ 50	66
≥ 51 ≤ 60	56
≥ 61 anos	74

Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos do inquérito aos beneficiários

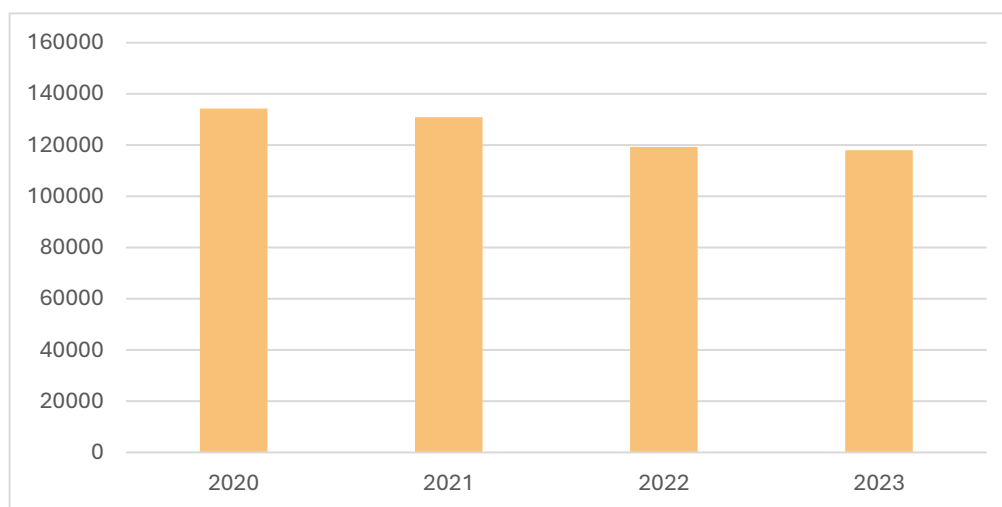
A média de idades é de 44 anos e foram inquiridos 304 homens e 37 mulheres, sendo que 4 não referiram qual o sexo.

Recorrem à Porta Solidária muitos imigrantes, em situação de desemprego, que vivem em tendas debaixo de pontes, ou então, em habitações muito degradadas onde se juntam cerca de 4/5 pessoas num quarto, para conseguirem ter um teto. De acordo com os dados recolhidos, dos 176, 30 vivem em situação de sem-abrigo, 54 vivem sozinhos e 37 vivem com desconhecidos. Dos 37 que vivem com desconhecidos, 26 vivem com mais de 4 pessoas e 4 com mais de 10 pessoas.

Relativamente aos dados recolhidos sobre a população portuguesa, 33 vivem sem rendimentos, 16 com salário, 60 com o RSI (rendimento social de inserção) e 46 vivem da reforma. Dos 167 portugueses inquiridos, 23 vivem em situação de sem-abrigo e todos do sexo masculino.

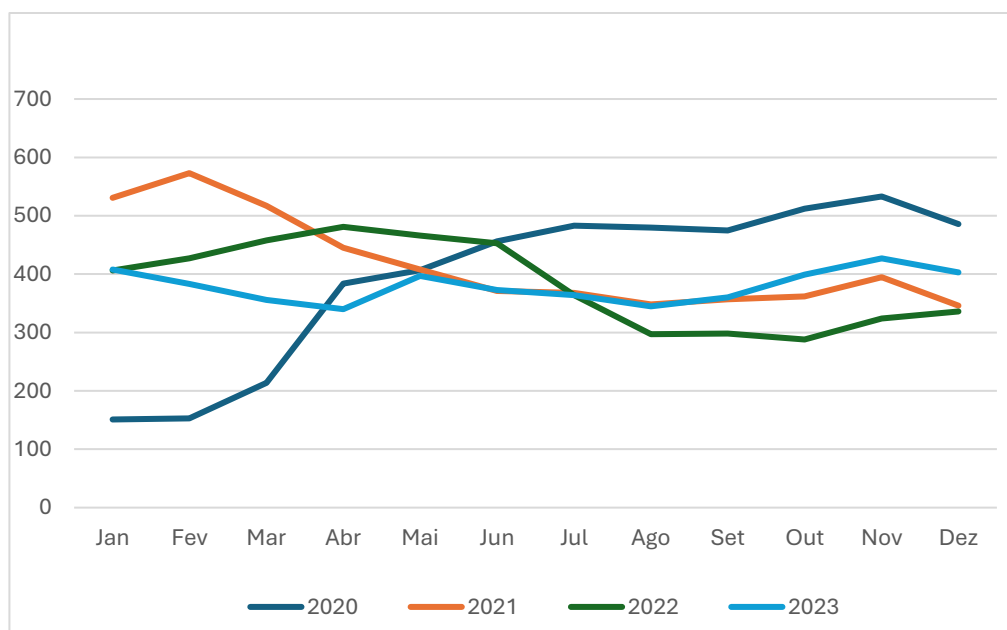
Para concluir, os gráficos seguintes demonstram as oscilações no número de refeições entre 2020 e 2023, bem como as médias mensais por cada ano:

Gráfico n.º 8: Evolução do número de refeições servidas pela Porta Solidária (2020-2023)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos sobre o número de refeições

Gráfico n.º9: Evolução das médias mensais das refeições servidas pela Porta Solidária (2020-2023)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos sobre o número de refeições

Tabela n.º6 Médias mensais das refeições servidas pela Porta Solidária (2020-2023)

	2020	2021	2022	2023
Jan	151	531	406	408
Fev	153	573	427	383
Mar	214	517	458	356
Abr	384	445	481	340
Mai	407	408	466	397
Jun	456	371	453	373
Jul	483	368	364	364
Ago	480	348	297	345
Set	475	357	298	360
Out	512	362	288	399
Nov	533	395	324	427
Dez	486	346	336	403

Fonte: Elaboração própria com base nas médias mensais das refeições servidas

Uma dos fatores que contribuiu para o crescimento da Porta Solidária, foi a visibilidade obtida através dos canais de comunicação social, principalmente a televisão. A exposição junto dos media permitiu, não só, a divulgação da iniciativa social, como também fortalecer a confiança da comunidade e incentivar à adesão de novos voluntários e doadores.

Imagem n.º 2: Exemplo de notícia sobre a Porta Solidária da Sic Notícias



Fonte: Sic Noticias (24/12/2023)



Fonte: RTP (31/07/2022)

Durante a pandemia e os respetivos confinamentos foi notório o aumento da procura e o aumento das necessidades, situação que melhorou com o levantamento das restrições e a recuperação da rotina, no entanto, ainda se verificam muitas situações de fragilidade económica e social. Assim, apesar das diferentes realidades, a dádiva é o motor do projeto que permite dar tantas respostas e suprir tantas necessidades e a sua garantia é essencial.

2.3- Os voluntários

Sendo a Porta Solidária um projeto não financiado, os voluntários ganham, automaticamente, um papel de extrema importância. Sem eles, provavelmente a Porta Solidária não existia e são o fio condutor que permite que tudo seja possível.

A atuação dos voluntários divide-se em várias equipas:

- Equipa que prepara os kits das sandes e bolos (Equipa 1);
- Equipa que prepara os kits da fruta/iogurte/sumo (Equipa 2);
- Equipa que confeciona as refeições (equipa da cozinha) (Equipa 3);
- Equipa que serve as refeições (Equipa 4);

- Equipa de motoristas que vão recolher as sopas (Equipa 5);
- Equipa das recolhas nas padarias e confeitarias (Equipa 6).

O cronograma de um dia de trabalho na Porta Solidária consiste em:

9h-11h: A equipa que prepara as sandes e os bolos:

- Cortar pão (cerca de 800 pães todos os dias);
- Colocar o recheio;
- Colocar as sandes dentro dos sacos;
- Colocar os bolos dentro de sacos;
- Colocar os bolos dentro do saco com as sandes.

15h-16h30: A equipa que prepara os iogurtes/sumo e a fruta;

- Contar o número exato de iogurtes/sumo consoante o número de kits;
- Colocar uma peça de fruta e os iogurtes/sumo dentro de um saco;
- Juntar o saco com as sandes + bolo ao saco iogurte/sumo + fruta

15h-17h: Equipa da cozinha- preparação e confeção das refeições.

16h-17h: Equipa de motoristas- recolha das sopas no Hospital Santa Maria.

17h30-20h: Equipa que serve as refeições:

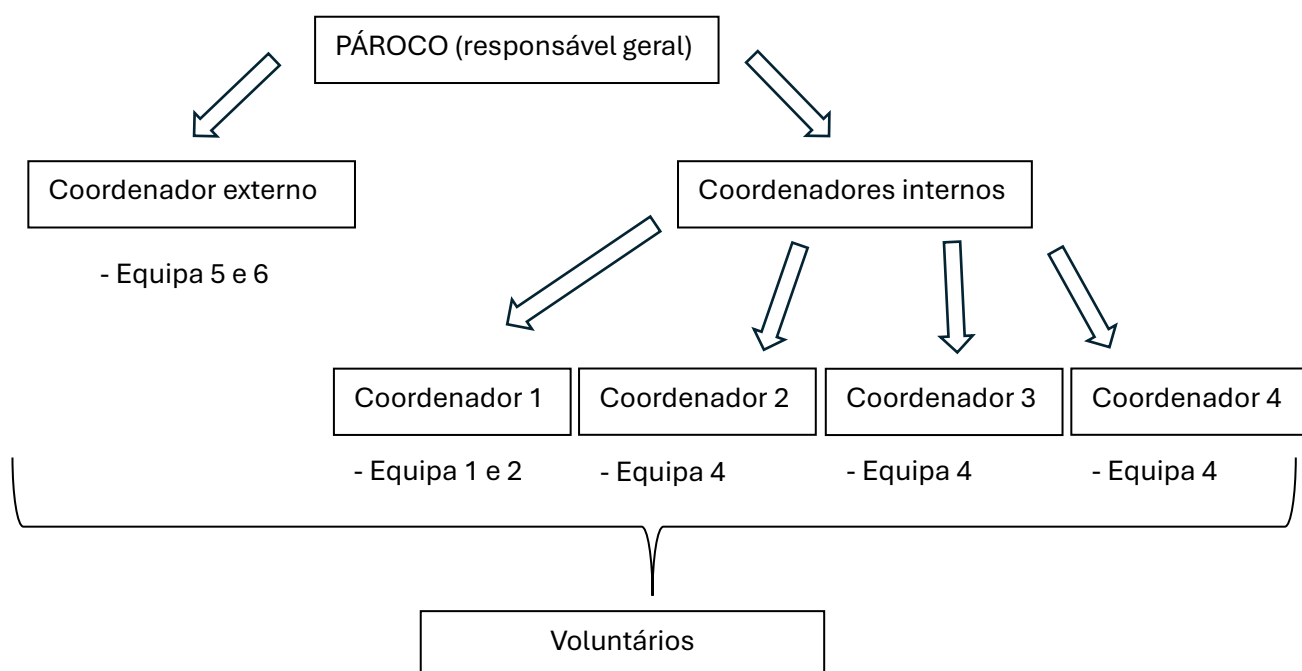
- Servir a sopa e o prato quente;
- Lavar a loiça;
- Arrumar e limpar a cozinha e o refeitório.

20h-21h30: Equipa das recolhas dos excedentes nas padarias e confeitarias.

Para que tudo funcione sem qualquer dificuldade são precisos, em média, entre 25 a 30 voluntários por dia. Assim, os voluntários representam a força humana que torna possível todo este funcionamento diário e ser voluntário da Porta Solidária não beneficia, apenas, os voluntários, mas também enriquece as suas próprias vidas e mostra que a solidariedade e a boa vontade são capazes de mudar as comunidades.

Atualmente, a Porta Solidária possui: um responsável geral, que é o Pároco; um coordenador externo que trata de todas as angariações de voluntários, parceiros e doações e é responsável pelo telefone do projeto; coordenadores internos de cada uma das equipas e os voluntários. Assim, a estrutura de governança traduz-se em:

Figura n.º2: Estrutura de Governança da Porta Solidária



Fonte: Elaboração própria com base na estrutura de governança da Porta Solidária

Imagem n.º4: Preparação do serviço das refeições



Fonte: Imagem cedida por um voluntário da equipa 3

Imagem n.º5: Início do serviço das refeições



Fonte: Imagem cedida por um voluntário da equipa 3

Imagem n.º6: Beneficiários da Porta Solidária a jantar



Fonte: Imagem cedida por uma voluntária da equipa 4

2.4- Os doadores

As instituições têm recursos escassos e para garantirem o sucesso e a estabilidade, precisam de adotar medidas eficientes. Uma das formas de assegurar essa eficiência é através da angariação de fundos- *fundraising*. Cada instituição deve procurar criar uma imagem simples e credível, de modo a que se perceba facilmente o trabalho que é feito e quais as necessidades permentes. (Abreu, 2009)

A criação de uma boa imagem pode levar à obtenção de mais financiamento, essencial para as organizações sem fins lucrativos que não visam o lucro, mas também não podem ter prejuízo. (Andreasen & Kotler, 2008). As organizações sem fins lucrativos podem obter algum rendimento através das quotas ou da prestação de serviços, no entanto, essas receitas não sendo suficientes devem ser complementadas por donativos e parcerias, que podem ser obtidos através de apelos à responsabilidade social das empresas. (Herzer, 2012)

Os doadores escolhem, para apoiar regularmente, uma organização transparente, uma organização onde se veja, de uma forma clara, o trabalho que desempenham e procuram,

essencialmente, organizações com algum tempo de existência e com objetivos bem definidos. É, igualmente importante, mostrar aos doadores de que forma é que a sua doação pode contribuir para a transformação social da comunidade. (Mendonça & Schommer, 2000)

Os doadores desempenham um papel absolutamente crucial em projetos como a Porta Solidária, que não recebem financiamento do Estado e dependem exclusivamente da boa vontade das pessoas, que através de doações, voluntários e parcerias, mostram a sua confiança no projeto, acreditam na missão e garantem a sustentabilidade.

A Porta Solidária recebe doações: 1) em espécie que permitem confeccionar as refeições e os kits que são entregues aos utentes e 2) em dinheiro que é destinado a pagar as contas da água, luz e outras despesas. São muitas as pessoas que estão envolvidas com o projeto, como empresas e particulares que nunca baixam os braços quando é preciso algum apoio. Assim, para além do apoio regular de empresas e outras organizações, também existem grupos de pessoas (particulares) que se uniram e criaram grupos na rede social *Whatsapp* com a finalidade de ajudar e colmatar qualquer necessidade que possa surgir.

De sublinhar a importância crucial dos doadores dado que:

- Garantem a sustentabilidade do projeto;
- Permitem alcançar mais pessoas e aumentar as refeições servidas;
- Permitem criar redes de apoio e fortalecer o sentido de solidariedade da comunidade.

As principais empresas doadoras da Porta Solidária são: o Banco Alimentar, a Lactogal, o Hospital Santa Maria e a Acembex. Cada uma destas empresas permitiu, através do volume de doações, a continuidade do projeto ao longo dos anos. São vários os doadores do projeto, no entanto, o foco será nas principais empresas pela continuidade e quantidade de doações.

Para a realização deste estudo foram obtidas autorizações das principais empresas.

Banco Alimentar:

O Banco Alimentar Contra a Fome é uma organização sem fins lucrativos, criada em 1991 e desempenha um papel crucial no combate à fome e ao desperdício alimentar em Portugal. Faz parte da Federação Europeia dos Bancos Alimentares e a sua principal missão é recolher excedentes alimentares e encaminhá-los para serem distribuídos gratuitamente pelas pessoas mais carenciadas.

Uma resposta necessária mas ambígua, porque *"toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente que lhe assegure e à sua família, a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda aos serviços sociais necessários"* (Excerto do artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos do Homem).

A 23 de fevereiro de 1999, foi criada a Federação Portuguesa dos Bancos Alimentares Contra a Fome, que *"representa os Bancos Alimentares Contra a Fome junto dos poderes públicos, das empresas de âmbito nacional e de organizações internacionais e efectua, a nível nacional, a repartição de algumas dádivas, criando uma vasta cadeia de solidariedade"*. Atualmente, a Federação reúne 21 Bancos Alimentares ativos distribuídos por todo o território nacional, incluindo o continente e as ilhas:

- Abrantes;
- Algarve;
- Aveiro;
- Beja;
- Braga;
- Castelo Branco;
- Coimbra;
- Cova da Beira;
- Évora;
- Leiria-Fátima;
- Lisboa;
- Madeira;
- Oeste;
- Portalegre;
- Porto;
- Santarém;
- São Miguel;
- Setúbal;
- Terceira;
- Viana do Castelo;
- Viseu

Esta rede está organizada de forma a combater o desperdício alimentar e a proporcionar apoio aos mais necessitados, com uma estrutura eficiente e abrangente.

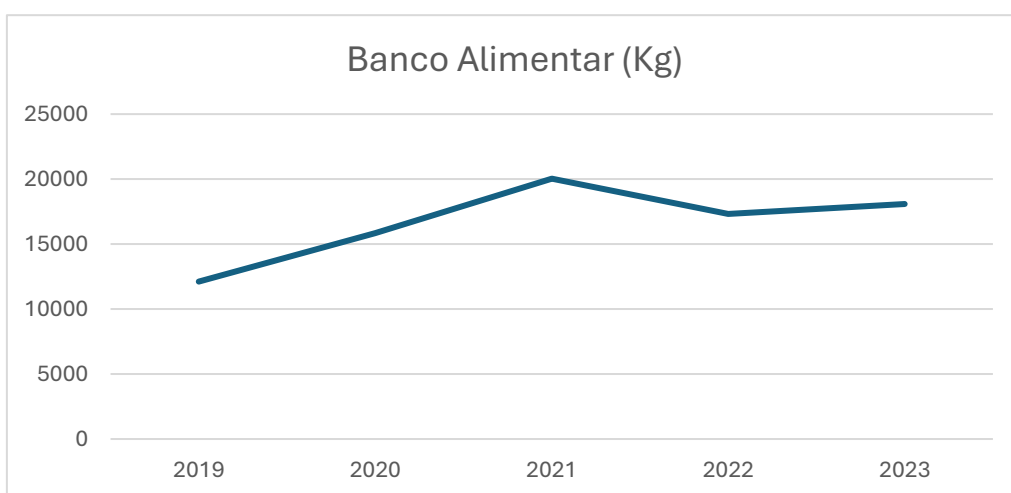
O Banco Alimentar recolhe e distribui dezenas de milhares de toneladas de alimentos e entrega os produtos a milhares de organizações espalhadas pelo país que, por sua vez, confeccionam refeições ou entregam cabazes de alimentos a pessoas/famílias carenciadas.

O Banco Alimentar tem como valores, a *Dádiva* e a *Partilha* : a *Dádiva* e a *Partilha* definem o espírito que norteia todas as relações que se vão estabelecer entre os diferentes intervenientes e parceiros dos Bancos Alimentares. É com este propósito que conseguem recolher e aproveitar aquilo que sobra de grandes empresas da indústria alimentar, que ia ser desperdiçado, e distribuem onde existe falta de alimento. (Banco Alimentar, 2025)

Recebem doações de empresas, principalmente excedentes de produção e, também, de particulares, uma vez que organizam recolhas de alimentos duas vezes por ano em várias superfícies comerciais onde, com a ajuda de voluntários, recolhem toneladas de alimentos, essencialmente não perecíveis (como massa, arroz, enlatados, cereais, leite, etc.) que são doados a instituições.

O Banco Alimentar que apoia a Porta Solidária é o do Porto e atualmente apoia 300 instituições da cidade. Entre 2019 e 2023 a Porta Solidária recebeu desta instituição doações de alimentos que perfizeram mais de 83 toneladas (83.386,47kg) cuja evolução é apresentada no gráfico n.º 9.

Gráfico n.º9: Evolução da quantidade das doações do Banco Alimentar à Porta Solidária (u.m. kg)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos sobre as doações do Banco Alimentar à Porta Solidária

A Porta Solidária recolhe no Banco Alimentar as doações, no mínimo, duas vezes por mês e os produtos mais doados são legumes, iogurtes, fruta, pão e queijos. Para além dos alimentos perecíveis recolhidos, de duas a três vezes por ano é levantado um cabaz com alimentos não perecíveis provenientes, essencialmente, das recolhas nas grandes superfícies.

Lactogal

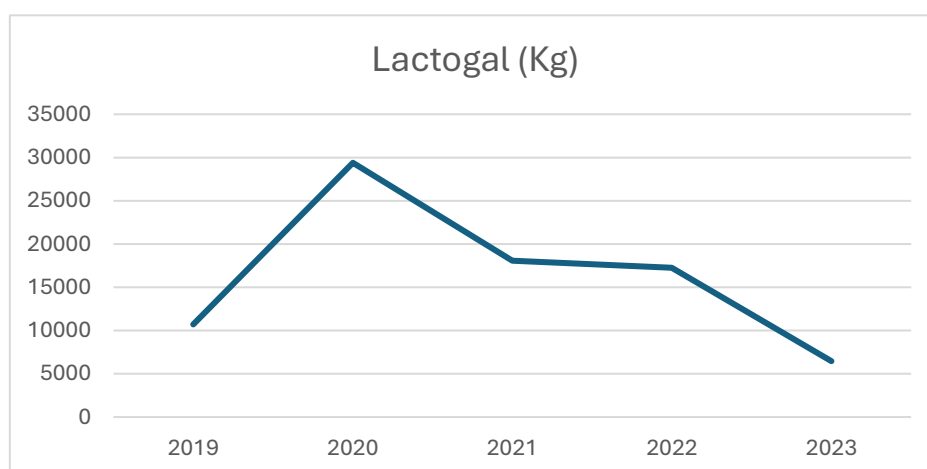
A Lactogal é uma das maiores empresas do setor agroalimentar em Portugal, especializada na produção e comercialização de produtos lácteos e derivados, como leite, queijos, iogurtes, manteigas, bebidas vegetais, entre outros. Fundada em 1996 possui, atualmente, várias marcas conhecidas como Agros, Castelões, Gresso, Matinal, Pleno e Vigor. (Lactogal, 2025)

Em maio de 2020, a Lactogal doou mais de 148 toneladas a 71 instituições espalhadas pelo país, entre as quais 12 hospitais, como o Hospital de São João, Curry Cabral, etc. com o objetivo de suprir necessidades e apoiar hospitais de referência no combate à covid-19. (Lactogal, 2025)

É uma empresa preocupada com a sua comunidade e, por isso, foi criado um programa Donativos que apoia cerca de 100 instituições localizadas em Portugal Continental e ilhas. À semelhança do Banco Alimentar, a Lactogal doa os produtos às instituições locais que, por sua vez, doam a pessoas/famílias carenciadas.

Entre 2019 e 2023, a Lactogal doou à Porta Solidária produtos que em termos quantitativos totaliza 81.880,1 Kg (gráfico n.º 10).

Gráfico n.º 10: Evolução da quantidade das doações da Lactogal à Porta Solidária (u.m. kg)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos sobre as doações da Lactogal à Porta Solidária

Através da análise dos gráficos, é possível verificar que em 2020 houve um aumento considerável nas doações (30 toneladas), dada a situação pandémica que o país atravessava que gerou uma grande onda de solidariedade das empresas e dado o aumento considerável do número de refeições servidas, como verificado anteriormente.

Hospital Santa Maria

O Hospital Santa Maria, no Porto, é uma unidade de saúde privada de referência em Portugal, sendo um dos hospitais mais antigos do país, fundado em 1888 pelas Irmãs Franciscanas e Missionárias de Nossa Senhora. O Hospital Santa Maria está comprometido com o apoio à comunidade e com a responsabilidade social. As irmãs apoiam os doentes e, também, a comunidade através de várias ações de voluntariado local.

Em 2008, a irmã Conceição Carvalho criou a equipa da Pastoral da Saúde do Hospital e

O objetivo principal da sua atividade é a humanização dos cuidados de saúde, no respeito pela vida humana, defesa dos valores ético-morais e promoção dos valores evangélicos. A Pastoral da Saúde reúne um conjunto de voluntários que, em colaboração com as Irmãs Franciscanas Missionárias de Nossa Senhora, participam nas várias atividades. Entre estas contam-se as visitas diárias e individuais aos utentes internados, o acompanhamento dos utentes ao serviço pretendido. As atividades da Equipa da Pastoral da saúde visam acompanhar e auxiliar os utentes que necessitam de cuidados de saúde, principalmente os utentes que se encontram internados, sendo mais suscetíveis de desenvolver sentimentos de solidão e tristeza. Desta forma o despendimento do seu tempo para escutar, respeitando a dor e as necessidades individuais de cada paciente é a função primordial deste serviço de voluntariado. (Hospital Santa Maria, 2024)

Em 2009 o Padre Rubens Marques, responsável pela Porta Solidária, pediu apoio ao Hospital Santa Maria, pois estava a iniciar o projeto e queria prestar o melhor serviço possível às pessoas. Assim, algumas irmãs passaram a ser voluntárias no projeto e a ajudar a servir os utentes. Para além disso, o Hospital Santa Maria também ficou responsável por fazer a sopa necessária para dar aos utentes, sendo que, no início do projeto eram servidas 40 pessoas e posteriormente 100/150, mas, atualmente, são mais de 400, por isso confeccionam, de domingo a sexta, 100 litros de sopa.

O apoio que o Hospital Santa Maria presta com a doação de sopas é crucial para o projeto e, para além da sopa, também são doados, desde 2021, 50kg de carne todas as semanas, 25kg de carne

de porco e 25kg de carne de vaca, ou seja, 200kg por mês. Tendo em conta que quando são confeccionadas refeições de carne, utilizam cerca de 25kg, o apoio do Hospital Santa Maria garante duas refeições por semana (cerca de 800 utentes).

A tabela seguinte mostra as doações dadas pelo Hospital Santa Maria, desde 2021, em quilogramas (kg):

Tabela n.º 7: Evolução da quantidade das doações do Hospital Santa Maria à Porta Solidária

Quantidade/Ano	2021	2022	2023	Total
Quantidade (u.m. kg)	2300	2400	2400	7100

Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos sobre as doações do Hospital Santa Maria à Porta Solidária

É muito interessante ver o apoio que o Hospital Santa Maria presta à paróquia local, através das doações de carne e de sopa, e do trabalho de proximidade que realizam, que tem um grande valor para a cidade e para as pessoas que mais necessitam.

Acembex

A Acembex é uma empresa de comércio internacional que fornece matérias primas para a Indústria alimentar. Produz por ano, mais de um milhão de toneladas de cereais e oleaginosas, sendo o maior operador português nesta área. Por ser uma empresa muito preocupada com a comunidade e com um grande sentido de ajuda e responsabilidade social, decidiu criar, em 2009, o projeto MIMO.

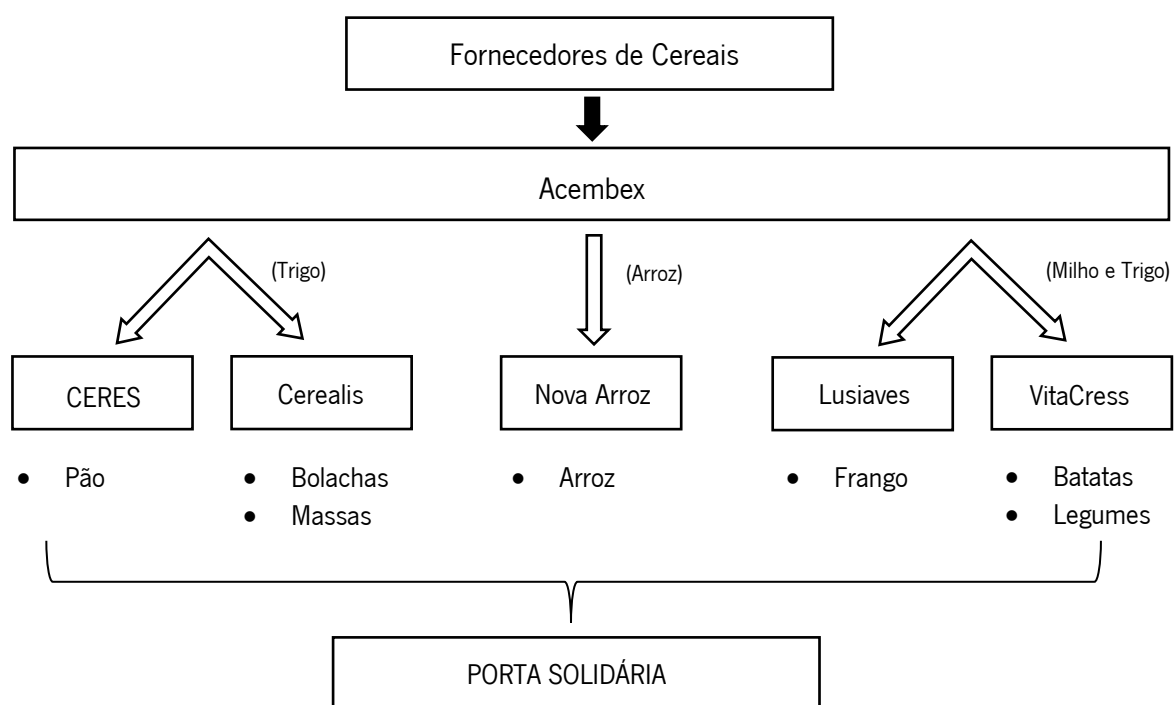
O projeto MIMO começou por apoiar a associação *CrescerSer* (Associação Portuguesa para ao Direito da criança e da família) porque, segundo o antigo CEO da Acembex, a Santa Casa da Misericórdia do Porto fornecia refeições para uma das casas da associação, a Casa de Cedofeita e, com a crise de 2009, deixaram de conseguir fornecer. Por esta razão, como o antigo CEO já conhecia a Casa de Cedofeita, decidiu utilizar a sua empresa para ajudar a associação a continuar a fornecer as refeições. Com o passar do tempo, a empresa alargou o apoio às restantes casas da Associação, presentes em todo o país.

O apoio à Porta Solidária surgiu em 2020, quando o antigo CEO soube que o projeto estava a precisar de muita ajuda para dar resposta a tantas necessidades e decidiu fazer uma chamada para

perceber de que forma é que a sua empresa conseguia ajudar. Falou com um dos responsáveis do projeto e percebeu que as necessidades eram imensas e que a sua empresa poderia ter capacidade para as colmatar.

Mas como é que uma empresa que “apenas” produz cereais e oleaginosas consegue ter tanta influência em iniciativas sociais?

Figura n.º3: Explicação das doações da Acembex à Porta Solidária



Fonte: Elaboração própria com base nas doações da Acembex à Porta Solidária

Através deste esquema, é possível perceber que a Acembex fornece cereais a várias empresas em quantidades superiores às encomendas recebidas, para produzirem uma maior quantidade de produtos que são doados à Porta Solidária. As batatas e os legumes são entregues diretamente ao Hospital Santa Maria e são utilizados para a confeção dos 100 litros de sopa diários. Assim, a doação da Acembex consiste, desde 2020, em:

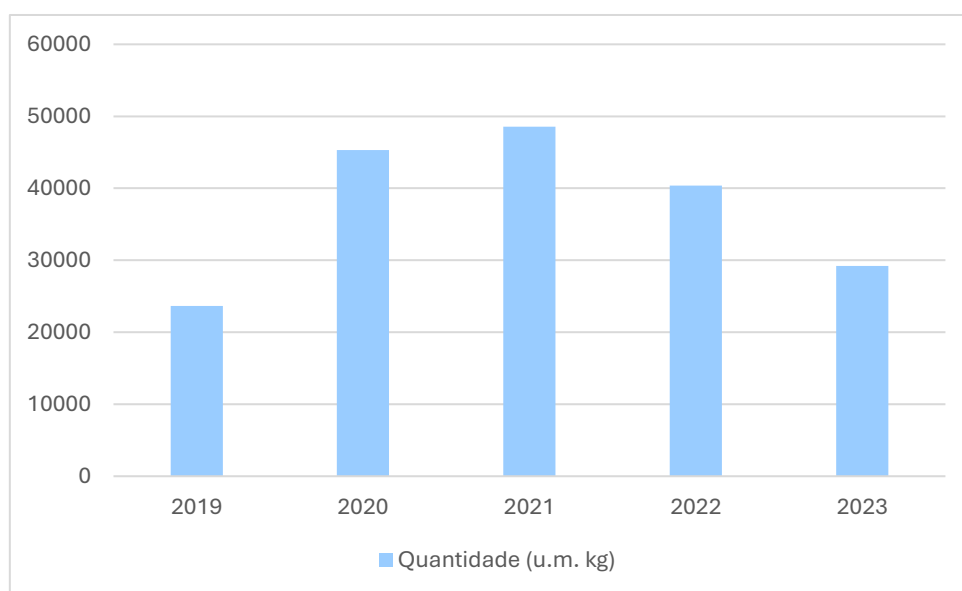
Tabela n.º 8: Doações da Acembex à Porta Solidária

Empresa	Produto	Quantidade	Periodicidade	Total por ano
Ceres (Padaria Celeste)	Pão	500 uni	diário	130.000 pães
Nova Arroz	Arroz	750kg	trimestral	3000 kg arroz
Lusiaves	Frango	96uni	semanal	4608 frangos

Fonte: Elaboração própria com base nas doações da Acembex à Porta Solidária

Para além das principais empresas parceiras referidas, existem ainda outras que apoiam esporadicamente, tais como as confeitarias que dão os excedentes diários. O gráfico nº11 apresenta a evolução do conjunto de todas as doações, por ano :

Gráfico n.º 11: Evolução das doações das principais empresas doadoras à Porta Solidária



Fonte: Elaboração própria com base nas doações das empresas à Porta Solidária

A tabela nº9, mostra as quantidades exatas de doações, entre 2019 e 2023:

Tabela n.º 9: Evolução das doações das principais empresas doadoras à Porta Solidária

Doações Totais	2019	2020	2021	2022	2023	Total
Quantidade(Kg)	23647,3	45322,28	48547,27	40360,98	29203,87	157877,8

Fonte: Elaboração própria com base nas doações das empresas à Porta Solidária

Em 2019 as empresas doadoras eram apenas o Banco Alimentar e a Lactogal, no entanto, a partir de 2020 verifica-se um grande aumento das doações, principalmente em 2021. Em 2023 já se consta uma ligeira diminuição. Em 2020 e 2021 com a situação pandémica mundial, e em particular no Porto, a população tornou-se extremamente solidária, solidariedade essa que se sentiu, principalmente, no aumento das doações de particulares.

Em suma, os dados das doações evidenciam a capacidade da Porta Solidária de mobilizar a comunidade e garantir o apoio necessário para a continuidade da sua missão, destacando a importância da solidariedade em tempos de necessidade.

Imagem n.º7: Exemplo de doação de arroz da Acembex à Porta Solidária



Fonte: Elaboração própria

Imagem n.º8: Exemplo de doação de fruta à Porta Solidária



Fonte: Imagem cedida por uma voluntária da equipa 2

Imagem n.º9: Exemplo de recolha de doações do Banco Alimentar à Porta Solidária



Fonte: Imagem cedida por um voluntário da equipa 5

Imagem n.º10: Logotipo da Porta Solidária



Fonte: Imagem cedida por um responsável da Porta Solidária

Capítulo III- Metodologia de Investigação

3.1- Questões de partida e objetivos

O presente estudo pretende refletir sobre a importância de projetos como a Porta Solidária, da dádiva e do voluntariado, bem como as motivações para ser doador e de que forma são controlados os excedentes das doações.

Assim sendo, são objetivos do estudo:

- ✓ Analisar a importância do voluntariado enquanto contributo para a resposta social da Porta Solidária;
- ✓ Analisar a importância da dádiva para a Porta Solidária;
- ✓ Analisar o perfil do doador e do voluntário;
- ✓ Encontrar uma estratégia de gestão dos excedentes das doações;
- ✓ Identificar o perfil dos beneficiários;
- ✓ E Identificar a significância de ações como a Porta Solidária no combate à emergência alimentar.

Questões de investigação:

Para o desenvolvimento do estudo, procuramos dar resposta às seguintes questões:

- ✓ Em que medida o voluntariado é um contributo para a eficácia da resposta social da Porta Solidária?
- ✓ Qual a motivação do doador para contribuir para a Porta Solidária?

3.2- Entrevista

A entrevista é um dos métodos de pesquisa qualitativa mais utilizados, principalmente em áreas como a psicologia, educação, ciências sociais e antropologia. A pesquisa qualitativa procura compreender os significados que pessoas ou grupos atribuem a questões sociais e humanas, investiga dados descritivos de uma situação ou fenómeno e pressupõem um contacto direto com o pesquisador que realiza o estudo. (Calil & Arruda, 2004).

Minayo (2010, p. 57) define a pesquisa qualitativa como: *aquele que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das perceções e das opiniões, produto das*

interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem. A autora defende que a pesquisa qualitativa é essencial para investigar fenómenos que não podem ser estudados recorrendo apenas a números ou dados estatísticos.

Considera-se a entrevista como uma forma de interação entre duas ou mais pessoas onde o entrevistador não está apenas a recolher dados, mas interpreta o contexto e contribui para a produção de conhecimento. Deste modo, a entrevista permite recolher emoções e motivações dos entrevistados, que são essenciais para compreender determinadas questões de dimensão social. (Minayo, 2010).

A autora reconhece a existência de vários tipos de entrevista:

Individuais:

- ✓ Estruturada (de opinião);
- ✓ Semiestruturada;
- ✓ Não estruturada (aberta).

A entrevista estruturada segue um conjunto de perguntas previamente estabelecidas e a escolha dos entrevistados tem uma relação direta com as perguntas formuladas. Por sua vez, a entrevista semiestruturada pressupõe um conjunto de perguntas previamente estabelecidas, permitindo a exploração de novos assuntos e novas questões com base nas respostas dos participantes. Por fim, a entrevista não estruturada, ou aberta, consiste numa conversa livre que tem como base apenas um tema central, sem perguntas planeadas. (Minayo, 2010).

De grupo:

- ✓ Grupos focais;
- ✓ Brainstorming;
- ✓ Grupo nominal;

Os grupos focais, constituídos por seis a doze pessoas, como o próprio nome indica definem um tema como foco da sessão e o objetivo principal é a interação que se cria entre os participantes e a respetiva troca de opiniões. Já a técnica de brainstorming pressupõe o desenvolvimento da criatividade e do pensamento criativo com o objetivo de criar ideias, resolver problemas e procurar soluções. Por fim, o grupo nominal implica uma votação sobre um determinado assunto.

As entrevistas em grupo:

costumam ser usadas para:

- a) ajudar a formular perguntas mais precisas em questionários;*
- b) contribuir para o desenvolvimento de hipóteses;*
- c) esclarecer algum tema que tenha ficado obscuro em entrevistas ou questionários;*
- d) e cada vez mais, como técnica exclusiva apropriada para constatar a força das interações e da intersubjetividade. Minayo & Costa (2018, p.7)*

Utilizar a entrevista como método de investigação prevê a obtenção de informação baseada no depoimento dos indivíduos e permite ver, de uma forma muito pessoal, o modo como os indivíduos vivem e vêm determinados assuntos consoante o seu meio social.

Deste modo, um bom entrevistador é aquele que procura ouvir atentamente o entrevistado, mostrando interesse nas suas palavras e nas suas emoções, sem colocar questões que possam influenciar o seu discurso. (Belei et al., 2008).

Por consequência, a forma como a entrevista é conduzida desde o início é muito importante, para impedir que o discurso seja influenciado e que a qualidade das respostas possa estar em causa. Por este motivo, o entrevistador deve ter em conta os objetivos da entrevista, o ambiente escolhido para a realização da mesma e as pessoas a entrevistar.

Numa fase inicial, para criar um ambiente mais informal, o entrevistador deve começar por fazer uma breve caracterização dos participantes e a recolher dados que considere necessários. (Batista et al., 2019).

Sintetizando, a entrevista, como método de pesquisa qualitativa permite uma investigação de maior profundidade de um determinado assunto ou fenómeno e dá prioridade às perceções e opiniões individuais. É muitas vezes utilizada em estudos de caso.

3.3- Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo corresponde a uma técnica de tratamento do material recolhido das entrevistas e tem duas dimensões:

- *Dimensão descritiva que visa dar conta do que foi narrado;*

- *Dimensão interpretativa que decorre das interrogações do investigador face a um objeto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teórico-analíticos cuja articulação permite formular as regras de inferência.* Henriques (2014, p. 3)

Depois de realizadas as entrevistas, inicia-se a fase de análise, que começa pela transcrição da mesma. Essa transcrição deve ser verdadeira e integral, sem qualquer alteração. Em seguida, é feita uma leitura atenta de cada entrevista e deve-se retirar as frases, ou o discurso necessários para a investigação, tendo em conta, essencialmente, os pontos em comum com cada entrevista.

A partir da recolha deste dados, é possível partir para a criação de proposições teóricas que vão explicar o fenómeno em estudo (hipóteses). Corresponde, assim, à última fase da análise de conteúdo em que o investigador procura defender o seu estudo. (Henriques, 2014)

3.3.1- Hipóteses

As hipóteses são questões colocadas pelo investigador e procuram responder às questões de partida e aos objetivos.

No que toca aos voluntários, foram colocadas duas hipóteses:

Hipótese 1: “O voluntariado é crucial para o sucesso da Porta Solidária.”

Em várias organizações do Terceiro Setor só é possível dar resposta a uma necessidade inerente de uma determinada população se existirem voluntários para ajudarem a desenvolver a resposta social, caso contrário, em diversas situações, o financiamento adquirido não é suficiente para a elaboração e implementação do projeto.

Hipótese 2: “Os voluntários são motivados pelo desejo de contribuir para o bem-estar da comunidade.”

As diferentes motivações inerentes ao voluntariado podem ser vistas à luz da dádiva. Para Fernandes e Mourão (2012) o voluntariado é uma expressão de dádiva em que o voluntário doa o seu tempo e a sua pessoa com toda a complexidade e centra-se num movimento de alma, (Godbout, 1999), em que vamos em direção ao outro de forma altruísta, porque simplesmente sentimos que o devemos fazer, sem esperar nada em troca. Mas, acabamos sempre por receber, pois ao ajudarmos o outro, também nos ajudamos a nós mesmos.

Para os doadores, pretende-se estudar duas hipóteses:

Hipótese 3: “Escolheram a Porta Solidária para doar pela credibilidade do projeto.”

Os doadores escolhem, para apoiar regularmente, uma organização transparente, uma organização onde se veja, de uma forma clara, o trabalho que desempenham e procuram, essencialmente, organizações com algum tempo de existência e com objetivos bem definidos. É igualmente importante, mostrar aos doadores de que forma é que a sua doação pode contribuir para a transformação social da comunidade.

Hipótese 4: “A rede existente de doações e parcerias é o que assegura a sustentabilidade do projeto.”

As autoras mostram que as parcerias com organizações da Economia Social são acordos voltados para a criação de bens ou serviços com um propósito social. Essas ligações envolvem um compromisso mais profundo e duradouro para alcançar objetivos que não poderiam ser atingidos isoladamente e, deste modo, as partes envolvidas devem contribuir com recursos e conhecimentos e as relações precisam de ser cuidadosamente organizadas e preservadas.

Relativamente aos responsáveis:

Hipótese 5: “A Porta Solidária combate a emergência alimentar.”

São as organizações sem fins lucrativos que fornecem à população alimentos, abrigo, projetos de intervenção, apoio à comunidade, etc., e dependem dos voluntários para prestarem os seus serviços e para atingirem os seus objetivos. Segundo Simmonds (2014), muitas organizações discutem a forma de gerir esta “força de trabalho de caridade” a longo prazo para promover a autossuficiência e a sustentabilidade da organização.

3.4- Recolha de dados

Procedeu-se, inicialmente, à seleção de voluntários para a realização de entrevistas, com o objetivo de incluir representantes das várias equipas que integram o projeto. Relativamente aos doadores, optou-se por entrevistar as principais empresas parceiras, bem como outros doadores particulares que contribuem regularmente.

A autora do estudo trabalha no Centro Social há seis anos como assistente social e diretora técnica e, desde a crise pandémica, tem prestado apoio à Porta Solidária. Este envolvimento direto com o projeto e com as pessoas que dele fazem parte permitiu um conhecimento profundo do seu funcionamento, facilitando, assim, todo o processo de recolha de informação.

Para além das entrevistas aos voluntários e aos doadores, considerou-se essencial entrevistar o Pároco, responsável pelo projeto, e o coordenador externo, responsável pelas doações, parcerias e pelo recrutamento de alguns voluntários.

Relativamente aos dados dos beneficiários, recorreu-se a um levantamento realizado em dezembro de 2023 com o apoio da Cáritas Diocesana do Porto, que procurou desenvolver uma caracterização pormenorizada dos beneficiários através de um inquérito aplicado a 343 pessoas. Foram igualmente utilizados os registos mensais do número de refeições servidas desde 2009.

Quanto aos dados das doações, foram recolhidas todas as faturas e comprovativos de doações desde 2019, com o objetivo de elaborar um documento que permitisse compreender o impacto e a dimensão das contribuições recebidas pela Porta Solidária.

Como mencionado anteriormente, foram entrevistados 30 voluntários, 15 doadores e 2 responsáveis do projeto.

3.5- Análise qualitativa:

3.5.1- Conteúdo das entrevistas;

Conforme mencionado anteriormente, foram realizadas 30 entrevistas a voluntários, 15 a doadores e 2 aos responsáveis. Para tal, foi necessário a elaboração de três diferentes guiões de entrevista, em que o guião dos voluntários é composto por 14 perguntas, o dos doadores por 9 e o dos responsáveis por 16.

Os guiões das entrevistas encontram-se no anexo 1.

As transcrições das entrevistas encontram-se disponíveis nos anexos 2, 3 e 4.

O método de investigação qualitativa utilizado permite captar perceções, sentimentos e reflexões dos voluntários, doadores e responsáveis que dificilmente seriam compreendidas através de métodos quantitativos. Todos somos pessoas diferentes e a melhor forma de dar a conhecer um projeto em profundidade é “ouvir” como ele é vivido na realidade, perceber como é que os voluntários dão importância ao seu papel, quais as reais motivações, como se relacionam com os beneficiários e dar voz aos voluntários permitiu perceber não só os desafios enfrentados, mas também os laços emocionais e transformações pessoais que são resultado do envolvimento no projeto.

No que toca aos doadores, as razões para ser doador podem ser inúmeras e entender o que os motiva requer mais do que uma simples quantificação das suas doações. As entrevistas realizadas contribuíram para uma compreensão mais detalhada das histórias e razões subjacentes dos doadores para apoiar projetos como a Porta Solidária. Desta forma, permitiram compreender não apenas os motivos para doar, mas também a perceção que os doadores têm sobre o impacto das suas contribuições para o sucesso e sustentabilidade da Porta Solidária.

Por fim, também foi considerado de extrema importância a realização da entrevista aos principais responsáveis e criadores do projeto, uma vez que têm uma visão privilegiada sobre toda a logística, gestão e organização diária. Estes forneceram insights sobre o modo: como tudo funciona; como identifica e recrutam voluntários; como estabelecem parcerias, conseguem doadores; quais as estratégias de comunicação; como enfrentam os desafios e como asseguram a continuidade do projeto.

Cada pessoa entrevistada ofereceu uma perspetiva única e contribuiu para entender, de uma forma global, o dia a dia do projeto e os seus desafios, bem como o impacto na comunidade em que todos partilham o mesmo objetivo, que é dar respostas a quem mais precisa, por meio da dádiva e da união entre todos.

3.5.2- Entrevistas com os voluntários

As entrevistas feitas com os voluntários da Porta Solidária foram fundamentais para perceber as suas experiências, motivações, desafios, impacto pessoal e as respostas mostraram a diversidade de sentimentos e perspetivas que moldam a experiência e o crescimento de cada um.

Nesta análise, destacam-se os principais temas que permitiram ter uma compreensão mais profunda do papel dos voluntários e da importância do projeto.

A questão nº 4 sobre as motivações para fazer voluntariado veio mostrar a teoria, anteriormente apresentada, de Clotfelter (2002), De Vem e Kolm (2020), que explicam as principais motivações inerentes ao trabalho voluntário. Estas podem ser motivações altruístas, egoístas, de justiça, entre outras. Para o voluntário 9, a sua motivação é puramente altruísta: *é a vontade de ajudar, sempre, de fazer bem, sem esperar nada em troca. É o que me move*; já para o voluntário 2 é *melhorar a vida de alguém um bocadinho, melhorar o mundo de alguma pessoa*; motivações de justiça: para o voluntário 20 é *tornar o mundo um bocadinho mais justo para todos* e, na mesma perspetiva, segundo o voluntário 14 é *querer combater as desigualdades*.

Para além das motivações altruístas e de justiça, também existem as motivações egoístas, como mostra o voluntário 1 *as nossas motivações são sempre egoístas (...) eu faço para me sentir bem (...) há sempre um fundo de egoísmo e o egoísmo não é errado (...) faço porque me sinto útil, porque acho que estou a retribuir o muito que me é dado*. Por outro lado, também se verificam várias situações em que o altruísmo e o egoísmo se juntam, por exemplo: *ajudar os outros, a maior motivação é essa e é este sentido de utilidade na vida* (voluntário 12); *aquilo que começou como altruísmo, de tentar ajudar os outros, eu saio daqui sempre mais realizado (...) tem um lado egoísta e eu tiro benefícios de vir ajudar, para mim. Mentalmente é importante* (voluntário 10); *sinto que, muitas vezes, posso ser a única pessoa com quem os utentes têm a oportunidade de conversar, seja sobre futebol, meteorologia, ou outros assuntos banais ou não. Isso traz-me uma sensação de propósito e importância, pois percebo que, além de contribuir de uma maneira prática, também ofereço companhia e escuta, algo que pode ser muito significativo para eles* (voluntário 8).

Por outro lado, também se verificam motivações religiosas, por exemplo: *eu não consigo dissociar essa opção da minha fé. A minha motivação começa por ser uma opção de fé, ou seja, aquilo em que acredito é que servir a Deus não pode ser de costas voltadas aos irmãos* (voluntário 13); *é o mandamento do amor ao próximo, poder contribuir com aquilo que sou e com aquilo que tenho (...) verem também o serviço dos cristãos e da igreja posto em prática*. (voluntário 19).

Relativamente à questão 7 sobre a relação entre os voluntários e os utentes, a equipa que tem mais contacto com os utentes é a equipa 4, que serve as refeições. A equipa 1 e 2 não tem qualquer contacto, tal como a equipa 6. Já as equipas 3 e 5 têm algum contacto pontual. Neste sentido, foi possível perceber que *às vezes é difícil, estas pessoas têm uma certa necessidade de “despejar” as suas mágoas e preocupações em nós (...) mas no geral a relação é muito boa e acho que vê-se mesmo que há muita gente muito grata, a sorrir e a dizer obrigado* (voluntário 5); *Já têm acontecido situações desagradáveis tanto entre os utentes como para com os voluntários, às vezes têm dificuldades em respeitarem as regras, isto também pelo número elevado que diariamente frequenta a instituição e que pode originar confusão, mas no geral há uma boa relação e até por vezes de entre ajuda* (voluntário 15); *É uma relação boa. Os voluntários que andam cá são pessoas que gostam de ajudar o próximo, que não fazem discriminação de espécie alguma e eu acho que os utentes sentem isso e que ficam agradados com isso e percebem o esforço que muitos fazem após um dia de trabalho ou voluntários que já são idosos e que dedicam muito o seu dia aqui* (voluntário 16).

Quanto à questão sobre o número de horas que estão a dar ao projeto e se seria importante existirem mais voluntários para que a carga horária pudesse ser reduzida, a média de horas semanais entre os voluntários entrevistados é de, aproximadamente, 5h e alguns estão confortáveis com a sua carga horária e não sentem necessidade de existirem mais: *a importância dos voluntários para reduzir a minha carga horária não é nenhuma, sou sincera, porque estas duas horas para mim são fundamentais por semana* (voluntário 2); *eu estou bem assim, é o horário que eu gosto* (voluntário 9); *não sinto necessidade de reduzir a carga horária, muito pelo contrário, acho que o que dou é pouco* (voluntário 7); *estou confortável com o horário, não preciso de mais voluntários para reduzir o meu horário* (voluntário 3); *Faço aquilo que posso e não sinto necessidade de reduzir, porque já é muito pouco, mas é o que consigo* (voluntário 18).

Por outro lado, alguns voluntários consideram importante a existência de mais apoio para conseguirem reduzir a sua carga horária: *se existissem mais voluntários, em vez de vir todas as semanas, vinha semana sim, semana não* (voluntário 4); *se existissem mais voluntários era muito bom, uma vez que estou com vários hobbies e muitas vezes sinto-me na obrigação de vir, com receio de virem poucos e eu falhar* (voluntário 19); *eu arriscava de vez em quando ficar em casa. Acho que o haver mais voluntários, sobretudo, tornava mais leve para todos, um bocadinho* (voluntário 13).

O início de uma experiência de voluntariado traz, para muitos, uma transformação a nível pessoal, sensação de empatia, gratidão, orgulho e um sentido renovado de propósito. O sentir que deixamos de ser espectadores passivos das injustiças sociais e da vida de quem luta diariamente contra as dificuldades, para sermos agentes ativos de mudança. Essa consciência traz um sentimento de pertença e realização pessoal, principalmente quando percebemos que o que fazemos é realmente importante e faz a diferença na vida de várias pessoas.

Este sentimento é partilhado pelos voluntários da Porta Solidária: *eu acho que é realização pessoal mesmo, também posso chamar de felicidade por fazer algo para a sociedade* (voluntário 12); *motivou a nível pessoal, que me senti útil, numa altura de reforma (...) senti que me levantou um bocadinho* (voluntário 11); *teve um impacto bastante significativo para mim, a nível de crescimento pessoal (...) ao contactar com a pobreza que às vezes é um tema abstrato, nós sabemos que existe, mas só sentimos verdadeiramente quando contactamos com as pessoas e percebemos a importância de iniciativas como esta* (voluntário 19); *sinto que desenvolvi mais empatia e uma maior sensibilidade em relação às necessidades dos outros (...) percebo que o voluntariado me exige crescer mais rápido, tanto*

emocionalmente, como na forma de lidar com diferentes situações e desafios (voluntário 8); *sinto-me mais orgulhosa de mim, com uma mente mais aberta e atenta à nossa realidade social* (voluntário 14).

Relativamente à questão nº 6: em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado), obtiveram-se os seguintes resultados:

- 15 voluntários avaliaram em 5;
- 14 voluntários avaliaram em 4;
- 1 voluntário avaliou em 3.

A questão nº 8: numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição:

- 22 voluntários avaliaram em 5;
- 7 voluntários avaliaram em 4;
- 1 voluntário não respondeu, pois não tem contacto com os trabalhadores

É visível que os voluntários da Porta Solidária gostam de fazer parte do projeto, sentem-se muito valorizados e têm boa relação com os trabalhadores da instituição, o que é muito importante, pois na ausência de remuneração, os voluntários devem sentir-se motivados e valorizados para continuar a ajudar, regularmente.

A questão nº 12: se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€) foi difícil de responder pela maior parte dos entrevistados, uma vez que consideram que o trabalho, sendo voluntário, não deve ser pago, por isso nem consideram a hipótese de receber algum salário e nunca tinham refletido sobre esse assunto.

Porém, os resultados obtidos foram os seguintes:

- Até 10€: 16 voluntários;
- Entre 10 e 20€: 10 voluntários;
- + de 20€: 4 voluntários.

Com base nos testemunhos recolhidos, foram formuladas duas hipóteses, acima mencionadas, que procuram perceber a importância do voluntariado para um projeto como a Porta Solidária e quais as motivações inerentes ao trabalho voluntário:

Tabela n.º10: Resultados da hipótese 1

Entrevistados	Hipótese 1: O voluntariado é crucial para o sucesso da Porta Solidária.
Voluntário1	<i>É uma importância máxima, se não forem os voluntários, não há kits, não há comida. Portanto, é uma cadeia aqui dentro e também precisamos dos voluntários que nos deem comida, que nos deem um produto.</i>
Voluntário 3	<i>Se não houver voluntários, isto não trabalha. Todos nós temos o nosso lugar e todos nós fazemos falta. É para lavar a louça, é para pôr a louça, é para lavar os copos, é para levantar copos da mesa, é para pôr pão, é para encher garrafas d'água, é para ver quem deixa comida debaixo da mesa, quem esconde e quem deita fora. Todos nós temos um trabalho a fazer.</i>
Voluntário 19	<i>Porque 98% do trabalho é trabalho voluntário. Algumas funcionárias do Centro Social dão uma ajuda, mas se não fossem os voluntários, das duas, uma tinha que se contratar gente para trabalhar e então os custos aumentavam muito, ou então tinha que se deixar de haver Porta Solidária porque não havia recursos para contratar gente para trabalhar na Porta Solidária.</i>
Voluntário 13	<i>Eu acho que são fundamentais e que o projeto não existia se não existissem voluntários</i>
Voluntário 10	<i>A Porta Solidária sem os voluntários não tinha capacidade para alimentar 400, 500 pessoas, por isso os voluntários são fundamentais. Sem os voluntários era impossível fazer-se um décimo do que se faz agora</i>

Fonte: Elaboração própria com base nas entrevistas aos voluntários

Tabela n.º 11: Resultados da hipótese 2

Entrevistados	Hipótese 2: Os voluntários são motivados pelo desejo de contribuir para o bem-estar da comunidade.
Voluntário 11	<i>A minha motivação é ajudar quem precisa, acho que faz parte de mim, hoje são eles, quase amanhã poderemos ser nós, mas faz parte da minha maneira de ser, acho que é mais por aí, gosto de ajudar.</i>
Voluntário 8	<i>Sinto uma forte motivação em ajudar pessoas e contribuir para a vertente social. Acredito que, ao dar mais de mim, posso ser útil na sociedade e fazer a diferença na vida de quem precisa</i>
Voluntário 22	<i>Gosto de estar mais envolvida na comunidade local e ajudar quem mais precisa.</i>
Voluntário 7	<i>Acho que há sempre pessoas que precisam mais do que nós e que devemos ceder um bocadinho do nosso tempo também a tentar ajudá-los. Pode ser pouco, gostava que fosse mais, mas gota a gota, se todos fizermos um bocadinho chegamos lá.</i>
Voluntário 17	<i>A minha motivação é sem dúvida ajudar o próximo, tentar ajudar por mais pouca que seja a minha ajuda, é querer um mundo melhor, com mais igualdade entre todos.</i>

Fonte: Elaboração própria com base nas entrevistas aos voluntários

Os dados obtidos validaram as hipóteses e confirmaram que o voluntariado é, de facto, uma peça fundamental para o sucesso e sustentabilidade do projeto. O envolvimento ativo dos voluntários

assegura, não só, a execução das atividades diárias, como também contribui para a criação de um ambiente de empatia e acolhimento. Os testemunhos evidenciaram que, sem o compromisso e a dedicação dos voluntários, o projeto dificilmente continuaria em funcionamento, principalmente com as mesmas capacidades e a abranger tantas pessoas.

A hipótese 2 confirmou que o desejo de contribuir para o bem-estar da comunidade é uma motivação principal para os voluntários. Muitos entrevistados destacaram sentimentos de empatia, justiça social e a necessidade de “fazer a diferença” e “ajudar quem mais precisa” como fatores que os levaram a integrar o projeto.

Para concluir, um sentimento que está muito presente nos voluntários é que se todos fizermos alguma coisa por alguém, o Mundo será certamente um lugar melhor. Há sempre alguém com mais necessidade e, juntando a força de todos, é possível melhorar a comunidade e contribuir para o bem-estar de cada um.

3.5.3- Entrevistas com os doadores

Os doadores desempenham um papel decisivo na sustentabilidade de projetos como a Porta Solidária e permitem que as organizações continuem a apoiar pessoas em situação de fragilidade económica e social. Compreender as suas motivações e o impacto das suas contribuições é fundamental para avaliar a sustentabilidade e a eficiência deste tipo de iniciativas.

Para além das parcerias com algumas empresas, como referido anteriormente, existem grupos de doadores que se disponibilizam a ir comprar alimentos, sempre que existe essa necessidade. Esses grupos foram criados durante a pandemia e até hoje se mantêm ativos e sempre prontos a ajudar. Doam de uma forma altruísta, sem esperar nada em troca, e valorizam mais o propósito social do que qualquer retorno, seja financeiro ou outro. Deste modo, no que toca à questão *Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável*, 13 responderam 5, ou seja, é muito provável que continuem a ser doadores, mesmo que não recebam benefícios fiscais e apenas 2 responderam 2, ou seja, é improvável que continuem a doar sem benefícios fiscais.

Este dados demonstram que a relação de proximidade com a instituição gera um compromisso que transcende incentivos fiscais e que a ausência de benefícios não comprometeria a continuidade das

doações. No entanto, é importante ter em conta que todas as doações são necessárias, por isso deve-se garantir algum incentivo para os doadores que valorizam as questões financeiras.

No que toca à questão *Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos* é possível referir que as doações estão muito bem organizadas, ou seja, tanto as empresas como os doadores particulares dão, na maior parte das vezes, alimentos nas quantidades certas e todos os meses os mesmos alimentos, para garantir que nada de estraga, como mostra o doador 10 *eu acredito nas pessoas da instituição e acredito que se houver excedente elas tratarão de canalizar para outras pessoas ou instituições que também saibam que necessitam* e o doador 11 *pode haver um excedente muito pontual, mas não acredito (...) porque eu estou aqui diariamente e portanto não dou por dar, dou porque precisam e porque me dizem o que é preciso e, segundo, o volume de utentes é tão grande que eu acho que é difícil haver excedentes.*

Com base nas entrevistas realizadas, foram formuladas e testadas hipóteses com o objetivo de perceber o perfil e envolvimento dos doadores. Assim, as hipóteses analisadas permitem entender o envolvimento e o compromisso dos doadores para com o projeto e, também, permitem identificar os fatores que asseguram a manutenção das doações. Os resultados das hipóteses testadas são os seguintes:

Tabela n.º 12: Resultados da hipótese 3

Entrevistados	Hipótese 3: Escolheram a Porta Solidária para doar pela credibilidade do projeto.
Doador 11	<i>(...) gosto do projeto, acredito no projeto e vejo sinceridade nas pessoas que estão envolvidas. E pessoalmente, e no meu grupo, somos pessoas solidárias, gostamos de ser solidários para com o próximo, sem estar a olhar quem ajudamos. E acho que a Porta Solidária cumpre estes requisitos.</i>
Doador 5	<i>Na época da pandemia, era comum surgirem na televisão reportagens da ação solidária da Porta Solidária junto de quem precisa para obter uma refeição quente. Pessoas ligadas ao mundo do turismo, que de um momento para o outro ficaram sem trabalho, também estavam a pedir ajuda. Com esta memória recente e tendo o nosso CEO, já conhecimento do projeto, fez sentido a Porta Solidária ser uma das instituições escolhidas para ser apoiada</i>
Doador 13	<i>Há muitas paróquias que não fazem metade do que esta faz e nem se preocupam com essa parte social. A preocupação do pároco, que é um bocado a nossa, é dar melhor qualidade de vida às pessoas. Isto está a substituir o estado e quando explodem as necessidades, em 2020, eu tive mesmo de fazer alguma coisa e nós é que temos de estar agradecidos à porta solidária de servir de solução nestas coisas todas.</i>
Doador 2	<i>(...)E é mesmo de uma importância gigante o trabalho que fazem e por isso para nós faz todo o sentido poder apoiar. Acabam, também, por ser um parceiro, quando falamos mesmo na luta contra o desperdício (...)</i>
Doador 1	<i>(...) uma amiga, na pandemia. Relatou que estavam com muitas pessoas para ajudar e precisavam de bens alimentares (...), é mais uma migalha a juntar a tantas outras e assim podemos ajudar muitas pessoas</i>

Entrevistados	Hipótese 4: A rede existente de doações e parcerias assegura a sustentabilidade do projeto.
Doador 11	<i>eu sou a coordenadora de um grupo de doadores (...) ajudamos a Porta semanalmente e neste momento como estamos focados em dar géneros frescos, alimentos frescos (...)</i>
Doador 4	<i>Somos uma Empresa comprometida com a nossa comunidade e, dentro do que nos é possível, fazemos doação de produtos nossos com o objetivo de suprir necessidades alimentares das instituições que estão incluídas no nosso Programa de Donativos.</i>
Doador 10	<i>É para juntar ao bolo, não é? Eu fico contente por fazer parte da gota d'água. Como dizia a Madre Teresa de Calcutá, no mar, aquela gota d'água, faz falta em todo o universo, nós temos o nosso papel e aqui quanto mais pessoas doarem e ajudarem mais conseguem abrir o leque de pessoas que ajudam. (...)</i>
Doador 3	<i>(...)a Porta Solidária é aquela que apoiamos com maior regularidade, pela proximidade, mas também pela importância do trabalho que desenvolvem e por sabermos que realmente ajudam as pessoas. É um projeto que é uma mais-valia grande para a cidade e para as pessoas que lá recorrem.</i>
Doador 17	<i>Ao contribuir com alimentos , dinheiro , recolhas pão , e juntamente com muitas mais pessoas doadoras , conseguimos que a Porta Solidária possa continuar a ajudar quem precisa .</i>

Fonte: Elaboração própria com base nas entrevistas aos doadores

A hipótese 3 é validada, uma vez que as entrevistas indicam que a credibilidade do projeto é um fator determinante para os doadores, bem como a confiança na sua gestão, a transparência das ações e a perceção do impacto positivo na comunidade. A presença da Porta Solidária na comunicação social durante a pandemia, associada a ações concretas de resposta às necessidades emergentes, contribuiu para consolidar a sua credibilidade. Esse reconhecimento público influenciou, principalmente, os doadores.

Os testemunhos demonstrados na hipótese 4 validam a hipótese e validam que as doações asseguram a sustentabilidade e, também, demonstram que o projeto depende diretamente da sua rede de doações e parcerias para a sua sobrevivência. Os depoimentos refletem uma forte consciência de que cada doação, mesmo que pareça pequena, é essencial para manter o projeto em funcionamento. A referência à *gota d'água* de Madre Teresa de Calcutá simboliza essa mentalidade coletiva, em que se cada um der a sua *gota d'água* é possível criar um lago ou um rio de doações e dar ainda mais respostas às necessidades sentidas pela comunidade. Deste modo, o compromisso coletivo e a regularidade das doações demonstram que a solidariedade em rede é um modelo eficaz para sustentar projetos sociais e os doadores mostram estar comprometidos, uma vez que acreditam na seriedade e relevância do projeto.

3.5.4- Entrevistas aos responsáveis

Os resultados das entrevistas aos responsáveis do projeto mostram diversos fatores importantes sobre a estrutura, desafios e impacto desta iniciativa social.

Verifica-se, mais uma vez, que a Porta Solidária depende diretamente de voluntários, de parcerias com empresas e doadores particulares e preferem doações em espécie para suprir as necessidades diárias. Deste modo, a transparência e a credibilidade são fatores cruciais para garantir a confiança e o apoio diário e contínuo.

Os voluntários são descritos como "o tesouro" da organização, sendo indispensáveis para as tarefas do dia-a-dia, desde a recolha de alimentos até à preparação e distribuição de refeições. Uma das características diferenciadoras da Porta Solidária é a forma como acolhe os beneficiários, oferecendo-lhes não apenas refeições, mas também um espaço digno onde se sentem respeitados. Este acolhimento humanizado contribui para o fortalecimento da autoestima dos beneficiários e é apontado como um dos fatores que fidelizam doadores e voluntários.

Assim, os responsáveis consideram que os motivos para que os voluntários não deixem de ajudar e os doadores não deixem de doar são: *é a boa vontade. E é as pessoas terem os olhos abertos para a realidade da pobreza e das necessidades que passam, em grande parte, na nossa população portuguesa. Portanto, um coração com abertura social, uma inteligência que reflete sobre as situações reais, leva a que as pessoas permaneçam quer no voluntariado, quer nas doações* (responsável 1); *Ao voluntário, é inculcada uma ideologia de passagem de testemunho, atribuindo funções de elevada importância, fazendo o cidadão voluntário sentir-se realmente útil na sociedade. Ensinando a passar o testemunho, a fazer o bem, constrói-se uma sociedade de entreajuda e autossustentável. Ao doador, é explicado todo o processo de responsabilidade social, que a importância de doar regularmente, mesmo que em pequena quantidade, é o que faz com que o projeto funcione.* (responsável 2)

Os beneficiários que recorrem ao projeto são:

-Utente em situação de dificuldade financeira, sem meios de autossustentação suficientes;

-Famílias em que se perde a capacidade financeira, temporariamente, evitando o endividamento e difícil recuperação;

-Estudantes deslocados sem meios de subsistência, afetados pelos preços da habitação, inflação e outras despesas como propinas universitárias. (responsável 2)

Segundo o responsável 1: *Quem espera na fila, são pessoas em situação de sem-abrigo, muitos idosos, sobretudo homens, que vivem sozinhos num quarto em que a reforma fica toda para pagar o aluguer do quarto e que não têm retaguarda familiar; também temos as famílias, onde até há, por exemplo, um elemento que trabalha, mas um salário não chega para pagar as despesas familiares e, mais recentemente, à cerca de 2 anos, os migrantes, vindos de países de África, América do Sul, que neste momento correspondem a quase metade das pessoas que recebemos.*

Sendo a Porta Solidária um projeto que existe desde 2009, que já passou por vários momentos de crise e de dificuldade e que, mesmo assim, nunca fechou a porta e lutou sempre para conseguir dar resposta às necessidades de todos, leva a refletir sobre as estratégias necessárias para abrir um projeto igual, noutra cidade, já que este funciona tão bem e de uma forma tão organizada. Ao questionar os responsáveis sobre que conselhos dariam a quem quisesse replicar o projeto noutra cidade, o responsável 1 considera que *o conselho que eu daria é exatamente que tenha bom corpo de voluntários, que confie também na providência e que não deixe nunca de bater à porta de instituições e de empresas que possam colaborar*; por sua vez, o responsável 2 referiu que *o método Porta Solidária, é criado pelo povo, para o povo. A ideologia de todos ajudarem um pouco é o que pode tornar o projeto possível em qualquer parte do Mundo.*

No que toca ao impacto na comunidade, embora o responsável 1 não se refira ao trabalho da Porta Solidária como um *sucesso*, a iniciativa tem claramente um impacto significativo na comunidade, tanto pela resposta às necessidades alimentares quanto pela sensibilização da sociedade para a importância da solidariedade.

Tabela n.º 14: Resultados da hipótese 5

Entrevistados	Hipótese 5: “A Porta Solidária combate a emergência alimentar.”
Responsável 1	<i>Os principais objetivos é responder à emergência alimentar. Depois, também proporcionar um espaço digno para as pessoas jantarem, que não seja na rua ou num passeio, mas sentadas à mesa. E proporcionar-lhes, também, acolhimento, porque a maioria das pessoas não se sentem acolhidas, sobretudo agora, quando se trata dos migrantes. E a Porta Solidária tem um modo de acolher que também ajuda a elevar a autoestima das pessoas que nos procuram.</i>
Responsável 2	<i>A obtenção e mediação de bens alimentares e de necessidade básica, de forma a reestruturar uma sociedade que negligencia a segurança alimentar. A visão será evitar a fome na cidade do Porto, servindo como exemplo para outras comunidades.</i>

Fonte: Elaboração própria com base nas entrevistas aos responsáveis do projeto

Em relação aos desafios com excedentes, organização e logística, os responsáveis consideram que *o principal desafio talvez seja o espaço. Não podemos dizer que as nossas instalações são pequenas, porque não são e temos muito espaço para arrumação, mas, às vezes as doações são tantas que não sabemos onde armazenar. Por exemplo, se formos ao Banco Alimentar e no mesmo dia recebermos doações da Lactogal, normalmente ficamos sem espaço nos frigoríficos, porque são essencialmente alimentos frescos que precisam de frio. Quando estamos a arrumar, temos de ter sempre em atenção os prazos de validade e organizar, no caso dos frigoríficos, os alimentos por data para garantir que nada se estraga e isso às vezes é muito complicado. É raro termos excedentes de doações, mas como funcionamos em rede, com outras instituições da cidade, se tivermos algum excedente, telefonamos e partilhamos. Como também as outras instituições fazem connosco.* (responsável 1); *A manutenção da qualidade do produto alimentar é uma dificuldade, no entanto, evitam-se sobras, aproveita-se todo o produto doado, com o número elevado de utentes torna-se mais fácil escoar donativos pontuais de maior quantidade, evitando possíveis perdas (...) Os excedentes são por vezes encaminhados para outras instituições, distribuídos irmãmente por todos os utentes ou adicionados aos cabazes familiares como reforço pontual.* (responsável 2). A organização das doações e gestão de excedentes torna-se, por vezes, um desafio, mesmo tendo bastante espaço disponível para acomodar corretamente os alimentos, nem sempre é suficiente.

A questão nº 15 tinha como objetivo que os entrevistados emitissem a sua opinião de forma a permitir uma análise SWOT da Porta Solidária, tendo em conta os pontos fortes, pontos fracos, ameaças e oportunidades do projeto. As respostas foram muito objetivas e interessantes. No conjunto foi permitido elaborar a seguinte tabela:

Tabela n.º15: Análise SWOT da Porta Solidária

PONTOS FORTES - <i>União comunitária, recrutamento ativo, forte resiliência e treino adequado de voluntários para aprenderem a não desistir.</i> - <i>Forte capacidade de resposta alimentar diária.</i> - <i>Credibilidade e transparência na gestão das doações.</i>	PONTOS FRACOS - <i>A incapacidade de suprir outras necessidades básicas como habitação temporária para pessoas em situação precária.</i> - <i>Elevada dependência de voluntários e doadores regulares</i> - <i>Falta de planeamento estratégico a médio e longo prazo.</i>
OPORTUNIDADES - <i>Parcerias com novas empresas que entram regularmente no mercado Português.</i> - <i>O aumento do número de grandes superfícies de venda de bens alimentares, proporciona aumento de possibilidade de recolha de bens alimentares.</i> - <i>Utilização de canais digitais para angariação de fundos e doações</i>	AMEAÇAS - <i>A dependência da situação económica estável de doadores individuais regulares.</i> - <i>O aparecimento de imigrantes que, pelo elevado aumento de números de utentes, ameaçam a capacidade da Porta Solidária ajudar todo o seu povo com a mesma qualidade habitual</i> - <i>Cansaço e rotatividade de voluntários</i>

Fonte: Elaboração própria com base nas entrevistas aos responsáveis do projeto

Analisando a tabela n.º15, é possível afirmar que a Porta Solidária tem tido uma grande capacidade de resposta até à data, mas é aconselhável investir em estratégias de diversificação de apoio (não dependendo tanto dos mesmos voluntários e doadores) e de planeamento a longo prazo. A organização deve procurar numa estratégia mais proativa. A ameaça maior parece ser interna: o cansaço dos voluntários e a falta de estrutura para crescer de forma sustentável.

A Porta Solidária é um exemplo de solidariedade ativa, com uma estrutura que tem conseguido adaptar-se aos desafios, principalmente devido ao papel dos voluntários e à confiança conquistada junto dos doadores. No entanto, a dependência de recursos externos e a ausência de uma estratégia a longo prazo são fragilidades que merecem atenção para garantir a continuidade e sustentabilidade do projeto.

3.6- Análise e discussão dos resultados

A análise e discussão dos resultados obtidos tem como objetivo interpretar os dados recolhidos nas entrevistas aos voluntários, doadores e responsáveis do projeto, de modo a perceber a dinâmica do voluntariado e das doações. Deste modo, a partir das hipóteses levantadas e das respostas obtidas, é possível fazer algumas observações e tirar conclusões importantes para a continuidade e evolução do projeto.

Concluiu-se que, sem o voluntariado e os doadores o projeto não existia e não seria possível o combate à emergência alimentar da mesma forma. Foi notório que a empatia para com a causa, o desejo de contribuir para melhorar a comunidade e o bem-estar de cada um e a dedicação dos voluntários é o que garante a sua continuidade e consistência ao longo do tempo. Estes não contribuem apenas com o seu tempo, mas com a energia emocional e vínculo afetivo que criam com os beneficiários e que torna toda a experiência de voluntariado numa transformação mútua. Contudo, a dependência de voluntários regulares pode ser um desafio e a necessidade de recrutar voluntários novos foi partilhada por todos.

No que toca aos doadores, estes mostraram que a credibilidade do projeto e a confiança que depositam é o que os mantém sempre presentes e prontos a dar. O sentirem que as suas doações são verdadeiramente importantes fazem realmente a diferença para a causa social desvalorizando, assim, a questão dos benefícios fiscais e retorno financeiro. Neste sentido, os doadores são motivados pela credibilidade e pelo impacto visível das suas contribuições e, deste modo, a motivação para doar está mais ligada ao altruísmo.

Relativamente às empresas parceiras como a Acembex, Hospital Santa Maria, etc. é possível referir que a sustentabilidade do projeto está ligada não apenas ao número de doações, mas também à qualidade dessas doações e das parcerias. O trabalho com empresas parceiras é uma estratégia essencial para garantir o funcionamento diário e a sustentabilidade a longo prazo. No entanto, é fundamental manter uma relação de proximidade, bem como a valorização constante dos doadores para garantir que estes se mantêm. Contudo, a dependência de doações regulares é um ponto frágil, por isso é importante a criação de estratégias a longo prazo que permitam resolver problemas sem prejudicar o serviço prestado.

A Porta Solidária tem um impacto muito positivo na comunidade, não apenas pelo combate à emergência alimentar, mas pela forma de acolhimento e pelo apoio emocional que prestam aos beneficiários. Assim, a comunidade reconhece a importância da iniciativa e valoriza a sua transparência.

Uma estratégia para perceber a sustentabilidade do projeto e a criação de um plano futuro seria a realização de uma avaliação de impacto para ser possível medir de uma forma precisa a eficácia do serviço prestado através da utilização de indicadores. Esta avaliação poderia ser partilhada com a comunidade com o objetivo de reforçar ainda mais a imagem e garantir a fidelidade e confiança contínua dos voluntários e doadores.

Muitos voluntários consideram essencial o reforço das equipas e a obtenção de mais voluntários, para que não precisem de estar tantas horas por semana no projeto e consideram que os responsáveis devem ter em conta a importância da formação. Apesar de motivados, alguns voluntários apresentam um certo cansaço e é importante que não sintam obrigação em ajudar, mas sim motivação por fazê-lo de forma contínua.

Para concluir, é impossível não fazer referência à relevância do projeto e à sua importância extrema no dia-a-dia daqueles que não têm meios próprios de subsistência para garantir a satisfação de uma necessidade básica como a alimentação. A criação de uma rede tão sólida de voluntários e doadores é o fio condutor que leva ao sucesso final de combate à emergência alimentar. A Porta Solidária deve continuar a recrutar voluntários e doadores para que constitua sempre uma força transformadora na vida de tantas pessoas em situação de vulnerabilidade.

Capítulo IV- Conclusão e considerações finais

A presente investigação teve como objetivo perceber a importância do voluntariado e da dívida para o sucesso da Porta Solidária, analisar o perfil do doador e do voluntário, através da realização de entrevistas e mostrar a importância de ações como a Porta Solidária no combate à emergência alimentar. A proximidade que a responsável do estudo tem com o projeto foi fundamental, uma vez que possui contacto diário com os voluntários, doadores e beneficiários e já tinha uma relação de proximidade com todos, o que facilitou o acesso a toda a informação e a recolha de dados.

As questões de partida que serviram de base para toda a investigação foram: Em que medida o voluntariado é um contributo para a eficácia da resposta social da Porta Solidária? e Qual a motivação do doador para contribuir para a Porta Solidária? Ao longo da investigação, as questões foram sendo respondidas e os objetivos foram sendo cumpridos, através da revisão da literatura e da análise dos diferentes dados e das entrevistas.

É notório que o voluntariado desempenha um papel crucial na eficácia da resposta social da Porta Solidária e através do trabalho dedicado dos voluntários, é possível garantir a operacionalidade e o funcionamento do projeto, centrado na organização e distribuição dos alimentos. Deste modo, o voluntariado é uma força motriz que impulsiona o impacto positivo da Porta Solidária na comunidade, fortalecendo os laços sociais e promovendo a solidariedade.

No que diz respeito à motivação dos doadores, presente na revisão de literatura e nos resultados obtidos nas entrevistas e na análise do perfil, identificou-se que enquanto algumas pessoas são motivadas por um senso de responsabilidade social e empatia em relação aos mais carenciados, outras são movidas pela satisfação pessoal e pela busca de um propósito maior na vida. Além disso, fatores como experiências pessoais, valores culturais e influências sociais desempenham um papel importante na decisão de contribuir com a Porta Solidária. Compreender essas motivações é essencial para direcionar estratégias de captação de doações e envolvimento da comunidade.

Através das entrevistas feitas aos responsáveis, foi possível perceber que a forma como se abordam possíveis doadores é crucial para a sua captação e formalização de parcerias. Explicar a importância da doação de cada um, a diferença de uma doação regular e uma doação pontual, bem como utilizar a transparência do projeto para cativar mais doadores são fatores cruciais para a sustentabilidade. Apesar da importância das doações em dinheiro para suportar custos como água, luz, entre outras despesas, o facto de serem feitos pedidos de alimentos em espécie e nunca, no caso das redes sociais, pedidos de dinheiro, faz com que a comunidade entenda que a única preocupação é alimentar quem precisa, quem não consegue alimento de outra forma e este princípio traz mais doadores para o projeto.

No que toca às limitações do estudo, apesar de ter sido escolhida uma amostra significativa, algumas entrevistas foram difíceis de combinar dada a pouca disponibilidade das pessoas. Acresce que algumas podiam ter desenvolvido mais as questões, mas não tinham tanto à vontade para tal. Outra limitação identificada é a dificuldade em medir o impacto a longo prazo, bem como a falta de dados sobre a sustentabilidade. Apesar de o projeto funcionar bastante bem e apresentar um grande crescimento ao longo dos anos, a dependência dos voluntários e doadores será sempre vital.

No futuro, seria pertinente completar este estudo com uma investigação centrada na gestão dos excedentes de doações em géneros, não só na Porta Solidária, mas também nas restantes organizações sociais da cidade do Porto. O facto da Porta Solidária servir, em média, 400 pessoas por dia, constitui um meio ágil de escoamento de muitos géneros alimentares doados. No entanto, levantam-

se questões de organização, de acomodação dos alimentos e da existência de espaço que assegure a sua conservação.

Relativamente a sugestões para melhorar o projeto, através das respostas dos voluntários, é muito importante proporcionar-lhes uma formação contínua, em áreas como gestão e mediação de conflitos, primeiros socorros, higiene e segurança alimentar entre outros.

Replicar uma iniciativa social como a Porta Solidária é, em teoria, possível, desde que se tenham em consideração os fatores essenciais, como a valorização das pessoas envolvidas, a adaptação ao contexto local e a transparência na gestão. No entanto, trata-se de um processo exigente, que requer tempo, dedicação e muito trabalho colaborativo.

Com a chegada da pandemia, o funcionamento do projeto sofreu alterações significativas, principalmente devido ao aumento acentuado da procura de apoio social. Foi necessário encontrar soluções rápidas e eficazes para responder às novas necessidades. Este período coincidiu com uma onda de maior solidariedade por parte da população em geral, incluindo empresas e instituições, o que facilitou a mobilização de recursos e apoios.

A resposta positiva da comunidade permitiu não só manter como reforçar o apoio prestado pelo projeto. Os doadores, ao observarem o impacto direto das suas contribuições no dia-a-dia, reconhecem a importância do seu envolvimento, o que é fundamental para garantir a continuidade da ajuda, aumentando assim, o número de doadores regulares e comprometidos nesta iniciativa social.

Por fim, é visível a importância da Porta Solidária e de projetos similares no combate à emergência alimentar, iniciativas que desempenham um papel fundamental na garantia do acesso a alimentos para aqueles que mais necessitam, aliviando o impacto da insegurança alimentar, promovendo a dignidade e o bem-estar das pessoas em situação de vulnerabilidade. Através da economia da dádiva e do voluntariado, a Porta Solidária é uma iniciativa social demonstrativa do poder da solidariedade e da cooperação na construção de uma sociedade mais justa, mais equitativa e mais inclusiva.

Referências Bibliográficas

Abreu, M. (2009). Glossário de fundraising: Call to action, Consultadoria em Fundraising.

Alfes K., Antunes B., Shantz A. D. (2017). The management of volunteers—What can human resources do? A review and research agenda. *The International Journal of Human Resource Management*, 28(1), 62–97.

Alfes, K., Shantz, A., & Bailey, C. (2016). Enhancing volunteer engagement to achieve desirable outcomes: What can non-profit employers do? *VOLUNTAS: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, 27(2), 595–617. <https://doi.org/10.1007/s11266-015-9601-3>

Alves, M. A., & Galeão-Silva, L. G. (2004). A crítica da gestão da diversidade nas organizações. *Revista de Administração de Empresas*, 44, 20-29.

Andreasen, A.R., Kotler, P. (2008). Strategic marketing for nonprofit organizations. Prentice Hall, upper Saddle e River, NJ.

Andreoni, J., & Miller, J. (2002). Giving according to GARP: An experimental test of the consistency of preferences for altruism. *Econometrica*, 70(2), 737-753.

Anheier, H.K. e Salamon, L.M., (1999). Volunteering in cross-national perspective: Initial comparisons. *Law and Contemporary Problems*, 62(4), pp. 43-65.

Ata, B., Tongarlak, M. H., Lee, D., & Field, J. (2024). A dynamic model for managing volunteer engagement. *Operations Research*.

Banco Alimentar Contra a Fome (2025, 15 de janeiro) <https://www.bancoalimentar.pt/>

Batista, E. C., de Matos, L. A. L., & Nascimento, A. B. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(3), 23-38.

Bechara, F., & Bernardino, S. (2021). A motivação para o trabalho dos voluntários: O caso da Associação Vencer. *Portuguese Journal of Finance, Management and Accounting*, 7 (13), 93 - 128. Disponível em <http://u3isjournal.isvouga.pt/index.php/PJFMA>Archer, E. R. (1997). O mito da motivação. In C. Bergamini & R. Coda (Eds.). *Psicodinâmica da vida organizacional: Motivação e liderança*, 2ª ed. São Paulo, Atlas.

Belei, R. A., Gimeniz-Paschoal, S. R., Nascimento, E. N., & Matsumono, P. H. V. R. (1). O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos De Educação*, (30). <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i30.1770>

Berenguer, G. and Z.-J. M. Shen (2020). Challenges in managing nonprofit operations: An operations management perspective. *Manufacturing & Service Operations Management* 22, 888–905.

Binder, M. (2015). Volunteering and life satisfaction: A closer look at the hypothesis that volunteering more strongly benefits the unhappy. *Applied Economics Letters*, 22(11), 874–885.

Borgonovi, F. (2008). Doing well by doing good. The relationship between formal volunteering and self reported health and happiness. *Social Science and Medicine*, 66, 2321–2334.

Bowen, H. R. (2013). *Social responsibilities of the businessman*. University of Iowa Press.

Brudney, J. L., & Meijs, L. C. (2014). Models of volunteer management: Professional volunteer program management in social work. *Human Service Organizations: Management, Leadership & Governance*, 38(3), 297-309.

Calil, R. C. C., & Arruda, S. L. S. (2004). Discussão da pesquisa qualitativa com ênfase no método clínico. *Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação*, 173-213.

Cho, H., Wong, Z. E., & Chiu, W. (2020). The effect of volunteer management on intention to continue volunteering: A mediating role of job satisfaction of volunteers. *Sage open*, 10

Corullón, M. (1997). Trabalho voluntário. Programa Voluntariado Conselho Comunidade Solidária. Brasília.

da Ponte, J. P. (1994). O estudo de caso na investigação em educação matemática. *Quadrante*, 3(1), 3-18.

de Sousa, C. F. (2014). Associativismo voluntário, uma categoria central no pensamento de Alexis de Tocqueville. *Cadernos do Tempo Presente*, (17).

de Souza Minayo, M. C., & Costa, A. P. (2018). Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, (40), 11-25.

dos Benefícios Fiscais, E. Decreto-Lei n. ° 215/89, de 1 de julho do Ministério das Finanças. *Diário da República: 1ª série*.

DRE, D. D. Lei n. ° 71/98, de 3 de novembro. *Diário da República n. ° 254/1998, Série IA*.

Einolf, C. J., & Yung, C. (2018). Super-volunteers: Who are they and how do we get one Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly, 47(4), 789–812. <https://doi.org/10.1177/0899764018760400>

Ellis, S. (2010). From the Top Down: The Executive Role in Successful Volunteer Involvement (De cima para

Englert, B., Thaler, J., & Helmig, B. (2020). Fit themes in volunteering: How do volunteers perceive person–environment fit? Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly, 49(2), 336–356. <https://doi.org/10.1177/0899764019872005>

ENIPSSA. (2024). *Síntese de resultados 2023 – Inquérito de caracterização das pessoas em situação de sem-abrigo*. <https://www.enipssa.pt/documentacao>

Esteves, A., Mendes, A., Lourenço, A., Chau, F., Pinto, F., Oliveira, F., Cunha, M., Tavares, M., Franco, R., Gonçalves, R., Garrido, S., Silva, S. & Ramus, T. (2015). Diagnóstico das ONG em Portugal: Estudo sobre organizações não governamentais. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

Falcone, E. M. O. (2008). A evolução e as relações entre os estilos de vinculação, a empatia e a raiva. Relatório final de Pesquisa de Pós Doutorado não publicada. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Fallon B. J., Rice S. M. (2015). Investment in staff development within an emergency services organisation: Comparing future intention of volunteers and paid employees. *The International Journal of Human Resource Management*, 26(4), 485–500

Fernandes, A., & Reis Mourão, P. (2012). Para uma abordagem institucionalista do voluntariado: o caso do voluntário da Cruz Vermelha portuguesa. *Innovar*, 22(43), 45-54.

Fernandes, S. (2016). Manual de apoio na gestão de voluntariado. *Porto: Federação Nacional de Associações Juvenis*.

Fiorillo, D. Volunteer work and domain satisfactions: evidence from Italy. *International Journal of Social Economics*, v. 39, p.97-124, 2011.

Garner, J. T., & Garner, L. T. (2011). Volunteering an opinion: Organizational voice and volunteer retention in nonprofit organizations. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 40(5), 813–828. <https://doi.org/10.1177/0899764010366181>

Godbout, J. (1992), *O Espírito da Dádiva*, Instituto Piaget, Lisboa

Haivas S. M. (2009). The management of volunteers. *Tomul nr. 18/2009, 4*, 40-43

Han, S. (2014). Social capital and subjective happiness: Which contexts matter? *Journal of Happiness Studies*, 16, 241–255.

Henriques, S. (2014). Análise de conteúdo.

Herzer, D.; Nunnenkamp, P. (2012). Private donations, government grants, commercial activities, and fundraising: Cointegration and causality for NGOs in International development cooperation, *Kiel Working Papers*, n. 1769, pp-133.

Hidalgo, M. C., & Moreno, P. (2009). Organizational socialization of volunteers: The effect on their intention to remain. *Journal of Community Psychology*, 37(5), 594–601.
<https://doi.org/10.1002/jcop.20317>

Hospital Santa Maria (2025, 15 de janeiro) Responsabilidade Social
<https://hsmporto.pt/responsabilidade-social/>

Hudson, Mike (1999). *Administrando organizações do terceiro setor*. São Paulo: Makron Books.

Koenig, H. G. (2007). Altruistic love and physical health. In S. G. Post (Ed.), *Altruism & health* (pp. 422–441). New York: Oxford University Press

Kolm, S. (2000). Introduction to the economics of altruism, giving and reciprocity. Equality exchange paper: Norwegian School of Economics and Business Administration.
Consultado em: <http://mora.rente.nhh.no/projects/EqualityExchange/Portals/0/articles/kolm11.pdf>.

Instituto Nacional de Estatística. (2019). Inquérito ao Trabalho Voluntário 2018.
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=379956830&DESTAQUESmodo=2

Instituto Nacional de Estatística. (2024). Taxa de risco de pobreza: total e por sexo (%).
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0004219&contexto=bd&selTab=tab2

Lactogal (2025, 16 de Janeiro) Responsabilidade Social

https://www.lactogal.pt/content.aspx?menuid=54&_gl=1*xvkuin*_up*MQ..*_ga*ODUxMjM4NjAxLjE3Mzc1NDU2NjM.*_ga_Z2RPYSY3H4*MTc0MTQ0ODUwOS40LjEuMTc0MTQ0ODUyNS4wLjAuMA..

- Li, C., Wu, Y., & Kee, Y. H. (2016). Validation of the Volunteer Motivation Scale and its relations with work climate and intention among Chinese volunteers. *Asian Journal of Social Psychology*, 19(2), 124-133.
- Lima, V. S. (2009). Os vínculos que brotam da Dor. Rio de Janeiro: Trabalho apresentado no XIV Congresso Brasileiro de Sociologia.
- Lima, A., & Oliveira, F. (2015). O valor do tempo: Dádiva e voluntariado em Portugal em tempos de crise. O valor do tempo: dádiva e voluntariado em Portugal em tempos de crise, (2), 300-326.
- Marcos, N., Parente, C., & Amador, C. (2013). Reflexões sobre o conceito e prática do voluntariado no terceiro setor português.
- Marcos, V., & Amador, C. (2014). A gestão do voluntariado. In C. Parente (Ed.), *Empreendedorismo Social em Portugal* (pp. 201–218). Porto: Universidade do Porto.
- Mascarenhas, A. O., & Zambaldi, F. (2002). Motivação em programas de voluntariado empresarial: um estudo de caso. In: Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Administração, Salvador, Anpad.
- Mauss, M. (1924). *The gift: The form and reason for exchange in archaic societies*. Edição consultada: Mauss, M. (2000); W. W. New York: Norton & Co.
- Melluci, A. (2001). *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes
- Minayo, M. C. S. (2010). Los conceptos estructurantes de la investigación cualitativa. *Salud colectiva*, 6, 251-261.
- Mourao, P. R. (2013). Dar olhando a quem: estudo sobre o Projecto "Todo Homem é Meu Irmão". *Innovar*, 23(49), 131-140.
- Mourao, P. R. (2020). Discussing the intriguing relation between unemployment and giving practices. *International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing*, 25(1), e1646.
- Musick, M. A., & Wilson, J. (2003). Volunteering and depression: The role of psychological and social resources in different age groups. *Social Science and Medicine*, 56, 259–269.

Nações Unidas. (1948). *Declaração Universal dos Direitos do Homem*. <https://www.un.org/pt/universal-declaration-human-rights/>

Nardi, H. C., Yates, D. B., Fernandes, J. M., & Rodrigues, M. C. (2006). Subjetividade e solidariedade: a diversidade das formas de implicação dos jovens na economia solidária. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 320-328.

Objetivos Desenvolvimento Sustentável, BCSD Portugal, consultado em: <https://ods.pt/ods/>

Pauline, G. (2011). Volunteer satisfaction and intent to remain: An analysis of contributing factors among professional golf event volunteers. *International Journal of Event Management Research*, 10.

Piatak, J. S. (2016). Time is on my side: A framework to examine when unemployed individuals volunteer. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 45(6), 1169–1190. <https://doi.org/10.1177/0899764016628295>

Piatak, J. S., & Carman, J. G. (2023). Unpacking the Volunteer Experience: The Influence of Volunteer Management on Retention and Promotion of the Organization. *Journal of Public and Nonprofit Affairs*, 9(3), 278-296.

Piatak, J., Dietz, N., & McKeever, B. (2019). Bridging or deepening the digital divide: Influence of household internet access on formal and informal volunteering. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 48(2S), 123S–150S. <https://doi.org/10.1177/0899764018794907>

Piliavin, J. A., & Siegl, E. (2007). Health benefits of volunteering in the Wisconsin Longitudinal Study. *Journal of Health and Social Behavior*, 48, 450–464

Rotolo, T. J. W. (2003). Work histories and voluntary association memberships. *Sociological Forum*, 18, 4.

RTP (1 de maio de 2025) Porta Solidária fornece jantares a pessoas em situação de pobreza. ["Porta solidária" fornece jantares a pessoas em situação de pobreza](#)

Serapioni, M., Ferreira, S., & Lima, T. M. (2013). Voluntariado em Portugal: contextos, atores e práticas

Sic Notícias (2025, 1 de maio) A Porta Solidária serve mais de 400 refeições por dia, mas precisa de ajuda. ["Porta Solidária" serve mais de 400 refeições por dia, mas precisa de ajuda - SIC Notícias](#)

Simmonds, C. (2014). Quality volunteers are vital and are becoming part of charity workforce. The Guardian. <https://www.theguardian.com/voluntary-sector-network/2014/jun/12/volunteering-charity-value-quality-ability>.

Taniguchi, H. (2006). Men's and women's volunteering: Gender differences in the effects of employment and family characteristics. *Nonprofit and voluntary sector quarterly*, 35(1), 83-101.

Teodósio, A. S. (2001) Programas de incentivo ao voluntariado: novos desafios para a ética gerencial. In: Memorias del IV Congreso Latinoamericano de Ética, Negocios y Economía – la ética en la gestión pública y privada: fortalezas y debilidades. Buenos Aires: Associação Latinoamericana de Ética, Negócios e Economia / Universidade Argentina de la Empresa, pp. 17-27.

Tull, D. S., & Hawkins, D. I. (1976). *Marketing Research: Meaning, Measurement, Method: Instructor's Manual*. Macmillan Publishing Company.

Wilson A., Pimm G. (1996). The tyranny of the volunteer: The care and feeding of voluntary workforces. *Management Decision*, 34(4), 24–40

Wisner, P., A. Stringfellow, W. Youngdahl, and L. Parker (2005). The service volunteer – loyalty chain: An exploratory study of charitable not-for-profit service organizations. *Journal of Operations Management* 23 (2), 143–161.

YIN, R. (1989). Case study research: design and methods. *Newbury Park, CA: Sage*.

Anexos

Anexo n.º 1: Guiões das entrevistas aos voluntários, doadores e responsáveis da Porta Solidária

Guião da entrevista aos voluntários:

Questões	Objetivos
1- Por que decidiu fazer voluntariado?	Analisar as razões para alguém tornar-se voluntário
2- Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?	Identificar a importância de cada voluntário ter o seu papel na organização
3- O que é que o leva a continuar a ser voluntário? Qual a sua motivação para fazer voluntariado?	Identificar as motivações inerentes ao trabalho voluntário
4- Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?	Analisar a importância do trabalho voluntário nas organizações
5- Sente que o seu trabalho é valorizado? E que a instituição o acompanha e apoia?	Analisar a importância da valorização do trabalho voluntário e do respetivo acompanhamento por parte dos órgãos de gestão
6- Se pudesse alterar alguma coisa no funcionamento do projeto, o que seria?	Observar a eficácia do projeto e identificar possíveis alterações para melhoramento
7- Como vê a relação entre os voluntários e beneficiários?	Analisar a relação entre o voluntário e o beneficiário
8- Como é a sua relação com os colaboradores da instituição?	Analisar a relação entre o voluntário e os trabalhadores da organização
9- Por que é que acha que este projeto é importante?	Observar o modo como o voluntário valoriza o trabalho da organização
10- Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?	Analisar a importância de adquirir uma equipa grande de voluntários que permita a sua rotatividade e redução de horário
11- Sentiu alguma alteração a nível pessoal, depois de começar a fazer voluntariado? (ex.: aumento da felicidade/realização pessoal)?	Investigar o efeito do voluntariado no aumento da autoestima e realização pessoal
12- Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora?	Estudar o montante justo a receber pelos voluntários pelo trabalho desempenhado
13- Por que é que acha que este projeto é importante?	Observar o modo como o voluntário valoriza o trabalho da organização
14- Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto	Observar a eficácia do projeto e identificar possíveis alterações para melhoramento

Guião da entrevista aos doadores:

Questões	Objetivos
1- É doador exclusivo da Porta Solidária? (sim ou não)	Entender se doa apenas à Porta Solidária ou a mais instituições
2- Por que escolheu a Porta Solidária para doar?	Analisar as razões para ter escolhido a Porta Solidária para ser doador
3- De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?	Analisar a influência da doação para o sucesso do projeto
4- Quais são as suas motivações para ser doador?	Identificar as motivações inerentes à doação
5- Tem alguma relação com quem usufrui diretamente das suas doações? Os utentes/destinatários.	Analisar a relação entre o doador e o utente/destinatário
6- Qual a origem dos bens doados?	Investigar a origem dos bens que são doados
7- Em que condições é que poderia cancelar ou suspender as doações?	Investigar os motivos que levariam ao doador a cancelar/suspender a doação
8- Acredita que em algum momento a doação possa causar um excedente na instituição?	Estudar a capacidade da organização de receber, repentinamente, uma grande quantidade de bens
9- Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária, se não recebesse benefícios fiscais com a doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável.	Estudar a importância e o valor dos benefícios fiscais para o doador se manter

Guião da entrevista aos responsáveis:

Questões	Objetivos
1-Em que consiste a iniciativa social Porta Solidária e o que é que o motivou a criar esta associação?	Entender o que é a Porta Solidária e quais as razões inerentes à sua criação
2-Quais são os principais objetivos?	Identificar os objetivos da iniciativa social
3-Pode, por favor, detalhar a organização da associação e quantas pessoas estão envolvidas?	Analisar a forma como a iniciativa está organizada e quantas pessoas estão envolvidas
4-Quem são os beneficiários e como identificam quem precisa de apoio?	Entender quem recorre à ajuda da Porta Solidária e como é feita identificação dos utentes
5-Qual o papel dos voluntários e o seu processo de recrutamento?	Analisar o papel dos voluntários e como é feito o seu recrutamento
6-O que diferencia a Porta Solidária de outras iniciativas com os mesmos objetivos?	Estudar o que distingue a iniciativa social Porta Solidária de outras iniciativas similares
7-Explique o processo de identificação e captação de doadores, bem como a implementação de parcerias desde o início desta iniciativa social?	Analisar a forma como obtém doadores e parcerias
8-Quais são as fontes de doações: em dinheiro ou em espécie? Tem alguma ideia do valor anual do montante global de cada uma delas?	Entender as principais fontes de rendimento e o montante anual
9-Que tipo de doações mais precisam e como asseguram a sua sustentabilidade?	Identificar os donativos mais necessários e como garantem a sua consistência
10-Quais são os principais desafios logísticos que enfrentam na organização das doações?	Analisar os desafios logísticos que a iniciativa social enfrenta na organização das doações
11-Costumam ter excedentes de doações em alguns géneros? Se sim, como é feita a gestão?	Estudar a existência de excedentes de doações e o modo como são geridas
12-O que faz com que o voluntário não deixe de o ser e o doador não deixe de dar?	Identificar as motivações inerentes à continuidade dos doadores e dos voluntários
13-Que conselho daria a alguém que quisesse replicar a Porta Solidária noutra cidade ou país?	Analisar o modo como se poderia replicar a iniciativa social
14-Como avalia o sucesso e sustentabilidade da Porta Solidária e o seu impacto na comunidade?	Analisar o método de avaliação de impacto da iniciativa social
15-Numa análise SWOT, reporte as forças, oportunidades, fraquezas e ameaças da Porta Solidária?	Analisar as forças, oportunidades, fraquezas e ameaças da Porta Solidária
16- Pode, por favor, indicar as principais estratégias a médio e longo prazo da Porta Solidária?	Identificar as estratégias de crescimento a médio e longo prazo

Anexo n.º 2: Transcrições das entrevistas aos voluntários da Porta Solidária

Entrevista- Voluntário 1

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
M	36	Licenciatura	Jurista	Solteiro	3

Q1: Por que que decidiu fazer voluntariado?

Vol 1: Na altura, achei... Estava numa altura da minha vida que me sentia um bocado inútil. Sentia que tinha bastante tempo. Coincidiu justamente com o segundo confinamento. E pronto, achei que estava na altura de retribuir à sociedade um bocado do que a sociedade me tem dado. E foi por isso. Foram as minhas primeiras motivações. Depois percebi que uma pessoa vem para ajudar e sai daqui bastante ajudado.

Q2: Qual é que é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 1: Cozinheiro, trato a distribuição, ajudo às vezes na arrumação das coisas. Sei lá, faço tudo um pouco.

Q3: Antes de vir para a Porta Solidária já tinha feito voluntariado?

Vol 1: Já. Já tinha na Liga Portuguesa Contra o Cancro e na Fundação Ronald McDonald's.

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 1: Retribuir e depois, eu acho que há sempre um fundo de egoísmo nisto, não é? Porque as nossas motivações são sempre egoístas, eu acho. Acho que há sempre um fundo de egoísmo, porque eu faço para me sentir bem. Há sempre um fundo de egoísmo aqui nisto e o egoísmo não é errado. Quando o egoísmo se torna em atos de altruísmo, eu acho que é válido.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 1: Então, se não fossem os voluntários, a Porta Solidária não existia. Tudo que há aqui é de espírito voluntário. Porque, quer os donativos, é porque as pessoas são voluntárias ao ponto de dar, não é? São solidárias. Ou então é porque as pessoas são voluntárias ao ponto de darem o seu tempo para virem para aqui trabalhar. Isto só existe graças a isso. E graças à consciência social das empresas. A responsabilidade social e a consciência social das empresas.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado?

Vol 1: 4.

Q7: Como é que vê a relação entre os voluntários e os utentes?

Vol 1: Às vezes num momento quente nós não temos o distanciamento necessário para perceber que são pessoas que descarregam muitas vezes em nós as frustrações do dia-a-dia, não é? E nós não temos esse distanciamento, muitas vezes, para perceber. Não temos a frieza para perceber. Há voluntários que têm mais, outros que têm menos.

Q8: Numa escala de 1 a 5, como é que avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição? Em que 1 é muito má e 5 é muito boa.

Vol 1: É 5.

Q9: Desde que está no projeto, já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 1: Não, não, mas o próprio projeto é uma formação.

Q10: Quantas horas é que está a dar ao projeto semanalmente? E quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 1: 10, 12 pelo menos. A minha carga horária ser reduzida não depende do número de voluntários, sinceramente. Acho que só há um dia por semana que eu, às vezes pondero vir ou não conforme o número de voluntários, que é terça-feira ao final do dia. Mas não teria impacto em mim. E penso que aqui também não teria impacto em ninguém, sinceramente.

Q11: Como é que se sentiu, a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? Por exemplo, o aumento da felicidade, da realização pessoal?

Vol 1: Bastante, bastante. Mas, também, vinha de uma altura muito específica da minha vida. E eu, com os confinamentos e não sei o quê, habituei-me depois, quando as regras já não eram impostas, eu quase que autoimpus as regras de ficar sempre em casa. E foi uma ótima terapia vir para o voluntariado. Eu senti uma felicidade muito grande. E senti-me muito mais calmo, muito mais...

Q12: Se o seu trabalho fosse pago, quanto acha que seria o valor justo? Até 10 euros? Entre 10 e 20 euros? Ou mais de 20 euros?

Vol 1: Até 10€

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 1: Primeiro, porque é a única refeição quente que muita gente come durante o dia. Segundo, porque cumpre uma tarefa que era do Estado, não é? A função de redistribuição do Estado. E já que o Estado não a faz, que haja estas IPSS que o fazem. E segundo, porque para além do alimento... há também depois aquela relação que se estabelece entre os utentes e os voluntários, que somos muitas vezes as únicas pessoas com quem aquelas pessoas falam durante o dia. E faz falta.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento da Porta Solidária.

Vol 1: Haver maior diálogo entre as equipas. Haver pessoas mais habilitadas a coordenarem as equipas, porque esse é o grande problema. Se calhar as pessoas que coordenam deviam ter formação de como gerir conflitos, de como gerir equipa. Às vezes, se as equipas conversassem mais umas com as outras, se uniformizassem procedimentos, isso melhorava muito.

Entrevista - Voluntário 2

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	44	12º ano	Chefe (catering)	Casada	4

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 2: Porque senti uma necessidade muito grande de ajudar pessoas, porque tenho um problema comigo própria em relação à fome e fico muito sensibilizada com a fome que as pessoas passam no mundo inteiro e acho que é uma forma de eu fazer alguma coisa por alguém.

Q2: Qual o seu papel como voluntária na Porta Solidária?

Vol 2: Cozinheira

Q3: Antes de estar na Porta Solidária já tinha feito voluntariado?

Vol 2: Já, umas associações da rua.

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 2: Melhorar a vida de alguém um bocadinho, melhorar o mundo de alguma pessoa. Sei que a minha presença aqui na Porta pode melhorar o dia de alguma pessoa, seja ela qual for, dentro dos voluntários ou fora.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 2: É uma importância máxima. Se não houver voluntários, não há kits, se não houver voluntários, não há comida, se não houver voluntários, também não há fornecimento da comida e eles não comem, eles não recebem aquilo que tanto precisam. Portanto, é uma cadeia aqui dentro e também precisamos dos voluntários que nos deem comida, que nos deem um produto.

Q6: Em que medida sente que o seu trabalho é valorizado? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado.

Vol 2: 5.

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e os utentes?

Vol 2: É assim, eu não estou muito dentro dessa relação, como eu estou na cozinha e como vou embora cedo, é muito raro eu estar ali fora, mas da perspetiva que eu tenho, quando fico um bocadinho mais, a relação é muito boa. Ou seja, eles... Basta uma palavra de carinho e às vezes uma palavra de atenção para eles ficarem todos contentes e o dia lhes corra melhor a eles e a nós também, porque ao conhecer as histórias deles, a nós também nos sensibiliza, pelo menos a mim sensibiliza-me, não é?

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 2: 5.

Q9: Desde que está no projeto Já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 2: Recebi formação ao início, na cozinha, para perceber as quantidades, dada pelos outros voluntários, uma interajuda muito grande dos voluntários, para perceber as quantidades e a forma de trabalhar dentro de uma cozinha. Quando estive nos kits, também recebi formação da coordenadora para saber o que é que se põe em cada kit.

Q10: Quantas horas é que está a dar ao projeto semanalmente? E quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 2: Eu neste momento estou a fazer duas horas e meia, no máximo três horas por semana, à segunda-feira. A importância dos voluntários para reduzir a minha carga horária não é nenhuma, sou sincera, porque estas duas horas para mim são fundamentais por semana, portanto, eu não preciso de reduzir a minha carga horária no voluntariado.

Q11: Como se sentiu a nível pessoal depois de ter iniciado a sua atividade voluntariada? Por exemplo, aumento da felicidade, da realização pessoal.

Vol 2: Muito mais, cada dia que venho aqui, vou para casa com o sentimento de missão cumprida, com a alma lavada e com o coração cheio. Às vezes um bocadinho triste, pela situação das pessoas em si, mas uma tristeza que me leva a valorizar aquilo que eu tenho em casa e o que tenho na minha vida. Portanto, acho que sobretudo é isso. É a gente olhar primeiro para o lado positivo e eu tenho uma responsabilidade, sim e levo isto muito a sério.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto é que acha que seria o preço justo à hora? Até 10 euros? 10 ou 20 euros? Ou mais de 20 euros?

Vol 2: entre 10 e 20 euros.

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 2: É importante para a comunidade que temos, para o país que temos, para o mundo em que estamos. É importante porque dá comida, porque as pessoas têm fome, há muita fome escondida, portanto, acho que quem vem precisa. É importante para a saúde das pessoas, a todos os níveis, é importante para os voluntários e não voluntários, para os utentes, para as pessoas que cá trabalham, acho que é um projeto que é muito importante.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 2: Fazer, se calhar, um bocadinho mais de marketing, sensibilizar, fazer testemunhos, vídeos de testemunhos de voluntários, por exemplo, porque quando a televisão vem cá fazer uma reportagem, há um boom de doações e as pessoas ficam sensíveis. Porque veem, porque aquilo lhes toca e, portanto, eu cada vez que peço às pessoas, dos meus contactos, o que necessitamos mais ou que é urgente, as pessoas sensibilizam-se, agora, somos milhões..

Entrevista: Voluntário 3

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	81	5º ano	Reformada	Viúva	6 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 3: Porque vim pagar uma multa e depois convenceram-me a ficar. Comecei por fazer serviço comunitário, por causa de uma multa, mas depois gostei tanto e fiquei. Isto acaba por ser um vício muito grande.

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 3: Fico na porta a orientar a fila e as pessoas que entram.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 3: Não

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 3: Primeiro porque eu gosto disto. Gosto mesmo a sério. Segundo, acho que fazer bem não faz mal a ninguém. Ajudar quem precisa não faz mal a ninguém. Sinto que precisam de mim e que faço falta.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 3: Se não houver voluntários, isto não trabalha. Todos nós temos o nosso lugar e todos nós fazemos falta. É para lavar a louça, é para pôr a louça, é para lavar os copos, é para levantar copos da mesa, é para pôr pão, é para encher garrafas d'água, é para ver quem deixa comida debaixo da mesa, quem esconde e quem deita fora. Todos nós temos um trabalho a fazer.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado?

Vol 3: Para mim é 5.

Q7: Como é que vê a relação entre os voluntários e os utentes?

Vol 3: Acho que depende de nós e da maneira como os aceitamos. Eu tenho amigos e tenho inimigos. Porquê? Porque alguns não gostam da comida, ou não querem comer a sopa e querem deitar

fora algo que foi preparado para eles e eu não deixo. Por isso choco com muitos estar fora, querem estragar e eu não deixo.

Q8: Como avalia a relação com os trabalhadores da instituição? Numa escala de 1 a 5. Em que 1 é muito má e 5 é muito boa.

Vol 3:5

Q9: Desde que está no projeto, já recebeu alguma formação?

Vol 3:Recebi no inicio, quando me explicaram como é que funciona o projeto e todo o trabalho, mas tirando isso não recebi formação

Q10: Quantas horas é que está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria, se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 3:Então cerca de 3 horas por dia, 4x por semana o que dá 12h por semana e estou confortável com o horário, não preciso de mais voluntários para reduzir o meu horário

Q11: como é que se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade, realização pessoal)

Vol 3: Autoestima. Tenho 81 anos e isto mostra-me que ainda sou capaz, ainda posso ajudar. Enquanto estiver viva, quero conseguir ajudar sempre e ser útil às outras pessoas.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o valor justo à hora? Até 10 euros? Entre 10 e 20 euros? Ou mais de 20 euros?

Vol 3: Mais de 20 euros

Q13: Por que acha que este projeto é importante?

Vol 3: Porque há muita gente a precisar e há muita que não precisa, mas precisa mentalmente. Meio com fome e necessidade e meio com falta de cabeça.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 3: Eu acho que para isto melhorar, tinha que ser feito um apanhado sobre a vida da pessoa. Conhecer a pessoa e saber se vêm por necessidade, ou porque é que vêm. E também era importante fazê-los ver que não recebemos dinheiro do Estado como eles pensam.

Entrevista – Voluntário 4

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	54	12º	Doméstica	Casada	4 anos

Q1: Por que que decidiu fazer voluntariado?

Vol 4: Houve uma coisa que mexeu muito comigo e com a minha vida, que foi a pandemia. Vi no Porto Canal que estavam aqui de voluntários e decidi vir aqui e propor-me a ser voluntária.

Q2: E qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 4: Eu estou na cozinha, cozinho e ajudo a preparar as refeições.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 4: Não, nunca tinha.

Q4: E quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 4: As minhas motivações é mesmo ajudar os outros, é dar um bocadinho de mim, porque felizmente tenho uma vida bastante cómoda e vivi sempre um bocado numa bolha e isto abriu-me os horizontes para os outros, basicamente. Vou olhar para os outros e tentar ajudar, dar um bocadinho do meu tempo e basicamente isso.

Q5: Como é que acha que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 4: Eu acho que é fundamental, se não fosse dos voluntários, teria sido pessoas funcionárias daqui e ia ter outros custos completamente diferentes, não sei se tinham essa capacidade. Acho que é fundamental para estas instituições de solidariedade haver pessoas voluntárias.

Q6: E em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado?

Vol 4: 4.

Q7: Como ver a relação entre os voluntários e os utentes?

Vol 4: Eu não tenho grande contacto com os utentes. Mas acho que no geral é uma boa relação que têm. Mas também há pessoas que têm mesmo problemas mentais, são bastante violentas, pessoas que não estão habituadas a respeitar grandes normas, nem as pessoas. Algumas colegas já foram agredidas

e insultadas. Eu também já tive um problema aqui com uma senhora do trabalho comunitário. São pessoas que estão mesmo muito, muito maltratadas pela vida. E é difícil, às vezes, escapar disso.

Q8: Como é que avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa?

Vol 4: 5

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 4: Recebi no início, de outros voluntários mais experientes, para aprender a cozinhar para 400 pessoas

Q10: Quantas horas é que está a dar o projeto semanalmente? E quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 4: Eu venho às quartas-feiras e fico 3 horas e meia, mais ou menos. 4 horas. Se existissem mais voluntários, se calhar, em vez de vir todas as semanas, vinha semana sim, semana não.

Q11: Como se sentiu a nível pessoal depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? Por exemplo, o aumento da felicidade, a realização pessoal?

Vol 4: Para mim aumentou muito a minha felicidade. Sinto-me mais útil. E sei que, apesar das pessoas ali nem saberem quem eu sou, nem o que é que eu faço, eu sei que estou a contribuir para o bem-estar delas e isso é muito gratificante.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto é que acha que seria o preço justo à hora? (até 10 euros, entre 10 e 20 euros ou mais de 20 euros?)

Vol 4: Entre 10 e 20.

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 4: É importante porque pega numa franja da sociedade que é completamente ostracizada, que quase é invisível para a maioria das pessoas, e dá-lhes, pelo menos, uma oportunidade. Uma oportunidade de comerem, se calhar também podem pedir apoio jurídico, apoio social. Sei que há pessoas que levam cabazes, levam roupa. Isso faz toda a diferença na vida de uma pessoa que não tem nada, nem tem ninguém.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 4: Deviam tentar, seriamente, arranjar mais voluntários.

Entrevista: Voluntário 5

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	24	Licenciatura	Enfermeira	Solteira	1 ano

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 5: Nós não vivemos num mundo ideal, então, acho que aquilo que pudermos fazer para contribuir para o mundo ser um bocadinho melhor, acho que temos esse dever. Sempre gostei de fazer voluntariado e do contato com as pessoas.

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 5: Costumo estar entre a copa e a cozinha, a servir os pratos e a distribuir, ou então a limpar/lavar louça. Faço parte da equipa que serve as refeições, das 17h30 às 20h.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 5: Sim, já tinha feito no Banco Alimentar e na Casa da Criança de Tires, uma espécie de infantário que faz parte do estabelecimento prisional, onde ficam as crianças das reclusas.

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 5: A entrega.. acho que no fundo quando vens para dar também recebes muito e acaba por ser um processo espontâneo e, para mim, receber a gratidão das pessoas é muito bonito e é muito bonito também receber a gratidão dos outros voluntários. É o estar sempre contacto com outras pessoas, ver outras caras e ver que ninguém está sozinho. Eu sei que se precisar tenho pessoas aqui que estão disponíveis para me ajudar de alguma forma.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 5: Os voluntários têm um papel essencial, porque sem voluntários não há porta solidária. Os voluntários são a ponte, o intermediário entre a missão e aquilo que é possível. O voluntariado fomenta um espírito de ajuda de nós para com eles e deles para connosco também.

Q6: E em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? Numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado

Vol 5: 4, porque às vezes com alguns utentes é difícil.

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/ utentes?

Vol 5: Às vezes é difícil. Estas pessoas têm uma certa necessidade de “despejar”, se calhar, as suas mágoas e as suas preocupações em nós. Não é que eles façam por mal mas temos que saber o nosso limite para não dar aso a possíveis abusos. Mas, no geral, a relação é muito boa e acho que vê-se mesmo que há muita gente muito grata, a sorrir e a dizer obrigado. Existe sempre as pessoas mais agressivas ou mais chateadas com a sua vida, mas é importante fazer um esforço para não condenar os outros que não têm culpa.

Q8: Como é que avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição? Numa escala de 1 a 5 em que 1 é muito má e 5 é muito boa

Vol 5: 5

Q9: Desde que está no projeto, já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 5: Não, nunca houve formações

Q10: Quantas horas é que está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 5: Para mim não seria importante haver mais voluntários, por enquanto não sinto essa necessidade. Estou a vir 3x por semana e são 3h por dia, por isso dá um total de 9h por semana. Por enquanto está bem assim, consigo conciliar com o meu trabalho. O importante, se calhar, era manter mais gente fixa, porque muitas vezes temos muitos grupos de escolas e empresas que são incertos.

Q11: Como é que se sentiu a nível pessoal, depois de teres iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 5: Realização pessoal, acho que sim. Na verdade, às vezes, quando temos tempo livre não sabemos o que fazer com ele e a vida pode parecer um bocadinho aborrecida.. Já acabei de trabalhar, mas agora estou cansada, não apetece fazer nada, o que é que eu vou fazer? Então acho que essa também foi uma alternativa que eu arranjei, esse tédio que eu se calhar sentia quando saia dos turnos e, “ah, não vou

fazer nada, estou cansada”. Mas às vezes não era cansaço, é a pessoa não sabe muito bem o que fazer. E também foi uma forma para arranjar algum propósito além do trabalho e sim, fico muito realizada.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto é que achas que seria o preço justo à hora? Até 10 euros, entre 10 e 20 euros ou mais de 20 euros?

Vol 5: 10 e 20.

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 5: Acho que não é só a questão da fome, embora a questão da fome seja importante, mas é essa questão de, ok, eu estou a passar por isto, mas eu não estou sozinha, porque tenho gente disponível para me ajudar e tenho outras pessoas que passam por isto, eu não sou a única. Não tenho que ter vergonha de estar a passar por isto, não é? Acho que é muito nesse sentido e depois, aquilo que também é muito importante, documentar aquelas pessoas que também ganham a sua autonomia, a sua independência.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 5: A coordenação entre os feriados, a comunicação entre equipas e também gerir melhor a comida, porque às vezes não deixamos repetir, porque não sabemos quantos vêm mais, mas no final acaba por sobrar

Entrevista- Voluntário 6

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	72	Licenciatura	Reformada	Casada	3 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 6: Durante toda a minha vida, sempre tentei ter um contato com as pessoas que servisse de ajuda aos outros, e faz-me bem sentir que sou útil.

Q2: Qual é que é o seu papel como voluntária na Porta Solidária?

Vol 6: Cozinha, faço parte de uma das equipas que confeciona as refeições

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 6: Sim, no Hospital de Valbom

Q4: Quais é que são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 6: Tenho que me dar a conhecer, porque preocupo-me muito, muito mesmo, com quem passa dificuldades e sensibilizo-me muito com este assuntos, principalmente quando falamos daqueles que não se podem defender e enche-me o coração porque sei que a comida é feita com cuidado e estamos, realmente, a acabar com a fome na cidade

Q5: Como é que acha que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 6: Os voluntários podem ter muita influência na Porta Solidária. Cada um traz a sua gota, uma gotinha muito pequenina. Podem ter géneros, pode ter dinheiro para os comprar, mas se não houver pessoas de boa vontade e de espírito leve que venham para aqui ajudar, acho que a Porta Solidária não funcionará.

Q6: Em que medida é que se sente que o seu trabalho é valorizado? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado.

Vol 6: 4

Q7: Como é que vê a relação entre os voluntários e os utentes?

Vol 6: Eu não tenho muito essa experiência, porque eu termino de cozinhar e saio antes de começarem a servir, por isso não tenho grande contacto. Assisti a uma ou outra atitude menos conveniente, de uma pessoa um bocadinho mais impaciente, mas vejo e todos os voluntários são pessoas que são carinhosas e são afáveis com os utentes.

Q8: Como é que avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa?

Vol 6: 4

Q9: Desde que está no projeto, já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 6: Não.

Q10: Quantas horas é que está a dar ao projeto, semanalmente e quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 6: Estou a dar aquelas 3 horitas por semana e não acho que tenha necessidade neste momento, de mais voluntários para reduzir o meu horário.

Q11: Como é que se sentiu a nível pessoal depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? Por exemplo, o aumento da felicidade, realização pessoal?

Vol 6: Eu aprendi. E não tento com os utentes, como disse, não tenho muito contato com eles. Mas a viver num grupo diferente que era o meu e da vida que tive de trabalho. Mas tive que aprender a lidar com pessoas diferentes, muito diferentes de mim, até na maneira como veem o voluntariado e como veem os utentes. E não... E tive que aprender, que não era tudo à minha maneira, mas a pôr as coisas em que a liberdade de cada um fosse total, porque eu sou completamente pela liberdade.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? Até 10 euros, entre 10 e 20 euros, ou mais de 20 euros

Vol 6: Entre 10 e 20€

Q13: Por que acha que este projeto é importante?

Vol 6: Porque dá conforto, traz um conforto às pessoas e elas sabem que têm aqui um porto de abrigo. Uma sopa e uma comida quente, muitas pessoas vêm como “caridadezinha”, mas é essa caridade que faz a diferença na vida das pessoas

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto?

Vol 6: Devia haver um contacto de alguém que esteja disponível ou mais disponível ou mais próximo que possa vir numa emergência, ajudar a cobrir uma pessoa que se sinta mal num momento ou uma pessoa que não está bem e não vem à última da hora.

Entrevista – Voluntário 7

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
M	62	Licenciatura	Empresário	Divorciado	2 anos e meio

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 7: Foi por convite de outro voluntário que me disse para me juntar ao projeto, na altura estavam precisar de pessoas para ir buscar as sopas e como tenho uma certa flexibilidade de horário, aceitei.

Q2: Qual é o seu papel como voluntário aqui Porta Solidária?

Vol 7: Praticamente como motorista, um dia por semana vou buscar as sopas ao Hospital Santa Maria e também já fui buscar pão ao Continente, sobras dos almoços no colégio das escravas, qualquer coisa que seja preciso e que envolva conduzir a carrinha.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária já tinha feito voluntariado?

Vol 7: Não.

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 7: Acho que há sempre pessoas que precisam mais do que nós e que devemos ceder um bocadinho do nosso tempo também a tentar ajudá-los. Pode ser pouco, gostava que fosse mais, mas gota a gota, se todos fizermos um bocadinho chegamos lá.

Q5: Como é que acha que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 7: Acho que deve ser essencial, presumo que nem tenham grandes verbas para estar a contratar pessoas e pagar-lhes. Tem de ser mesmo com o voluntariado e se não fossem os voluntários ia ser muito difícil.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? Numa escala de 1 a 5 Em que 1 é nada valorizado é 5 é muito valorizado

Vol 7: 5

Q7: Como é que vê a relação entre os voluntários e os utentes?

Vol 7: De uma forma geral, acho que interagem com alguma proximidade, os voluntários muitas vezes dão um aconchego aos utentes e a mim, por exemplo, ajudam-me quando chego com as termos das sopas, que são muito pesadas, cerca de 25kg cada uma e os utentes costumam ajudar-me pô-las na cozinha. Eles vêem que o que estamos a fazer é por eles e também gostam de retribuir.

Q8: Como é que avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição? Numa escala de 1 a 5 Em que 1 é muito má e 5 é muito boa

Vol 7: 5

Q9: Desde que está no projeto, já recebeu alguma informação? Se sim, quando e outro?

Vol 7: Não, só para ensinarem o caminho no início.

Q10: Quantas horas é que está a dar ao projeto semanalmente e quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 7: É uma hora e meia e costumo vir uma vez por semana. Não sinto qualquer necessidade de reduzir a carga horária, muito pelo contrário, acho que o que dou é pouco.

Q11: Como é que sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? Por exemplo, o aumento da felicidade, realização pessoal

Vol 7: Senti-me mais feliz por poder contribuir de alguma forma para ajudar os outros e quando estou com pessoas amigas, gosto de dizer que faço voluntariado e posso dizer que tenho algum orgulho no que faço e foi uma coisa muito positiva que aconteceu na minha vida.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto é que acha que seria o preço justo agora? Até 10 euros, entre 10 ou 20 euros, ou mais de 20 euros?

Vol 7: Até 10 €

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 7: Acho que é extremamente importante, porque se não fosse assim tenho certeza que as pessoas iam sentir mais dificuldades ao nível da alimentação, que é uma necessidade básica. Se calhar até poderiam não ter outro sítio por aí Se não fosse aqui à porta da cidade? É muito importante e as pessoas sentem-se mais aconchegadas, mais apoiados, pelo menos nesta necessidade básica.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 7: Talvez tentar alargar os serviços disponíveis, como ajuda na procura de emprego, educação, formação. Alguns não querem trabalhar, é um facto, mas acho que muitos se lhes dessem uma oportunidade de trabalho conseguiam aproveitar.

Entrevista: Voluntário 8

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
M	25	licenciado	Design Gráfico / Fotógrafo	Solteiro	5 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 8: Decidi fazer voluntariado porque sinto uma forte motivação em ajudar pessoas e contribuir para a vertente social. Acredito que, ao dar mais de mim, posso ser útil na sociedade e fazer a diferença na vida de quem precisa. Além disso, o convite do Padre Rubens, criador desta obra, foi um fator determinante que reforçou o meu desejo de participar.

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 8: O meu papel como voluntário na Porta Solidária passa por controlar as entradas e manter a tranquilidade entre os utentes. No entanto, estou sempre disponível para ajudar onde for necessário, seja na cozinha, copa ou na distribuição. Apesar de não ter um papel formal no planeamento ou coordenação, por ser um dos voluntários mais antigos, sou frequentemente consultado pela minha equipa nos dias em que estamos a trabalhar, dado que reconhecem que a minha experiência e opinião podem ajudar na tomada de decisões

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 8: Sim, antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado como catequista e na criação de um campo de férias para crianças, abrangendo tanto crianças desfavorecidas como outras. Acredito que esta mistura é extremamente importante, pois promove a inclusão, quebra barreiras sociais e cria oportunidades para todas as crianças aprenderem a respeitar e valorizar as diferenças desde cedo.

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 8: As minhas motivações para fazer voluntariado estão ligadas ao crescimento pessoal, quase como um 'voluntariado inverso'. Sinto que, muitas vezes, posso ser a única pessoa com quem os utentes têm a oportunidade de conversar, seja sobre futebol, meteorologia ou outros assuntos “banais” ou não. Isso traz-me uma sensação de propósito e importância, pois percebo que, além de contribuir de maneira prática, também ofereço companhia e escuta, algo que pode ser muito significativo para eles.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 8: O apoio dos voluntários é fundamental para a missão da Porta Solidária, pois aumenta

significativamente a nossa capacidade de resposta e permite agilizar processos essenciais. Sem os voluntários, não seria possível cumprir a nossa missão de forma eficaz. Muitos dos utentes dependem de nós para a realização da única refeição quente do dia, e a presença dos voluntários garante que conseguimos atender a essa necessidade de maneira eficaz e com a qualidade que eles merecem.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 8: 5.

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 8: A relação entre voluntários e utentes é bastante variada. Alguns entram de forma mais reservada, e em 5 anos nunca cheguei a saber o nome, enquanto outros me tratam como um amigo, sentindo a necessidade de partilhar tudo sobre as suas vidas e pedir opiniões sobre os mais diversos assuntos. Essa diversidade de interação mostra o impacto humano do nosso trabalho, pois, independentemente do comportamento inicial de cada um, conseguimos criar uma relação de confiança e apoio, que é essencial para a missão da Porta Solidária.

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 8: 5.

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 8: não

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 8: Eu dedico entre 7 a 10 horas semanais ao projeto. No entanto, se houvesse mais voluntários, acredito que as tarefas poderiam ser mais divididas, permitindo que outros voluntários investissem essas horas de forma mais focada no convívio com os utentes. Confesso que acabo por ser um dos que mais aproveita esse lado humano, pois estou no ambiente onde se fazem as refeições e controlo as entradas e saídas, o que me permite interagir de forma mais próxima com os utentes.

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 8: Desde que comecei a minha atividade de voluntariado, sinto que desenvolvi mais empatia e uma maior sensibilidade em relação às necessidades dos outros. Além disso, percebo que o voluntariado me exige crescer mais rápido, tanto emocionalmente como na forma de lidar com diferentes situações e

desafios. Essa evolução tem-me trazido um sentimento de realização pessoal, pois vejo que estou a fazer a diferença na vida dos outros, enquanto também aprendo e cresço como pessoa.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 8: até 10€

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 8: Acho que este projeto é extremamente importante porque oferece apoio direto às pessoas que mais precisam, proporcionando-lhes não apenas uma refeição quente, mas também um espaço de acolhimento e dignidade. A Porta Solidária contribui para preencher lacunas sociais, ajudando a combater a solidão e a exclusão, e oferecendo aos utentes um local onde podem sentir-se respeitados e cuidados independentemente da sua condição, credo etc... Para mim, é uma forma de promover a igualdade e a solidariedade, dando uma resposta prática e humanitária às necessidades da comunidade.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 8: Aumento de voluntários: Recrutar mais voluntários para garantir que as tarefas são mais divididas, permitindo maior foco no atendimento aos utentes.

Maior divulgação e sensibilização: Promover o projeto para atrair mais apoio, tanto financeiro como humano, através de campanhas de sensibilização e parcerias com outras instituições.

Atividades complementares: Incluir momentos de lazer ou atividades educativas para os utentes, como palestras, concertos, criando um ambiente ainda mais acolhedor.

Feedback dos utentes: Criar uma forma mais eficaz de recolher o feedback dos utentes sobre os serviços oferecidos, para ajustá-los às suas necessidades de forma mais direta.

Uma sugestão importante seria que o estado reconhecesse o aumento constante do número de utentes e as dificuldades que os projetos de voluntariado enfrentam para atender a essa crescente demanda.

Com mais apoio institucional, tanto a nível financeiro como logístico, seria possível melhorar ainda mais o funcionamento do projeto e expandir os serviços oferecidos. O apoio do estado, por exemplo, com obras de requalificação nas instalações, ajudaria a reforçar os recursos disponíveis e permitiria que continuássemos a fazer a diferença na vida de quem mais precisa.

Entrevista – Voluntário 9

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	52	12º	Desempregada	Casada	1 ano e meio

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 9: Como estava desocupada decidi vir e é uma maneira de preencher o tempo e sentir-me realizada. Sentir-me também produtiva e é uma coisa que eu gosto de fazer, ajudar.

Q2: Qual é que é o seu papel como voluntária na Porta Solidária?

Vol 9: Normalmente estou na cozinha a ajudar a servir as refeições ou na lavagem da louça, mas faço o que for necessário.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária já tinha feito voluntariado?

Vol 9: Sim, na Liga Portuguesa contra o Cancro, no Banco Alimentar, etc.

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 9: É a vontade de ajudar, sempre, de fazer bem, sem esperar nada em troca. É o que me move.

Q5: Como é que acha que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 9: Acho que é bom que hajam os voluntários, que as pessoas tenham noção da realidade que vivemos, cada vez mais, das pessoas necessitadas que temos. Porque muitas vezes vivemos na nossa bolha, e até damos algum contributo quando nos é solicitado, mas não sabemos o que se passa realmente. E não sabemos se amanhã não poderemos ser nós. Se não existissem voluntários, a Porta não existia, por isso é importante mostrar às pessoas as reais necessidades.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado?

Vol 9: 5

Q7: Como é que vê a relação entre os voluntários e os utentes?

Vol 9: É uma boa relação, há sempre exceções, mas no meu ponto de vista se tratarmos os utentes como pessoas normais que são, e com todo o respeito, eles também nos respeitam. Se tivermos um sorriso ou uma palavra amiga, um boa tarde ou um bom dia, eles retribuem também da mesma forma, normalmente.

Q8: Como é que avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição? Numa escala de 1 a 5 em que 1 é muito má e 5 é muito boa?

Vol 9: 5

Q9: Desde que está no projeto, já recebeu alguma formação? Se sim, quando e logo?

Vol 9: Não.

Q10: Quantas horas é que está a dar ao projeto, semanalmente e quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 9: São 3 dias por semana, cerca de 3 horas por dia, por isso 9 horas por semana e estou bem assim, é este é o horário que eu gosto. Mesmo que venham mais voluntários, acho que nunca são demais, desde que não se atrapalhem, há sempre o que fazer, porque também depende muito dos dias, às vezes temos imensos voluntários, outras vezes são muito poucos e não temos mãos a medir.

Q11: Como se sentiu a nível pessoal depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado?

Vol 9: Sinto uma satisfação pessoal muito grande, mais significado na sociedade, foi numa altura complicada da minha vida, e portanto foi uma boa exaltação, foi muito importante, foi mesmo muito importante.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto é que acha que seria o preço à hora? Até 10 euros, entre 10 a 20 euros, ou mais de 20 euros?

Vol 9: Até 10€.

Q13: Por que que acha que este projeto é importante?

Vol 9: É importante a nível social, porque há muita gente com necessidades, cada vez mais. Temos muitos imigrantes também. Temos muita gente a passar fome escondido, acho que há muita gente que tem vergonha até se calhar de pedir ajuda. E aqui, como há a possibilidade de vir comer sem terem

que se identificar, toda a gente pode vir comer, à exceção das famílias que levam para casa. E sei de muitas pessoas que têm que optar por comer ou pagar a renda.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 9: Uma coisa que é difícil é saber quantos voluntários vêm em cada dia, nós temos os grupos no WhatsApp, mas nem sempre respondem e nunca sabemos se vêm 5, 10 ou 20.

Entrevista – Voluntário 10

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
M	47	Licenciatura	Consultor de enoturismo	União de facto	4 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 10: Porque acho que tenho obrigação de contribuir para o bem comum. Eu não concebo uma sociedade em que vivemos fechados sobre nós próprios e que o que nos rodeia não é relevante. No meu caso, é relevante e eu preocupo-me com o bem-estar comum, principalmente com quem tem menos possibilidades.

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 10: Comecei a ir buscar as sopas, duas vezes por semana, ao Hospital Santa Maria. Mas depois vi que isto era muito mais do que recolher sopas. E depois, quer dizer, interessei-me em ajudar. E sempre que posso, ainda hoje, por exemplo, penso em ficar a ajudar.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 10: Não

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 10: Aquilo que começou como um altruísmo, de tentar ajudar os outros, para mim, eu saio daqui sempre mais realizado. Quer dizer, por um lado saio às vezes triste com as situações, com a sociedade, mas por outro lado, saber que pude fazer alguma coisa para ajudar deixa-me sempre satisfeito comigo

próprio. Portanto, tem um lado egoísta. E eu tiro benefícios de vir ajudar, para mim. Mentalmente e psicologicamente, para mim, é importante. E, portanto, eu venho com muito gosto. Sempre que posso.

E procuro... Quer dizer, é uma coisa que eu procuro envolver-me. Aliás, quando é preciso para campanhas de recolha e tal, eu gosto sempre de ajudar. Por acaso, entretanto, também já me ofereci para o Banco Alimentar.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 10: A Porta Solidária sem os voluntários não tinha capacidade para alimentar 400, 500 pessoas, por isso os voluntários são fundamentais. Sem os voluntários era impossível fazer-se um décimo do que se faz agora.

Q6: Em que medida que sente que o seu trabalho é valorizado? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado?

Vol 10: 4

Q7: Como é que vê a relação entre os voluntários e os utentes?

Vol 10: Há dois tipos de utentes e há dois tipos também de voluntários. Temos o voluntário que não tem a mínima flexibilidade e, portanto, qualquer contratempo da parte de um utente é logo exacerbado a um ponto que às vezes não faz muito sentido, há uma inflexibilidade de alguns voluntários que claramente não têm capacidade de perceber que são pessoas diminuídas e com vidas muito complicadas. A maior parte dos voluntários têm uma boa relação com os utentes, acho que alguns até têm um bocadinho de mais. Eu procuro ajudar sempre naquilo que posso, embora hoje percebo manhas e habilidades que não percebia quando comecei.

É muito importante ser justo com quem vem e valorizar as situações que têm de ser valorizadas e há muitos voluntários, nomeadamente os que têm já há anos disto que têm essa preocupação e depois há os voluntários enfim, talvez por virem menos vezes ou por não têm vocação, não conseguem criar uma relação.

Q8: Como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição? Numa escala de 1 a 5 em que 1 é muito má e 5 é muito boa.

Vol 10: 5

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 10: Não

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 10: Quando venho só as sopas, como venho duas vezes, são cerca de duas horas por semana. Quando também fico na equipa da distribuição são 6 horas por semana, por isso depende muito da minha disponibilidade, mas no mínimo 2h. Não me preocupa a carga horária, mas sim o esforço que se faz a carregar as termos. Quando chego à Porta para descarregar tenho sempre ajuda, mas o mais difícil é carregar no Hospital.

Q11: Como se sentiu a nível pessoal depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? Por exemplo, o aumento da felicidade, a realização pessoal?

Vol 10: É uma coisa que me realiza, que eu me orgulho e que me deixa mais confortável comigo próprio e com a minha vida. Saber que há umas horas da semana que eu tiro para isto, satisfaz-me muito pessoalmente e sinto-me mais realizado por saber que contribuo na medida do que me é possível para ajudar.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto é que acha que seria o preço justo à hora? Até 10 euros, entre 10 e 20 euros, ou mais de 20 euros?

Vol 10: Entre 10 e 20€

Q13: Por que acha que este projeto é importante?

Vol 10: Infelizmente, os números dos utentes provam bem que é importante. Há, infelizmente, uma camada da população extremamente instável e com imensas dificuldades. Temos alguns utentes que não têm a vida minimamente estruturada sequer, é uma desgraça completa e também temos, desde a pandemia, uma camada nova de utentes que trabalham, mas não ganham o suficiente para as despesas que têm e para mim é muito dramático. Basta olhar para a fila e consegue-se diferenciar bem. Muitas pessoas criticam a Porta ser aberta a todos, mas para mim ter que estar numa fila para pedir para comer, 99% têm mesmo que precisar. Não há outra hipótese.. Não é possível.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 10: A questão da segurança era fundamental, muitas vezes os voluntários não estão seguros, vê-se pelos problemas que já tivemos, era fundamental melhorar a segurança. Muitas das pessoas que vêm cá jantar estão armados com facas.

A questão dos muçulmanos, acho que a igreja muçulmana deveria contribuir com algum tipo de apoio, porque é um encargo muito grande para nós, já que cozinhamos alimentos diferentes para eles, porque não comem carne que não seja morta pelo método deles. E deviam vir cá, fazer um levantamento e ajudar-nos.

Entrevista- Voluntário 11

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	65	6º ano	Comerciante	Divorciada	1 ano e meio

Q1: Por que que decidiu fazer voluntariado?

Vol 11: Para ajudar o outro, por uma questão de querer ajudar, fazer algo pela sociedade e gosto de ajudar, tenho este sentido de ajuda, e tinha pensado em fazer qualquer coisa e surgiu-me esta oportunidade.

Q2: Qual é que é o seu papel aqui como voluntária na Porta Solidária?

Vol 11: O meu papel neste momento é cozinhar, mas se for preciso outro, noutro setor, claro que ajudo, mas neste momento sinto que faço mais falta na cozinha, venho duas vezes por semana.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária já tinha feito voluntariado?

Vol 11: Fazia no Hospital Santo António, das oito da manhã às dez, porque as lojas abriam às dez, e eu estava na zona do pé diabético. Fiz durante uns anos.

Q4: Quais é que são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 11: A minha motivação é ajudar quem precisa, acho que faz parte de mim, hoje são eles, quase amanhã poderemos ser nós, mas faz parte da minha maneira de ser, acho que é mais por aí, gosto de ajudar.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 11: É muito, muito. Acho que sem voluntários ia ser muito difícil, se não houvesse... Primeiro, tem que haver quem dê as coisas, mas depois, se não houver quem as confeccione e quem as sirva, era impossível.

Q6: Em que medida que sente que o seu trabalho é valorizado? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado?

Vol 11: 5

Q7: Como é que vê a relação entre os voluntários e os utentes?

Vol 11: Eu acho que eles têm-nos muito respeito. Só o olhar deles para nós, que é um olhar de agradecimento, de gratidão. Sabem que nós estivemos a trabalhar para eles e a fazer com carinho. Eu sinto isso.

Q8: Como é que avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa?

Vol 11: 5

Q9: Desde que está num projeto, já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 11: Não. A formação foi feita por outras colegas. Pessoal daqui.

Q10: Quantas horas é que está a dar ao projeto, semanalmente? E quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 11: Três... É a terça e a sexta. Para mim, o único dia que não me dava jeito era a sexta, porque tenho a família a jantar lá em casa. Mas tento cumprir sempre.

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de notariado? Por exemplo, o aumento da felicidade, a realização pessoal?

Vol 11: Sim, senti que me motivou, motivou a nível pessoal, que me senti útil, numa altura da reforma, em que a pessoa tem muito mais tempo do que aquele que tinha. Senti que me levantou um bocadinho, saio da rotina com uma coisa que gosto de fazer e que sinto que estou a ajudar, a ajudar quem precisa.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? Até 10 euros? Entre 10 e 20 euros? Ou mais de 20 euros?

Vol 11: Entre 10 e 20€

Q13: Por que acha que este projeto é importante?

Vol 11: Para a sociedade, acho que é muito importante. Porque há muitas pessoas, sempre houve, a pobreza sempre existiu, eu lembro-me desde pequena que não era rica, mas havia pessoas mais pobres, mesmo com mais dificuldades que eu, na escola e à volta, e sempre existiu. E acho que devia haver mais deste género, porque isto contribui para que as pessoas passem menos mal. Pelo menos aqui têm onde se agarrar, sabem que têm um mimo, têm uma comida quente, têm umas sandes, têm um sorriso da nossa parte e de quem cá está. Acho que um sorriso é muito bom e não custa, não se paga.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 11: Assim, de momento, eu acho que ele está tão bem preparado, está bem pensado, que não me ocorra assim nenhuma sugestão. A sugestão é realmente continuar, porque há sempre boas vontades aqui e há pessoas com muito boa vontade. Eu acho que isto é para continuar e vai cada vez ser melhor, de certeza. Tenho essa ideia que sim, que é um projeto muito bonito.

Entrevista: Voluntário 12

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	69	Licenciatura	Economista	Casada	2

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 12: Eu decidi que quando me reformei, queria ser útil à sociedade. E a razão é essa, que acho que é uma das formas de aproveitarmos bem o tempo. Quando ficamos reformados, é claro que é passar também tempo de qualidade até com a família e tudo, mas depois há uma questão de consciência, quer dizer, de utilidade para a sociedade. Tem a ver com isso, essencialmente. Portanto, parece que vivo melhor podendo dar alguma coisa àquilo que preciso. Podendo ser útil. Portanto, é uma forma de estar na vida, acho que é. É isso.

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 12: O meu papel, neste momento, é fazer as recolhas dos excedentes na padaria Ribeiro.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 12: Fiz voluntariado num projeto que é o Trajetórias da Foz, que na altura era embrionário e juntava pessoas que nem sequer sabiam ler, com pessoas formadas para ensinarem. Depois estive em Perafita, mesmo no armazém do Banco Alimentar.

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 12: Ajudar os outros. A maior motivação é essa. E é este sentido de utilidade da vida, não é? Também para o outro. E é essencialmente essa a grande motivação.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 12: A Porta Solidária, como qualquer outra instituição, julgo que não conseguiria sobreviver sem esta capacidade humana, não é? Acho que é absolutamente fundamental, não é? E é fundamental que, realmente, os voluntários também estejam de coração. Porque na realidade são o braço direito de qualquer instituição.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 12: 5.

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 12: Nunca acompanhei aqui diretamente. Como só faço as recolhas e quando venho trazer a Porta já está fechada, acabo por não ter qualquer contacto, nem com voluntários, nem com utentes.

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 12: 5.

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 12: Não.

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 12: Eu estou lá muito pouquinho. No fundo, eu vou... Eu vou à Padaria Ribeiro e demoro uma hora e meia. Não é nada.

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 12: Eu acho que é de realização pessoal mesmo. Também posso chamar de felicidade por fazer algo para a sociedade.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 12: Até 10€.

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 12: É absolutamente fantástico, porque este projeto acaba por ser uma forma de pessoas que estão na rua, e não só, e precisam, poderem ter acesso a alimentação. Isso acho absolutamente fundamental.

No fundo, este projeto substitui até uma função do Estado.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 12: No meu caso, tendo em conta o trabalho que eu faço aqui no projeto, acho que está organizado e está bem gerido. Se calhar, às vezes seria útil que os voluntários se conhecessem. Quem faz as recolhas acaba por estar mais isolado e não tem grande contacto, é como se fosse um trabalho de bastidores.

Entrevista: Voluntário 13

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	64	Licenciatura	Professora	Casada	4 anos e meio

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 13: Na altura foi preciso porque, com a pandemia, muita gente foi embora e estava em causa a manutenção do serviço. Eu, nessa altura, não tinha razões para não ser voluntária, porque muita gente que deixou de vir, deixou de vir por causa de ter medo da pandemia, e eu raciocinei que, sendo o meu marido médico, o mais certo era eu apanhar em casa com ele. Portanto, não tinha nada a perder, não tinha razões para não me ocupar de outra coisa que fosse útil a alguém.

Q2: Qual é o seu papel como voluntária na Porta Solidária?

Vol 13: Faço o turno de servir das refeições e também coordenar um bocadinho os voluntários, sobretudo aqueles que contactam a paróquia e que é preciso alocar aos diversos turnos.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 13: Sim, ao longo da minha vida fiz outros tipos de voluntariado com pessoas pobres, desde o meu tempo de universidade.

Q4: Quais são as suas motivações para ser voluntária?

Vol 13: Eu não consigo dissociar essa opção da minha fé. A minha motivação começa por ser uma opção de fé, ou seja, aquilo em que eu acredito é que servir a Deus não pode ser de costas voltadas aos irmãos. Tentar fazer aos outros aquilo que eles precisam e acreditando sempre que Deus não põe ninguém no nosso caminho por acaso. É sempre uma coisa que me tem inspirado.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 13: Eu acho que são fundamentais e que o projeto não existia se não existissem voluntários. Claro que quem iniciou o projeto, quem o tem mantido e está muito relacionado com a sua personalidade é o nosso pároco, o Padre Rubens, e ele tem uma grande capacidade de dinamização, de desassossegar as pessoas e de insistir.

Mas todos os outros voluntários são importantes e acho que nos dão perspetivas diferentes. Porque, tanto pessoas reformadas que já têm uma experiência grande de vida, como voluntários mais novos, estudantes, universitários, famílias, todos eles têm uma contribuição, uma maneira de ver a sociedade. E eu acho que é isso que é a riqueza da fraternidade. É sermos todos diferentes, mas todos estarmos a servir no mesmo projeto. Eu acho isso que é bastante enriquecedor.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado?

Vol 13: 4

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e os utentes?

Vol 13: Eu acho que todos os voluntários têm um coração grande e que estão aqui, de facto, para servir. Alguns deixam-se tocar muito pelas situações pessoais, outros revoltam-se com algumas atitudes de alguns utentes. Agora, acho que, de uma maneira geral, há uma boa relação entre os voluntários. Quando não há, as pessoas vão-se embora e, portanto, o problema acaba por se resolver também.

Q8: Como é que avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito mais e 5 é muito bom?

Vol 13: 5

Q9: Desde que está num projeto, já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 13: Já participei em algumas palestras, não especificamente da Porta Solidária, mas porque convidaram a Porta a estar presente e eu fui representar. Por exemplo, a última foi sobre a integração de pessoas com problemas psicológicos em trabalho de voluntariado.

Q10: Quantas horas é que está a dar o projeto semanalmente e quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 13: Estou a dar cerca de dez horas por semana. Se houvesse mais voluntários, eu arriscava de vez em quando ficar em casa. Acho que o haver mais voluntários, sobretudo, tornava mais leve para todos, um bocadinho.

Q11: Como é que se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? Por exemplo, o aumento da felicidade, a realização pessoal.

Vol 13: Penso que todos nós gostamos de nos deitar à noite com a sensação de que fomos úteis. Pessoalmente, acho que me faz bem. Até me fez bem durante a pandemia, porque me permitiu eu não fiquei confinada à casa.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto é que acha que seria o preço justo à hora? (até 10 euros, entre 10 e 20 euros, ou mais de 20 euros?)

Vol 13: Até 10€

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 13: Eu acho que este projeto é importante porque impacta na vida de pessoas concretas. Porque permite responder a uma necessidade imediata, embora naturalmente que seria importante que os serviços públicos assumissem a sua função primordial. Seria muito bom que o Estado fizesse a sua função e que nós pudéssemos ser supletivos. Muitas vezes têm a noção que é ao contrário, que nós é que fazemos as coisas e custa. E, também, porque há pessoas concretas que, tendo passado aqui, deram a volta na vida. Portanto, isso é sinal de que valeu a pena estar aqui. Pronto.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 13: Não tenho nenhuma sugestão, sinceramente. Com os meios que temos, com os espaços que temos, acho que se está a fazer uma obra hercúlea, porque ultrapassa muito, muito a dimensão da nossa paróquia.

Entrevista- Voluntário 14

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
Feminino	19	Secundário	Estudante	Solteira	3

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 14: Ajudar o próximo e fazer a diferença.

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 14: Lavar loiça , servir comida

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 14: Sim

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 14: Querer combater as desigualdades. Acredito que o Estado não é o único responsável pela sociedade.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 14: Se não existissem voluntários, a Porta Solidária não existia, por isso o apoio dos voluntários influencia a 100% a missão da Porta.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 14: 4

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 14: Eu acabo por manter uma certa distância, mas estou sempre preparada para ajudar. No entanto há um pouco de tudo, temos utentes que são muito simpáticos connosco e tratam-nos muito bem e temos outros que criam algumas confusões.

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 14: 5

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 14: Aqui na Porta não recebi

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 14: 3 horas por semana. Seria sempre importante mais voluntários, não para ajudar a reduzir as horas, mas porque existem poucos e é importante mais pessoas para o projeto continuar.

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 14: Sinto me mais orgulhosa de mim, com uma mente mais aberta e atenta a nossa realidade social.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€).

Vol 14: 10€ ou menos

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 14: Ajuda a combater a fome e dar apoio às famílias portuguesas

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 14: Mais voluntários e mais angariação de fundos para comprar alimentos e/ou utensílios.

Entrevista: Voluntário 15

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	56	12º	bancária	casada	3 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 15: A principal foi para ocupar o tempo livre, mas a mais importante foi a oportunidade de poder ajudar os outros e também o aprender coisas novas.

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 15: Faço parte duma equipa que semanalmente às 4ª feiras das 15h às 18h prepara as refeições para serem servidas aos cerca de 400 utentes.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 15: Sim, pontualmente, por falta de tempo.

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 15: Dedicar parte do meu tempo a ajudar os outros, sentir-me útil, fazer novas amizades e se possível fazer a diferença na vida de alguém.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 15: Sem os voluntários não seria possível a Porta Solidária continuar a apoiar tantas pessoas com dificuldades financeiras, para quem uma refeição quente diária é muito importante e faz a toda a diferença.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 15: 5

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 15: Já têm acontecido situações desagradáveis tanto entre os utentes como para com os voluntários, às vezes têm dificuldades em respeitarem as regras, isto também pelo número elevado que diariamente frequenta a instituição e que pode originar confusão, mas no geral há uma boa relação e até por vezes de entre ajuda .

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 15: 5

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 15: Não recebi formação, vamos aprendendo uns com os outros.

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 15: Cerca de 3 horas semanais, para já não posso vir mais vezes pois tenho outros projetos, também de voluntariado; mas para a Porta Solidária há necessidade de mais voluntários para este projeto continuar, pois há dias em que as equipas só têm 2 elementos para cozinhar para cerca de 400 utentes e torna-se muito complicado tanto conseguir que a comida esteja pronta a horas, como é muito cansativo e desgastante, são tachos grandes e pesados e isto também pode originar acidentes.

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 15: Para mim foi o melhor que me aconteceu, depois de ter sido dispensada após 30 anos de trabalho, situação que não estava à espera. Sinto-me útil, mais feliz, melhorou a minha saúde mental e a minha autoestima, além de que fiz novas amizades. Dou mas também recebo dos outros.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 15: Até 10 €

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 15: É uma obra meritória, com voluntários que contribuem diariamente de forma dedicada e generosa e que sem eles era impossível socorrer os mais pobres e vulneráveis da sociedade, dar alimento aos que têm fome e muitas vezes uma palavra de alento, este projeto torna um bocadinho melhor a vida sofrida destas pessoas.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 15: Na minha opinião, e falo das equipas da cozinha que é onde estou, deveria de haver sempre pelo menos 3 a 4 voluntários fixos em cada dia, depois se aparecerem mais melhor, para prevenir imprevistos, acidentes e sobrecarga de trabalho e haver mais feedback entre as equipas.

Entrevista- Voluntário 16

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	59	Licenciatura	Empresária	Casada	3 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 16: Porque gosto de ajudar, gosto de ser prestável. Foi algo que sempre esteve presente na minha família desde que eu me conheço, desde criança. E, portanto, para mim é uma coisa extremamente natural.

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 16: Lavo a loiça, sirvo as refeições, estou na equipa do atendimento social, damos roupa, medicamentos e outras solicitações que o seu padre me pede.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 16: Já, desde 1990 que faço voluntariado.

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 16: É isso, é ajudar o próprio, é ser solidária e, acima de tudo, gosto muito de ajudar as pessoas, sem contrapartidas. Quer dizer, há sempre contrapartidas, eu gosto de um sorriso, gosto que as pessoas sejam simpáticas para mim, portanto, isto de não haver contrapartidas é falso. Porque isso também nos faz bem.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 16: É fundamental. A Porta da Solidariedade é constituída por voluntários. Todo o serviço é, não devo errar ao dizer que praticamente 100%, são voluntários. Há pequenas ajudas pontuais, como é óbvio aqui do Centro Social e da Paróquia, porque as instalações são da Paróquia, são do Centro Social, mas é um serviço 100% efetuado por voluntários. Seria praticamente impossível o Centro Social e a Paróquia conseguir sozinhos. O trabalho imenso que a Porta faz sem os voluntários não seria possível

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 16: 5

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 16: É uma relação boa. Os voluntários que andam cá são pessoas que gostam de ajudar o próximo, que não fazem discriminação de espécie alguma. E eu acho que os utentes vêem isso e que ficam agradados com isso. Eles percebem o esforço que muitos fazem após um dia de trabalho ou voluntários que já são idosos e que dedicam muito o seu dia aqui.

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 16: 5

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 16: Quando nós chegamos, há pequenas formações, como mostrar as instalações, dizer como é que as coisas funcionam. Essas formações, é óbvio que sim. Se me está a perguntar, formações em entidades creditadas, que eu me esteja a recordar, não.

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 16: Muitas, eu aqui na Paróquia faço também outro tipo de trabalhos, estou cá todos os dias, na Porta e não só. Claro que era bom se tivesse mais duas ou três pessoas como eu que tivessem muito tempo livre o podíamos fazer aqui outro tipo de coisas

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 16: A realização pessoal é sempre grande. Quando a gente está a ajudar outras pessoas isso é muito gratificante a nível pessoal. Sinto algum cansaço, porque realmente a pouco e pouco comecei cada vez mais a despender muitas horas por aqui. É inerente que depois vamos tendo conhecimento de algumas situações de vida, algumas histórias de vida muito complicadas, de algumas pessoas que nos pedem ajuda. E invariavelmente isso leva-se para casa, não é? Muitas vezes tira sono. Mas sinto-me muito satisfeita porque vamos conseguindo ajudar muitas pessoas, com os nossos conhecimentos, com os nossos amigos com as ajudas que a própria paróquia dos meios que a paróquia tem, dos recursos que a paróquia pode despender e isso é muito gratificante, não é?

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 16: Entre 10 e 20€

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 16: É um projeto social, é um projeto fundamental na região, no país, para a sobrevivência das pessoas, porque, apesar de estarmos na Europa, haver muitos recursos, e haver muitas instituições, a verdade é que as ajudas, os recursos que o país tem, as estruturas que o país tem, muitas vezes não chegam às pessoas e nós somos a forma mais fácil das pessoas, muitas vezes, começarem a se erguer. Portanto, é fundamental estas instituições da sociedade civil que conseguem dialogar, que não criam barreiras, porque, acima de tudo isso, nós não criamos aqui barreiras. Quando toda a gente fechou a porta, eles recorrem a nós. Porque a gente abre a porta a todos.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 16: Precisávamos de uma instalação maior. Precisávamos de formação aos voluntários, até porque a formação motiva também as pessoas. As entidades públicas deveriam, não é poderiam, é deveriam investir um bocadinho em nós. Porque é muito giro quando darmos um número.

Entrevista: Voluntário 17

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
M	37	9º ano	Cuidador de idosos	Solteiro	8 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 17: Desde pequeno vi a minha mãe a fazer voluntariado e foi algo que ela sempre foi inculcando a mim e aos meus irmãos.

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 17: O meu papel na porta solidária é fazer o que seja preciso no próprio dia, desde lavar loiça, servir comida como a limpeza do espaço.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 17: Não

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 17: A minha motivação é sem dúvida ajudar o próximo, tentar por mais pouco que seja a minha ajuda, quer um mundo melhor, com mais igualdade entre todos.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 17: Se não fossem os voluntários a Porta Solidária não teria o sucesso que tem há vários anos.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 17: 3

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 17: Vejo dedicação, apoio, palavras de conforto dos voluntários para com os utentes.

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 17: 4

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 17: Não

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 17: Neste momento 4h por causa da minha atividade profissional, mas já dei mais, por isso sempre que consigo venho

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 17: Realização pessoal, sentir me útil perante a sociedade ajudando quem mais precisa.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 17: Até 10€.

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 17: É muito importante, pois sem este projeto muitas pessoas não teriam nada para se alimentar dia a dia.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 17: Mais diálogo entre o coordenador e os voluntários, e mais organização.

Entrevista – Voluntário 18

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	62	Doutoramento	Prof. Universitária	Casada	5 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 18: Porque acho que é importante ajudar quem mais precisa e fazer alguma coisa pelos outros e tendo essa oportunidade, que acho que vale a pena fazer.

Q2: Qual é o seu papel como voluntária aqui na Porta Solidária?

Vol 18: Faço as recolhas nas padarias Ribeiro das sobras de cada dia.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 18: Coordenava a área de voluntariado, na Universidade, juntamente com um grupo de alunos.

Q4: Quais é que são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 18: Por um lado, ajudar, dar algo útil do que tenho para ajudar as pessoas que precisam, e , por outro lado, sentir-me útil também. Tenho a felicidade de poder ter uma vida boa e gosto de fazer paz aos outros e de ver a felicidade dos outros quando são ajudados também.

Q5: Como é que acha que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 18: Sem os voluntários seria muito difícil continuar a missão e se não fossem pessoas a ajudar, eu acho que era impossível. Com tanta gente que pede ajuda, eu acho que era impossível.

Q6: Em que medida que sente que o seu trabalho é valorizado? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado?

Vol 18: 4

Q7: Como é que vê a relação entre os voluntários e os utentes?

Vol 18: Nunca estive diretamente com os utentes.

Q8: Como é que avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa?

Vol 18: 4.

Q9: Desde que está no projeto, já recebeu alguma informação?

Vol 18: Não.

Q10: Quantas horas é que está lá o projeto semanalmente e quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 18: Cerca de uma/duas horas por semana. Faço aquilo que posso e não sinto necessidade de reduzir, porque já é muito pouco, mas é o que consigo.

Q11: Como é que se sentiu a nível pessoal depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? Por exemplo, o aumento da felicidade, a realização pessoal?

Vol 18: Sinto-me feliz por poder ajudar um bocadinho, pouquinho, ao êxito da porta. Mesmo sendo um trabalho que às vezes é a hora de jantar o que não é sempre fácil, mas acho que compensa.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? Até 10 euros, entre 10 e 20 euros, ou mais de 20 euros?

Vol 18: Entre 10 e 20€

Q13: Por que que acha que este projeto é importante?

Vol 18: Acho que este projeto é importante porque, infelizmente, e cada vez mais há pessoas que estão em situações mesmo difíceis da vida e não só há pessoas que se calhar sempre estiveram, mas há algumas que entram em grandes dificuldades e há poucos apoios destes na cidade. Por isso, acho que o apoio que é feito aqui, é muito importante para ajudar essas pessoas que de outra maneira se calhar não teriam apoio.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 18: Recrutar mais voluntários e fazer parcerias com as universidades, não sei se já o fazem ou não, mas as universidades estão a dar cada vez mais valor ao voluntariado. Também podiam pôr os utentes a ajudar e a tornarem-se voluntários.

Entrevista – Voluntário 19

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
M	24	12º	Administrativo	Solteiro	4 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 19: Para poder dar um pouco de mim para a sociedade. Retribuir também aquilo que vou recebendo e que recebi. Tentar deixar uma marca positiva, segundo as minhas capacidades, os meus recursos. E porque sou cristão também. Cumprindo o mandamento do amor ao próximo.

Q2: Qual é que é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 19: O que tenho feito com mais regularidade agora é lavar louça e também costumo preparar os kits que entregamos aos utentes. Por isso, eu faço parte de dois turnos. Durante a semana, na equipa da distribuição e no domingo no turno da preparação.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 19: De forma regular, não.

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 19: É o mandamento do amor ao próximo. Poder contribuir com aquilo que sou e com aquilo que tenho, para que os outros possam ser um bocadinho melhores. Estarem um bocadinho melhores, capacitarem-se um bocadinho mais. E, também, verem também o serviço dos cristãos e da Igreja posto em prática.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 19: É o mais importante. Porque se os voluntários, de facto, estiverem interessados em servir, pronto, as coisas vão fluindo e se e estiverem interessados em bloquear as coisas, deixa de haver Porta Solidária. Porque 98% do trabalho é trabalho voluntário. Algumas funcionárias do Centro Social dão uma ajuda, mas se não fossem os voluntários, das duas, uma tinha que se contratar gente para trabalhar e

então os custos aumentavam muito, ou então tinha que se deixar de haver Porta Solidária porque não havia recursos para contratar gente para trabalhar na Porta Solidária.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado.

Vol 19: 5

Q7: Como é que vê a relação entre os voluntários e os utentes?

Vol 19: De uma forma geral, muito positiva. Com interação, com simpatia também, mas já foi melhor, noto isso também, não sei se é pelo cansaço. Uma coisa até que reparo é que, quando vem um voluntário novo e começa a interagir com as pessoas, consigo notar, por exemplo, o tipo de interação que nós tínhamos nos inícios, quando começámos a fazer isto. Ou seja, o que é que acontece agora? As caras são as mesmas. Se calhar já conhecemos algumas das manhas deles, digamos assim. Eu acho que esse fator também influencia para não haver tanto motivo de conversa, tanta empatia.

Q8: Como é que avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa?

Vol 19: 5

Q9: Desde que está no projeto, já recebeu alguma formação?

Vol 19: Não.

Q10: Quantas horas é que está a dar ao projeto semanalmente e quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 19: Entre 5 a 8 horas por semana. Já vim todos os dias, agora já não tenho essa disponibilidade. Se existissem mais voluntários era muito bom, uma vez que estou com vários hobbies e muitas vezes sinto-me na obrigação de vir, com receio de virem poucos voluntários e eu falhar.

Q11: Como é que se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? Exemplo, o aumento da felicidade, a realização pessoal

Vol 19: Teve um impacto bastante significativo para mim, a nível de crescimento pessoal, a minha relação com a fé, serviço e a relação entre serviço e fé. A nível de crescimento pessoal, ao contactar com a pobreza que às vezes é um tema abstrato. Nós sabemos que existe, mas só sentimos verdadeiramente quando contactamos com as pessoas e percebemos a importância de iniciativas como esta. Confesso

que antes de fazer voluntariado, quando chegava a hora de jantar e eu não gostava da comida, dizia à minha mãe que não queria comer e não valorizava o trabalho dela e o prato que tinha à minha frente. Agora penso de forma diferente.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? Até 10€, entre 10 e 20€ ou mais de 20€?

Vol 19: Mais de 20€.

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 19: Daquilo que eu conheço, é o maior projeto que alimenta as pessoas aqui na Zona Norte e no país não vejo paralelo, sinceramente. Isto a nível de refeição pronta diariamente, nos moldes em que é, tendo em conta também, por exemplo, algumas especificidades religiosas de alguns utentes, que são muçulmanos, e nós fazemos alguma diferenciação. Ou seja, quando cozinhamos carne de porco, nós temos cerca de 200 muçulmanos a vir comer, temos de garantir que essas pessoas possam ter uma alternativa também disponível. E eu não vejo paralelo no nosso país. Para já, servir o número de pessoas que nós servimos todos os dias, e para além disso, ter esta responsabilidade e esta diferenciação positiva, tendo em conta as especificidades da pessoa. Estou a falar dos muçulmanos, mas também temos pessoas vegetarianas e arranjam sempre uma alternativa.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 19: Arranjar voluntários. Fazer mesas mais pequeninas, mais mesas e mais pequeninas, num espaço mais amplo, onde as pessoas pudessem até estar, se calhar, mais tempo no convívio, porque havia, pronto, havia mais margem para. Formação para os voluntários, era importantíssimo, a nível de várias valências, como resolução de conflitos, primeiros socorros, primeiros socorros psicológicos.

Entrevista: Voluntário 20

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	25	Licenciatura	Estudante de Enfermagem	Solteira	2 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 20: Compreender que nascendo com sorte e o privilégio de não passar dificuldades ou fragilidades, tenho o dever de ajudar o outro que não pôde nascer da mesma forma que eu

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 20: Estou na porta a receber as pessoas e a tornar o dia delas um bocadinho menos sombrio

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 20: Sim

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 20: Tornar o Mundo um bocadinho mais justo para todos

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 20: Influencia muito, o bem-estar e apoio dos voluntários são o espelho do bem-estar e apoio dos utentes.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 20: 3

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 20: Por norma, com os utentes é boa, vai depender sempre de cada pessoa

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 20: 4

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 20: Não

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 20: Tento dar sempre 3h por semana.

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 20: Com sensação de dever cumprido

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 20: Até 10€

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 20: É fundamental para a saúde dos utentes

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 20: Formação de voluntários frequente (melhorias na comunicação, tratamento e disponibilidade aos utentes), acompanhamento aos utentes (parcerias de saúde), maior divulgação nas redes sociais (melhoria da imagem)

Entrevista- Voluntário 21

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
M	55	Mestrado	Gestor	Viúvo	4 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 21: É algo que já faço há bastante tempo de forma a devolver a comunidade o que ela me dá .O falecimento da minha mulher acelerou o processo em termos de maior envolvimento e dedicação essa causa do voluntariado

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 21: Dou apoio no turno da cozinha no Domingo de tarde

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 21: Sim , em diversas organizações, sendo que sou igualmente responsável de uma associação de arte com fins solidários

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 21: Simplesmente ajudar de forma descomprometida quem mais precisa tendo perfeitamente noção que esta ajuda é sempre muito simbólica e limitada

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 21: O apoio dos voluntários é absolutamente crítico e fundamental para que a porta solidária possa desempenhar a sua missão para isso naturalmente que importa reforçar o numero de voluntários que que muitas vezes peca por escasso .

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 21: Embora não seja essencial para mim,acredito que o trabalho seja valorizado assim como de todos os voluntários por parte da comunidade

Pelo que diria um 4

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 21: Não tenho muita oportunidade para interagir com utentes neste contexto da porta solidária, mas nas outras associações no qual estou envolvido a reação é muito dispare, pois há pessoas que reconhecem o trabalho e todo empenho mas infelizmente embora minoritários a quem olhe para o nosso apoio quase que com uma questão administrativo , uma obrigação

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 21: Não interajo com eles

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 21: Não

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 21: O meu apoio é dado ao domingo entre as 14h30 e as 17 horas . Mais que reduzir a minha carga horária , seria importante reforçar o número de voluntários para evitar que um dia não seja cumprida ou não consigamos realizar aquilo a que nos propusemos , para além de que é difícil reter e manter

voluntários muitos anos . creio que a porta solidária tem reconhecimento , crédito e mérito para atrair muito mais voluntários

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 21: Senti me preenchido

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 21: Entre 10 a 20 €

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 21: Pelos anos em que já existe, pela importância que tem junto à comunidade , pela quantidade de pessoas que já apoiou e que alimenta e a quem dá amparo e carinho é um projeto como o nome indica, solidário e absolutamente imprescindível

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 21: -Aumentar número de voluntários

-Reforçar redes sociais e usar-las a favor do projeto através de permuta com agências especializadas

-Reuniões de partilha

-Melhorar organização e planeamento

-formação

-reduzir desperdício

Entrevista: Voluntário 22

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	33	Mestre	Chefe de equipa, gestão de projetos	Solteira	2 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 22: Estar mais envolvida na comunidade local e ajudar quem mais precisa.

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 22: Equipa Cozinha, ajudo na preparação das refeições diárias (1x/semana)

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 22: Sim

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 22: Sem voluntários não seria possível ver a missão da Porta Solidária ser cumprida.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 22: 4

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 22: Não tenho muita ligação com os utentes. No geral penso que é positiva, mas pode ainda melhorar. Ainda há muito preconceito e é necessário lembrar que somos todos parte da mesma sociedade.

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 22: 4

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 22: Não.

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 22: 3hrs/semana. Quando fico apertada em trabalho daria jeito ter mais pessoas nas equipas para ajudar.

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 22: Positiva. Até mesmo mentalmente. Trabalhando sempre em frente ao computador e a um ritmo acelerado, é bom tirar estas horas para desligar do trabalho e pôr o cérebro a funcionar de maneira diferente.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€;

10-20€ ou +20€)

Vol 22: Até 10€

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 22: Ajudar melhora a sociedade e apoiar quem mais precisa pode realmente fazer a diferença.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 22: Guia de refeições para ajudar no dia a dia. Sinto que preparo refeições muito semelhantes regularmente, seria bom ter diferentes ideias e soluções simples. Partilha de conhecimento de maneira oficial; Guidelines de higiene em treino para garantir que oficialmente é registado.

Entrevista: Voluntário 23

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	73	12º	Reformada	Casada	4 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 23: Eu tinha de ocupar o meu tempo e queria ser útil. Fugir da monotonia da casa e sinto-me muito bem.

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 23: Estou na equipa dos kits, tanto de manhã como de tarde

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 23: Não

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 23: Principalmente pelo contacto com as outras pessoas. Quando nos reformamos, passamos muito tempo em casa e às vezes é preciso procurar novas ocupações para nos mantermos saudáveis

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 23: Influencia muito, é muito importante. Os funcionários não conseguiam fazer tudo. Quem está de fora não tem noção do trabalho que isto envolve e da importância que os voluntários têm.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 23: 5

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 23: Não tenho contacto com os utentes. O turno em que eu estou não tem contacto.

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 23: 5

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 23: Não

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 23: Neste momento dou 10h por semana. Se existissem mais voluntários era bom, para cobrir muitas vezes a falta de pessoas para ajudar. No entanto, acho que eu manteria as mesmas horas por semana.

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 23: Senti-me bem, porque eu venho sempre motivada. Eu nunca venho contrariada, eu venho sempre feliz. Eu venho sempre porque quero. Porque quero mesmo.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 23: Entre 10 e 20€

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 23: É importante porque ajuda muita gente e faz muita diferença tanto na vida de quem vem receber a refeição, como na vida dos voluntários. Em alguns casos, as pessoas ganham uma nova vida ao fazerem voluntariado. Ganham um novo sentido da vida e isso é muito bonito de ver.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 23: Conseguirem mais ajudas. Nem sempre a fruta é suficiente, por exemplo. Conseguir mais parcerias com frutarias locais.

Entrevista- Voluntário 24

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
M	28	12º	Programador	Solteiro	3

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 24: Procurava formas concretas de ajudar quem necessita, e também, acabando o confinamento, de conhecer pessoas com valores semelhantes.

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 24: Ajudo na entrega das refeições, normalmente na copa a lavar loiça, e quando necessário como coordenador.

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 24: Sim, já tinha feito vários de forma esporádica. A porta solidária foi o 1º que se tornou recorrente.

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 24: Ajudar a melhorar um pouco que seja a vida de quem mais precisa, e apoiar as pessoas que trabalham com a mesma motivação.

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 24: Os voluntários são imprescindíveis ao seu funcionamento.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 24: 4

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 24: Na grande maioria, positivamente. Infelizmente ocorrem muitas vezes uns desacatos.

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 24: 4

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 24: Não.

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 24: Entre 6 a 9 horas. Na maioria dos dias mesmo com voluntários suficientes para tal, não reduziria as minhas horas, mas será sempre útil em alguma eventualidade.

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 24: Maior sensação de realização e comunidade.

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 24: 10€

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 24: Com os contínuos acréscimos de dificuldades socioeconómicas, a existência de projetos comunitários como este tornam-se cada vez mais necessários, para o modesto apoio que possam oferecer, e como exemplo de que é possível ainda uma comunidade se entreatuar, fora de motivos de lucro ou obstáculos políticos.

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 24: Alguma forma de melhor organizar e comunicar a necessidade de voluntários para determinado dia e equipa. Claro que nunca seria perfeito, mas algum acesso partilhado online ou até em papel que permita ter noção de quem se espera nos próximos dias/semanas, de forma a saber quando teremos

algum apoio de um grupo maior tipo uma turma ou escuteiros, saber que voluntários contam mais vir em dias certos por rotina e ter melhor noção de quando muita gente pode vir a faltar.

Entrevista- Voluntário 25

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	30	Licenciatura	Assistente Social	Solteira	2

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 25: Sempre senti que a minha profissão estava ligada à missão de ajudar o próximo, por isso o voluntariado funciona como uma extensão natural do meu trabalho e dos meus valores pessoais

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 25: Ajudo na preparação dos kits durante a tarde e, às vezes, ajudo a servir as refeições

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 25: Sim, em alguns lares, pontualmente.

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 25: Saber que estou a contribuir para a redução na fome do Porto, que infelizmente ainda é um problema

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 25: Sem voluntários, o projeto não conseguiria manter a resposta diária. Somos essenciais para garantir o funcionamento.

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 25: 5

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 25: De grande respeito e empatia. Procuramos sempre trata-los com muita dignidade

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 25: 5

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 25: Não.

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 25: Estou a dar 2 horas, em média. Até gostaria de dar mais, mas não consigo

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 25: Senti um aumento da minha realização pessoal e propósito

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 25: Até 10€

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 25: Porque responde de uma forma concreta a necessidades básicas que, infelizmente, ainda existem

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 25: Apostar na formação dos voluntários

Entrevista- Voluntário 26

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	37	Licenciatura	Gestora	Casada	5 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 26: Senti vontade de retribuir à comunidade e dar sentido ao meu tempo livre

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 26: Ajudo a servir as refeições

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 26: Não

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 26: Fazer a diferença e sentir-me útil

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 26: Sem a nossa ajuda seria impossível preparar e servir tantas refeições

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 26: 5

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 26: Acho que a relação é muito boa, eles percebem que estamos aqui para eles

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 26: 5

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 26: Não, mas era importante

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 26: Dou cerca de 7 horas por semana e não preciso de reduzir a carga horária, dou mesmo por vontade

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 26: Senti-me mais feliz e com mais consciência social

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 26: Até 10€

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 26: Porque faz a diferença na vida de centenas de pessoas que, sem este projeto, teriam ainda mais dificuldades

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 26: Se calhar melhorar a comunicação interna, entre alguns voluntários e investir na formação

Entrevista- Voluntário 27

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	72	4º ano	Reformada	Viúva	2 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 27: Estava muito tempo sozinha em casa, precisava de uma ocupação, mas não queria ir para um centro de dia, queria sentir-me útil. Então a minha filha procurou um projeto de voluntariado que eu pudesse ir e vim aqui parar

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 27: Venho cá todas as manhãs e ajudo nos kits, a cortar batatas, legumes, etc

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 27: Não

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 27: Sentir-me útil, o que na minha idade já não é muito fácil

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 27: Acho que somos muito importantes e ajudamos muito

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 27: 4

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 27: Não estou com os utentes, mas imagino que seja boa, afinal, este trabalho é para eles

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 27: 5

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 27: Não.

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 27: Entre 5 a 7 horas por semana

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 27: Senti-me muito bem, gosto muito de vir

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 27: Até 10€

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 27: Porque ajuda muitas pessoas com dificuldades

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 27: Não tenho sugestões

Entrevista- Voluntário 28

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
M	50	12º ano	Desempregado	Solteiro	1 ano

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 28: Para ocupar o meu tempo e ajudar quem mais precisa

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 28: Ajudo a servir as refeições, lavar louça, o que for preciso

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 28: Já, nos peditórios da Liga Portuguesa contra o Cancro

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 28: Contribuir para a construção de uma sociedade mais justa

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 28: Influencia muito, sem os voluntários a Porta Solidária não existia

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 28: 4

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 28: Às vezes há confusões, mas no geral a relação é boa

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 28: 5

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 28: Quando vim pela primeira vez explicaram o que eu tinha de fazer

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 28: Estou a dar 3 horas por semana, não é muito, gostava de dar mais, por isso não sinto que deva reduzir ainda mais se existissem mais voluntários

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 28: É muito bom saber que contribuo para que as outras pessoas se sintam bem e consigam alimentar-se devidamente todos os dias

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 28: 10€

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 28: Porque apoia pessoas reais, em situações de dificuldade e emergência

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 28: Se calhar apostar mais na formação e preparação para lidar com um grupo tão vulnerável

Entrevista- Voluntário 29

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
F	63	Licenciatura	Enfermeira	Casada	3 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 29: Quis ajudar a sociedade de alguma forma e tenho uma amiga que também é voluntária aqui e decidi ajudar também

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 29: Faço recolhas nas Padarias Ribeiro uma vez por semana

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 29: Sim, sempre estive ligada a vários projetos, principalmente quando era jovem

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 29: Solidariedade e empatia para com os mais vulneráveis

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 29: Do que conheço, acho que sem os voluntários o projeto não existia

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 29: 5

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 29: Não tenho contacto com os utentes, não sei

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 29: 5

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 29: Não

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 29: 2 horas apenas

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 29: Fico contente por ajudar e conseguir fazer a diferença, por mais pequena que seja

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 29: + de 20€

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 29: Reduz a fome e isso é o mais importante

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 29: Não tenho sugestões

Entrevista- Voluntário 30

Género	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Estado civil	Voluntário há quantos anos
M	21	12º ano	Tec. De informática	Solteiro	6 anos

Q1: Por que decidiu fazer voluntariado?

Vol 30: Por sentir que todos devemos contribuir para uma sociedade mais justa, sair da nossa zona de conforto e ajudar aqueles que não tiveram a mesma sorte que nós na vida

Q2: Qual é o seu papel como voluntário na Porta Solidária?

Vol 30: Ajudo nas recolhas de alimentos, sopas e a servir as refeições

Q3: Antes de estar na Porta Solidária, já tinha feito voluntariado?

Vol 30: Antes não, já cá estou há algum tempo

Q4: Quais são as suas motivações para fazer voluntariado?

Vol 30: Sentido de responsabilidade social, essencialmente

Q5: Como é que o apoio dos voluntários influencia a missão da Porta Solidária?

Vol 30: Influencia muito mesmo, sem os voluntários acho que os funcionários sozinhos não iam conseguir

Q6: Em que medida é que sente que o seu trabalho é valorizado? (numa escala de 1 a 5 em que 1 é nada valorizado e 5 é muito valorizado)

Vol 30: 5

Q7: Como vê a relação entre os voluntários e destinatários/utentes?

Vol 30: A minha relação é ótima, alguns já conheço há algum tempo e gosto muito de conversar com eles

Q8: Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito má e 5 é muito boa, como avalia a sua relação com os trabalhadores da instituição?

Vol 30: 5

Q9: Desde que está no projeto já recebeu alguma formação? Se sim, quando e onde?

Vol 30: Não

Q10: Quantas horas está a dar ao projeto semanalmente? Quão importante seria se existissem mais voluntários e a sua carga horária pudesse ser reduzida?

Vol 30: Neste momento 4h por semana, por causa do trabalho não consigo dar mais

Q11: Como se sentiu a nível pessoal, depois de ter iniciado a sua atividade de voluntariado? (ex: aumento da felicidade/realização pessoal)?

Vol 30: Aprendi a valorizar as pequenas coisas que temos na vida, principalmente as que damos por garantido e cresci bastante desde que faço voluntariado

Q12: Se o trabalho fosse pago, quanto acha que seria o preço justo à hora? (até 10€; 10-20€ ou +20€)

Vol 30: + de 20€

Q13: Por que é que acha que este projeto é importante?

Vol 30: Pelo apoio que presta à comunidade e por garantir a dignidade das pessoas

Q14: Indique sugestões para melhorar o funcionamento do projeto.

Vol 30: Mais formação para os voluntários e mais pedidos de ajuda nas redes sociais

Anexo n.º 3: Transcrições das entrevistas aos doadores da Porta Solidária

Entrevista doador 1

Q1: É doador exclusivo da Porta Solidária? (sim ou não)

Doa1: Sim

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa1: Por indicação de uma amiga , quando começou pandemia. Soube que precisavam de ajuda e como tinha possibilidade, decidi ajudar.

Q3: De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 1: Porque sou mais uma a ajudar.

Q4: Quais são as suas motivações para ser doador?

Doa 1: Para ajudar quem precisa.

Q5: Tem alguma relação com que usufrui diretamente das suas doações? (os utentes/beneficiários)?

Doa 1: Não tenho.

Q6: Qual a origem dos bens doados?

Doa 1: Comprados no supermercado e posteriormente ajuda monetária.

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 1: Falta de meios para poder ajudar.

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Doa 1: Não me parece , antes pelo contrário , por vezes há escassez segundo tenho conhecimento

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável

Doa 1: 5

Entrevista: doador 2

Q1: É doador exclusivo da Porta Solidária? (sim ou não)

Doa 2: Não

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa 2: Tendo em conta que nós temos uma lista limitada de instituições que podemos apoiar, nós temos de priorizar essas instituições. E, portanto, tentamos sempre olhar para a relevância, em primeiro lugar, a relevância da resposta social. E a verdade é que, no caso da Porta Solidária, as cantinas sociais têm uma relevância gigante naquilo que é a resposta de emergência às pessoas que necessitam de alimentação imediata. E acho que esse é, assim, um dos pontos principais, é perceber que, de facto, vocês apoiam muita gente todos os dias, e são mesmo um apoio até para nós, quando recebemos pedidos de ajuda alimentar, são uma referência para uma resposta imediata.

Q3: De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 2: Acho que influencia diretamente no sentido em que conseguimos poupar recursos à Porta Solidária ao doar esses alimentos

Q4: Quais são as suas motivações para ser doador?

Doa 2: Tem a ver com a importância da resposta que dão. E, de facto, ainda há tanta gente que nos liga numa situação de socorro e encaminhamos sempre para jantar na Porta Solidária. E é mesmo de uma importância gigante o trabalho que fazem e por isso para nós faz todo o sentido poder apoiar. Acabam, também, por ser um parceiro, quando falamos mesmo na luta contra o desperdício, porque sempre que temos excedentes são quase as primeiras instituições em que nós pensamos, porque escoam muito produto. Por isso, acho que a nossa motivação enquanto Banca Alimentar é chegar onde é preciso.

Q5: Tem alguma relação com quem usufrui diretamente das suas doações? (os utentes/beneficiários)?

Doa 2: Não

Q6: Qual a origem dos bens doados?

Doa 2: Há muitas origens. Quando nós falamos daquilo que são os produtos não perecíveis, esses produtos vêm das nossas campanhas de recolha de alimentos nos supermercados, vêm de empresas e, também, da rede de emergência alimentar. Temos muitas empresas, nossas parceiras, já temos empresas que produzem uma parte para nos doar e temos também empresas que nos vão doando aquilo que são os excedentes, aquilo que já não é colocado à venda.

E depois, em termos dos perecíveis, portanto, daquilo que são os frescos, vamos a produtores locais, vamos ao mercado abastecedor no Porto e vamos a hortas, etc.

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 2: Aquilo que nos faz suspender ou cancelar uma doação tem a ver com a não concordância de valores de procedimentos que são feitos com as outras instituições. Nós, no Banco Alimentar, temos por base o valor da transparência, queremos fazer as coisas de forma transparente cada vez mais, queremos colaborar e queremos que os alimentos que daqui saem, que mais uma vez não são para nós, são para o beneficiário final, que sejam efetivamente entregues a quem devem ser e, portanto, se nós soubermos que a Porta Solidária tem alguma má conduta com os utentes, que faz desvio de alimentos, esse tipo de coisas que não está de todo em concordância com aquilo que são os nossos valores e com aquilo que nós acreditamos que deve ser feito, isso levaria a essa suspensão.

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Doa 2: Eu diria que não, tendo em conta a dimensão do projeto.

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável

Doa 2: 5

Entrevista doador 3

Q1: É doador exclusivo da Porta Solidária? (sim ou não)

Doa 3: Não

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa 3: Começou logo no início, em 2009, quando o Padre Rubens veio aqui pedir ajuda e na altura algumas irmãs começaram a ajudar a servir as refeições. E nós prontamente nos associámos. E tem vindo a crescer ao longo dos anos e tentamos, dentro das nossas possibilidades, colaborar com aquilo que podemos.

Q3: De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 3: Eu acho que estes projetos em Portugal não são fáceis, não há nenhum apoio estatal, ou seja, tem que se recorrer a privados e a benfeitores para as coisas funcionarem. E muitas vezes não é fácil e nós sabemos que estas coisas não são fáceis. Acreditamos que pelo nosso cariz, pela nossa forma de estar, pela nossa proximidade e o envolvimento que temos com a Paróquia da Conceição, que era um projeto que fazia todo o sentido nós estarmos ligados. Sabemos o que fazemos para lá.

Q4: Quais são as suas motivações para ser doador?

Doa 3: Nós temos a Fundação Santa Maria, e apoiamos várias instituições, no entanto, a Porta Solidária é aquela que apoiamos com maior regularidade, pela proximidade, mas também pela importância do trabalho que desenvolvem e por sabermos que realmente ajudam as pessoas. É um projeto que é uma mais-valia grande para a cidade e para as pessoas que lá recorrem.

Q5: Tem alguma relação com que usufrui diretamente das suas doações? (os utentes/beneficiários)?

Doa 3: Marcamos presença na Ceia de Natal solidária que organizam anualmente e aí temos contacto com alguns utentes, uma vez que partilhamos mesa durante o jantar.

Q6: Qual a origem dos bens doados?

Doa 3: Nós fazemos 100 litros de sopa por dia que vêm cá buscar em termos e, também, ajudamos com 50kg de carne por semana, que vem já cortada para facilitar o trabalho.

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 3: Não existe essa possibilidade. Na minha forma de pensar, e acho que vai um bocadinho ao encontro daquilo que as pessoas do hospital querem, é dar apoio, continuar a dar apoio à Porta Solidária. Portanto, não vejo que isso seja possível, assim, pelo menos próximo, deixar de apoiar a Porta Solidária. É um projeto que nos diz muito.

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Doa 3: Nós damos a quantidade de sopa que precisam para dar às pessoas e carne para cozinhareм duas vezes por semana, por isso penso que aquilo que damos é muito necessário e utilizado no próprio dia.

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável

Doa 3: 5

Entrevista doador 4

Q1: É doador exclusivo da Porta Solidária? (sim ou não)

Doa 4: O Programa de Donativos da Lactogal apoia cerca de 1 centena de instituições.

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa 4: Pela análise que fizemos é uma instituição credível e com um trabalho reconhecido na comunidade.

Q3: De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 4: Não somos nós quem saberá responder, mas a instituição.

Q4: Quais são as suas motivações para ser doador?

Doa 4: Somos uma Empresa comprometida com a nossa comunidade e, dentro do que nos é possível, fazemos doação de produtos nossos com o objetivo de suprir necessidades alimentares das instituições que estão incluídas no nosso Programa de Donativos.

Q5: Tem alguma relação com que usufrui diretamente das suas doações? (os utentes/beneficiários)?

Doa 4: Não.

Q6: Qual a origem dos bens doados?

Doa 4: Produtos lácteos, sobretudo.

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 4: Todas as instituições incluídas no nosso Programa de Donativos têm de cumprir com determinados requisitos legais. A única obrigação das instituições que apoiamos é a emissão de recibo

de donativo no prazo que solicitamos e o aviso dos períodos de encerramento. Se estas condições forem cumpridas, é garantida a permanência das instituições no nosso Programa.

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Doa 4: Não somos nós quem saberá responder, mas a instituição.

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável.

Doa 4: 2

Entrevista doador 5

Q1: É doador exclusivo da Porta Solidária? (sim ou não)

Doa 5: Não

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa 5: Em 2021, de forma a envolver também os nossos convidados na ajuda à comunidade que visitam, iniciamos o nosso projeto dos LivingTourianosComCausa 1X1, (por cada pessoa transportada nos seus tours, a Living Tours oferece um prato de comida a uma pessoa carenciada e sem-abrigo).

Na época da pandemia, era comum surgirem na televisão reportagens da ação solidária da Porta Solidária junto de quem aparecia para obter uma refeição quente. Pessoas ligadas ao mundo do turismo, que de um momento para o outro ficaram sem trabalho, também estavam a pedir ajuda.

Com esta memória recente e tendo o nosso CEO, Rui Terroso, já conhecimento do projeto, fez sentido a Porta Solidária ser uma das instituições escolhidas para ser apoiada pela Living Tours.

Q3: De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 5: De acordo com uma entrevista feita, recentemente, à instituição, a Porta Solidária canaliza esta doação monetária para a aquisição de vários alimentos, ajudando na reposição da dispensa. Estes produtos são depois usados na confeção das refeições que são servidas ou entregues a quem procura a instituição.

Q4: Quais são as suas motivações para ser doador?

Doa 5: A Living Tours é uma empresa que tem como visão ser o anfitrião perfeito a contribuir para o enriquecimento humano e a prosperidade das comunidades.

Como tal, a Living Tours é uma empresa com uma forte componente de responsabilidade social, praticando um capitalismo consciente, procurando que o seu negócio afete de forma positiva os seus colaboradores, a comunidade em que se insere e o próprio ambiente.

O projeto dos LivingTourianosComCausa 1x1 surgiu naturalmente e faz parte da nossa essência.

Q5: Tem alguma relação com quem usufrui diretamente das suas doações? (os utentes/beneficiários)?

Doa 5: Não.

Q6: Qual a origem dos bens doados?

Doa 5: Não se aplica.

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 5: A Living Tours sentir que não fazia diferença neste projeto. Não queremos dar só por dar. Queremos sentir que estamos a ajudar.

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Doa 5: Não, uma vez que se trata de uma doação monetária e não em bens.

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável

Doa 5: 5.

Entrevista doador 6

Q1: É doador exclusivo da Porta Solidária? (sim ou não)

Doa 6: Não

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa 6: Na pandemia , uma amiga minha perguntou se eu queria colaborar , na altura , faziam recolhas na cidade todas as semanas, dos excedentes das padarias e eu estava num dos sítios estabelecidos por ela . Agora sempre que posso ajudar , entrego na Porta Solidária

Q3: De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 6: Se eu e outras pessoas continuarmos a ajudar , também tornamos possível que a Porta continue a ajudar

Q4: Quais são as suas motivações para ser doador?

Doa 6: Gosto de ajudar as pessoas necessitadas

Q5: Tem alguma relação com que usufrui diretamente das suas doações? (os utentes/beneficiários)?

Doa 6: Não

Q6: Qual a origem dos bens doados?

Doa 6: Compro no supermercado

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 6: Se fossem desviadas da Porta Solidária

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Doa 6: Pelo conhecimento que tenho , duvido

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável

Doa 6: 5

Entrevista doador 7

Q1: É doador exclusivo da Porta Solidária? (sim ou não)

Doa 7: Não

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa 7: Não escolhi , surgiu na pandemia através de uma amiga da minha filha que estava a pedir ajuda, eu voluntariei-me de imediato , organizei um grupo de doadores .

Q3: De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 7: Ao contribuir com alimentos , dinheiro , recolhas pão , e juntamente com muitas mais pessoas doadoras, conseguimos que a Porta Solidária possa continuar a ajudar quem precisa .

Q4: Quais são as suas motivações para ser doador?

Doa 7: A maior motivação é ajudar quem precisa , ajudar as pessoas carenciadas . Nunca consegui ficar indiferente as pessoas c necessidades e desamparadas

Q5: Tem alguma relação com que usufrui diretamente das suas doações? (os utentes/beneficiários)?

Doa 7: Não

Q6: Qual a origem dos bens doados?

Doa 7: Alimentos são comprados , já levei roupa que era da família e amigos, roupa que foi para Ucrânia

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 7: Se me apercebesse que as doações não iam para as pessoas carenciadas , que eram desviadas para outros fins .

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Doa 7: Ao que vejo , parece-me que não, uma vez que são muitas as pessoas que recorrem a porta solidária . O contrário , sim , os alimentos escassearem .

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável

Doa 7: 5

Entrevista doador 8

Q1: É doador exclusivo da Porta Solidária? (sim ou não)

Doa 8: Sim

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa 8: Fui alertado por uma amiga da situação difícil na pandemia , agora continuo a dar sempre que posso e podem

Q3: De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 8: Sou mais um ajudar , quantos mais melhor para poderem ajudar quem precisa

Q4: Quais são as suas motivações para ser doador?

Doa 8: Gosto em ajudar quem precisa , hoje são eles , amanhã não sabemos se somos nós . Questão de solidariedade

Q5: Tem alguma relação com que usufrui diretamente das suas doações? (os utentes/beneficiários)?

Doa 8: Não

Q6: Qual a origem dos bens doados?

Doa 8: Compro o que é preciso.

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 8: Se as doações forem desviadas , se souber que não cumprem o que dizem

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Acho que não , com tantas pessoas a precisar não deverá acontecer

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável

Doa 8: 5

Entrevista doador 9

Q1: É doador exclusivo da Porta Solidária? (sim ou não)

Doa 9: Sim

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa 9: Foi através de uma amiga , na pandemia . Relatou que estavam com muitas pessoas para ajudar e precisavam de bens alimentares

Q3: De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 9: Porque com a minha ajuda , é mais uma migalha a juntar a tantas outras e assim podemos ajudar muitas pessoas

Q4: Quais são as suas motivações para ser doador?

Doa 9: Sempre ajudei pessoas que precisam , não consigo ficar indiferente

Q5: Tem alguma relação com que usufrui diretamente das suas doações? (os utentes/beneficiários)?

Doa 9: Não

Q6: Qual a origem dos bens doados?

Doa 9: Comprados no supermercado

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 9: Se visse que já não precisavam ou se soubesse que as doações teriam outro fim

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Doa 9: Pelo que sei , da quantidade de pessoas que ajudam , acho que se deve passar o contrário , momentos de falta

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável

Doa 9: 5

Entrevista doador 10

Q1: É doador exclusivo da Porta Solidária? Sim ou não?

Doa 10: Não.

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa 10: Tive conhecimento durante a pandemia, não conhecia nada antes, não sabia como é que isto funcionava. Soube da necessidade que a Porta Solidária tinha, porque alguém me falou, pessoas ligadas aqui, e eu vim ver e achei que era muito preciso e que era uma ajuda muito necessária. Na altura até canalizei mais para aqui, porque fazia-me muita impressão, eu vinha aqui com o meu marido e víamos casais novos com filhos pequenos que tinham perdido o emprego e a necessidade é muita.

Q3: De que forma é que acha que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 10: É para juntar ao bolo, não é? Eu fico contente por fazer parte da gota d'água. Como dizia a Mãe de Teresa de Calcutá, no mar, aquela gota d'água, faz falta em todo o universo, nós temos o nosso papel e aqui quanto mais pessoas doarem e ajudarem mais conseguem abranger o leque de pessoas que ajudam. Mas eu acho não sou nada, mas pronto faço parte de uma “migalhinha” de um bolo. Os meus amigos também já contribuem e isso é importante, às vezes levam-me a casa para eu trazer para aqui, outras vezes fazem diretamente, mas sei que consegui angariar um grupinho simpático para também ajudar e estas coisas fazem toda a diferença, é importante passar o testemunho. Isto é fantástico, uma obra extraordinária e de facto é preciso haver em mais disto no mundo.

Q4: Quais é que são as suas motivações para ser doador?

Doa 10: Olha há uma coisa que eu creio que não é mérito meu, talvez da educação que recebi. Eu acho que isto é uma tradição familiar que passou dos meus avós para os meus pais e dos meus pais passou para mim, portanto o doar, o partilhar o que tenho, foi sempre desde muito pequenina que me habituei ou habituaram-me na altura. Por exemplo, quando tinha 5 anos (há 60 anos atrás) conheci um “pobre”, eu adorava-o e os meus pais diziam-me “este é contigo, tu ocupas-te dele é a tua função” e ele vinha lá tocar à porta todas as semanas e eu ia ao meu mealheiro tirar 5 tostões, era o que eu tinha para dar. Portanto não foi grande mérito porque eu fui criada assim e eu sou católica e acho que tenho que dar testemunho do amor de Deus, não é? É isso que o Nosso Senhor veio para dar à Terra é essa partilha e portanto quero e tento ao máximo ser testemunho desse amor que Deus pregou. É isso, são as duas, mas realmente grande mérito foi da minha família, enraizou-se por ali dentro e eu tento educar o meu filho assim, agora já é grande, não é? Não custa nada. É essa a motivação.

Q5: Tem alguma relação com quem usufrui diretamente das suas doações? Neste caso os utentes?

Doa 10: Não, da Porta Solidária não.

Q6: Qual a origem dos bens doados?

Doa 10: A origem é, basicamente, falo às minhas amigas e elas vão me comprar as necessidades, portanto são as minhas amigas que arranjam quando vejo que há necessidade. Infelizmente não tenho nenhuma quinta para ir buscar as laranjas, por exemplo. Por isso é sempre comprado via supermercado.

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 10: Tinha que estar era muito complicado tinha que estar mesmo.. eu mesmo acho que nunca pensei nisso era preciso ter um revés, mas mesmo que tivesse um revés financeiro brutal eu acho que podia não dar tanto, podia reduzir um bocadinho, mas cancelar não.

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Doa 10: Não, não, de todo que não, porque eu acredito nas pessoas da instituição e acredito que se houver excedente elas tratarão de canalizar para outras pessoas ou instituições que também saibam que necessitam, portanto isso nem é problema para mim. Deus queira que houvesse muitos excedentes.

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável

Doa 10: 5.

Entrevista Doador 11

Q1: É doador a exclusivo da Porta Solidária? Sim ou não?

Doa 11: Sim, neste momento sim.

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa 11: Escolhi a Porta Solidária porque vi um apelo numa rede social e por ser um projeto extremamente interessante e é um projeto muito abrangente porque ajuda muita gente e consegue agregar diferentes tipos de pessoas e acho que é aliciante, é um projeto que vale a pena apoiar.

Q3: De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 11: Eu espero que influencie muito porque eu não sou só eu, eu sou a coordenadora de um grupo, comecei sozinha e depois fui constituindo um grupo de amigos que ajudamos a Porta semanalmente e neste momento como estamos focados em dar géneros frescos, alimentos frescos, eu penso que uma grande parte do consumo semanal, o diário desses frescos é fornecido por nós. Portanto, eu acho que influencia bastante. Não sei qual é a percentagem exatamente, mas quando é preciso nós ajudamos em força.

Q4: Quais são as suas motivações para ser doador?

Doa 11: Porque gosto do projeto, acredito no projeto e vejo sinceridade nas pessoas que estão envolvidas, vejo verdade acima de tudo. E pessoalmente, e no meu grupo, somos pessoas solidárias, gostamos de ser solidários para com o próximo, sem estar a olhar quem ajudamos. E acho que a Porta Solidária cumpre estes requisitos.

Q5: Tem alguma relação com quem usufrui diretamente das suas doações?

Doa 11: Sim, aqui na paróquia acabo por conviver. Há muitos colegas, muitos amigos do grupo que não até porque são de longe, mas no meu caso tenho uma relação próxima com muitos dos utentes. Procuro ajudar naquilo que é possível e resolver alguns problemas que eles têm, que são muitos, não é? São problemas básicos para nós, mas para eles são questões de sobrevivência. E sim, não tenho problema em conviver com eles. Sempre que se proporciona, se a ocasião se proporciona, se pedem ajuda, eu não tenho problemas nisso.

Q6: Qual é a origem dos bens doados?

Doa 11: São todos comprados nas grandes superfícies alimentares, mercado abastecedor. E às vezes também conseguimos, mas são coisas mais pontuais, pequenas ajudas de um amigo que tem umas árvores ou que tem umas hortas lá na aldeia e que traz pequenas coisas. Mas basicamente, 99% das vezes é tudo comprado. Compramos, divide-se entre todos um bocadinho e fazemos a doação.

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 11: Se a porta solidária fechar, isso é uma condição lógica, não é? De resto, de vez em quando, há uma pessoa ou outra porque deixa de ter condições económicas, ou porque, por exemplo, se ausenta. Mas não vejo assim nenhuma condição... Porque somos todas pessoas solidárias, pessoas que gostamos de ajudar e ajudamos pessoas acima de tudo isso, não estamos preocupados com qualquer outro tipo de religião, de credo, de origem. Não é isso que nos preocupa, ajudamos pessoas e a Porta Solidária é um excelente meio para nós darmos esta ajuda. Acima de tudo é isso, a porta acaba por ser o meio que nós temos muito facilitado de ajudarmos o próximo, de ajudarmos quem precisa. Por que vai acabar? Não há razão, só se a porta fechar. Somos um grupo grande e quero acreditar que mesmo que eu eventualmente desistisse, dentro do grupo encontraria outra pessoa que conseguisse continuar a motivar o grupo para ajudar. E tem um esquema de tal maneira montado que mesmo quando estou longe, quando estou de férias no estrangeiro, por exemplo, a ajuda à porta solidária chega na mesma todas as semanas.

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Doa 11: Pode haver um excedente muito pontual, mas não acredito nisso, por duas razões: primeiro, porque eu estou aqui diariamente e portanto não dou por dar, dou porque precisam e porque me dizem o que é que precisam e segundo, o volume de utentes é tão grande que eu acho que é difícil haver excedentes aqui, sobretudo frescos. E os excedentes aqui devem demorar uns dias, uma semana, não duram anos nem meses. E daí a ideia de oferecer todas as semanas e não oferecer uma vez por mês, porque se oferecesse uma quantidade grande uma vez por mês, claro que as coisas podiam estragar. A ideia é que todas as semanas nós damos frescos.

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável.

Doa 11: 5.

Entrevista doador 12

Q1: É doador exclusivo da Porta Solidária? (sim ou não)

Doa 12: Não

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa 12: Porque ajuda pessoas carenciadas

Q3: De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 12: Doando, estou a criar fundos à Porta Solidária para poderem colmatar algumas das necessidades de carenciados

Q4: Quais são as suas motivações para ser doador?

Doa 12: Ajudar. Dever cívico

Q5: Tem alguma relação com que usufrui diretamente das suas doações? (os utentes/beneficiários)?

Doa 12: Às vezes

Q6: Qual a origem dos bens doados?

Doa 12: Compras no supermercado

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 12: Se souber que os bens doados não atingem o fim a que se propuseram

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Doa 12: É possível.

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável

Doa 12: 5

Entrevista doador 13

Q1: É doador exclusivo da Porta Solidária? (sim ou não)

Doa 13: Não.

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa 13: Eu já conhecia o projeto e na altura da pandemia soube, através de uma amiga, que estavam com muitas dificuldades, então eu liguei para saber o que a minha empresa podia fazer para ajudar, não imaginava dar as quantidades que damos agora, mas a abordagem que tiveram foi extremamente cativante e eu senti que podíamos mesmo fazer a diferença, falei com os nossos fornecedores e em duas tardes tornamos tudo possível.

Q3: De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 13: Acredito que influencia de uma forma muito grande, porque conseguimos ajudar com grandes quantidades e com o que o projeto precisa realmente.

Q4: Quais são as suas motivações para ser doador?

D 13: Há muitas paróquias que não fazem metade do que esta faz e nem se preocupam com essa parte social. A preocupação do pároco, que é um bocado a nossa, é dar melhor qualidade de vida às pessoas. Isto está a substituir o estado e quando explodem as necessidades, em 2020, eu tive mesmo de fazer alguma coisa e nós é que temos de estar agradecidos à porta solidária de servir de solução nestas coisas todas. Não preciso que nos agradeçam, nós é que agradecemos que a paróquia

e o centro social tenham criado este projeto e nós podermos fazer parte dele. É um organização credível que faz o que nós não conseguimos fazer.

Q5: Tem alguma relação com que usufrui diretamente das suas doações? (os utentes/beneficiários)?

Doa 13: Não, não temos

Q6: Qual a origem dos bens doados?

Doa 13: Damos trigo aos meus clientes que fazem farinha, dado. Na altura, com a crise, eles tinham capacidade disponível, eles faziam farinha, davam a padeiros, estavam próximos e eles entregavam pão de graça, quentes todas as manhãs. E nós pagávamos o custo deles, mas eles também davam a mão de obra, sempre. Também damos milho, por exemplo, à Lusiaves que produz mais frango, Utilizamos os nossos cereais, aumentamos a produção e ajudamos o projeto.

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 13: Mudança dos responsáveis, saber que não estavam a usar as nossas doações para fazer negócio, por exemplo

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Doa 13: Não, porque nós damos aquilo que combinamos com os responsáveis, por isso o que damos é sempre utilizado em pouco tempo

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável

Doa 13: 5

Entrevista: doador 14

Q1: É doador exclusivo da Porta Solidária?

Doa 14: Sim

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa 14: Porque conheço uma doadora que é uma pessoa extraordinária que convenceu a participar e doar

Q3: De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 14: Todas as ajudas são bem-vindas e apesar dos meios escassos conseguimos atingir os objetivos de ajuda a quem mais precisa

Q4: Quais são as suas motivações para ser doador?

Doa 14: Ter pena de famílias que infelizmente não tem meios mínimos de subsistência e sem oportunidades de trabalho

Q5: Tem alguma relação com quem usufrui diretamente das suas doações? (os utentes/beneficiários)?

Doa 14: Não tenho nenhuma relação...

Q6: Qual a origem dos bens doados?

Doa 14: Comprado no supermercado exclusivamente para doar bens de primeira necessidades especialmente de alimentação.

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 14: Se houver desconfiança no sistema de distribuição a quem não precisa ou não se esforça para trabalhar ou se as condições se alterarem (a crise do país é no covid) nomeadamente melhorarem

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Doa 14: Se não tiver um sistema de distribuição honesto e correto ou tiver mais doação do que tem condições de fazer bem nomeadamente voluntariado e sistema de avaliação de dar a quem e quando..

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável

Doa 14: 5

Entrevista doador 15

Q1: É doador exclusivo da Porta Solidária?

Doa 15: Não

Q2: Por que escolheu a Porta Solidária para doar?

Doa 15: Uma amiga , entrou em contacto comigo quando começou pandemia . Foi aí que comecei ajudar semanalmente c entrega de mantimentos

Q3: De que forma é que a sua doação influencia o sucesso da Porta Solidária?

Doa 15: Todos juntos a doar é que faz a diferença , e pode influenciar o sucesso. Eu contribuo para esse sucesso

Q4: Quais são as suas motivações para ser doador?

Doa 15: Gosto de ajudar quem mais precisa. As famílias mais desfavorecidas.

Q5: Tem alguma relação com que usufrui diretamente das suas doações? (os utentes/beneficiários)?

Doa 15: Não tenho

Q6: Qual a origem dos bens doados?

Doa 15: Comprado no supermercado quando é preciso

Q7: Quais seriam os motivos que poderiam contribuir para suspender ou cancelar as doações?

Doa 15: Se as doações fossem desviadas, por exemplo.

Q8: Considera que a doação poderá gerar um excedente na instituição em determinados momentos?

Doa 15: Têm mesmo muitas pessoas para alimentar, por isso acho difícil

Q9: Qual seria a probabilidade de continuar a ajudar a Porta Solidária se não recebesse benefícios fiscais com a sua doação? Numa escala de 1 a 5, em que 1 é muito improvável e 5 é muito provável

Doa 15: 5

Anexo n.º 4: Transcrição das entrevistas aos responsáveis da Porta Solidária

Entrevista Responsável do Projeto (1)

- 1- Em que consiste a iniciativa social Porta Solidária e o que é que o motivou a criar esta associação?

A Porta Solidária consiste numa resposta de emergência em relação à alimentação para as pessoas em situação de sem abrigo e outros pobres, nomeadamente reformados e também famílias. Nós realizamos, desde 2003, o Jantar de Natal, direcionado exatamente para os pobres e para as pessoas em situação de sem abrigo.

Sendo que em 2008 estávamos a entrar numa crise, apareceram, pela primeira vez, famílias com crianças e até bebés a pedir ajuda e, a partir daí, motivou-se a reflexão de que não podia ser só uma vez, teria que ser todos os dias. E, em fevereiro de 2009, abrimos a Porta Solidária.

- 2- Quais são os principais objetivos?

Os principais objetivos é responder à emergência alimentar. Depois, também proporcionar um espaço digno para as pessoas jantarem, que não seja na rua ou num passeio, mas sentadas à mesa. E proporcionar-lhes, também, acolhimento, porque a maioria das pessoas não se sentem acolhidas, sobretudo agora, quando se trata dos migrantes. E a Porta Solidária tem um modo de acolher que também ajuda a elevar a autoestima das pessoas que nos procuram.

- 3- Pode, por favor, detalhar a organização da associação e quantas pessoas estão envolvidas?

Funcionamos de domingo a sexta, só fechamos ao sábado e temos várias equipas. A equipa da manhã, das 9h às 11h que prepara os kits com as sandes, depois, a partir das 15h temos duas equipas em simultâneo, a equipa que prepara os kits com o iogurte/sumo ou peça de fruta (consoante o que tivermos para dar no dia) e a equipa da cozinha que prepara as refeições (todos os dias são feitos cerca de 26kg de hidratos, 30kg de carne ou peixe e um tacho com comida alternativa para os muçulmanos ou vegetarianos). Também temos a equipa que vai recolher as sopas ao Hospital Santa Maria, a equipa que recolhe as sobras nas Padarias Ribeiro espalhadas pela cidade e, por fim, a equipa que serve as refeições, das 17h30 às 20h. Não tenho bem noção do número de pessoas envolvidas, mas penso que seja à volta de 60 pessoas.

4- Quem são os beneficiários e como identificam quem precisa de apoio?

Nós abrimos a Porta Solidária e, aliás, damos o nome de Porta para não fazer perguntas a ninguém. Quem chega, come. As condições não são as melhores, são expostos à chuva, ao sol, a outras circunstâncias. E, portanto, nós consideramos que quem vem é porque tem fome, uma vez que não é fácil estar numa fila para esperar o jantar. Quem espera na fila, são pessoas em situação de sem-abrigo, muitos idosos, sobretudo homens, que vivem sozinhos num quarto em que a reforma fica toda para pagar o aluguer do quarto e que não têm retaguarda familiar; também temos as famílias, onde até há, por exemplo, um elemento que trabalha, mas um salário não chega para pagar as despesas familiares e, mais recentemente, à cerca de 2 anos, os migrantes, vindos de países de África, América do Sul, que neste momento correspondem a quase metade das pessoas que recebemos. Neste momento a média está nos 400, por isso cerca de 200 são migrantes.

5- Qual o papel dos voluntários e o seu processo de recrutamento?

O papel dos voluntários é um papel imprescindível, os voluntários são o nosso tesouro, porque fazem muitas recolhas em pastelarias, em supermercados, padarias e depois porque vêm confeccionar a refeição e vêm servir, com tudo o que isso implica, de arrumações e de preparação de kits para o dia seguinte. O recrutamento, o que está a acontecer é que passa de pessoa para pessoa, que é a melhor maneira. No início foi através de publicidade e pedido, no Instagram, no Facebook, nos avisos, nas eucaristias.

6- O que diferencia a Porta Solidária de outras iniciativas sociais com os mesmos objetivos?

Aqui no Porto, como a Porta Solidária, com a mesma dimensão, não há. O que existem são restaurantes solidários que estão à responsabilidade da Câmara Municipal, com outro tipo de funcionamento e verbas. Mas acredito mesmo que a grande diferença está no modo de acolher as pessoas e nas conversas que vão sendo interpeladas com as pessoas que nos procuram e, também, na transparência do projeto e na credibilidade que tem ganho com o passar do tempo. As pessoas vêm que, efetivamente, a ajuda que dão é sempre canalizada a quem mais precisa, não há dúvidas, porque os nossos números são enormes e a capacidade de resposta diária é aquilo que dá confiança aos nossos doadores e voluntários. Nós estamos aqui, apenas e só para servir o outro e temos muito orgulho nisso.

7- Explique o processo de identificação e captação de doadores, bem como a implementação de parcerias desde o início desta iniciativa social?

Geralmente aquilo que acontece é que são as empresas ou os particulares que vêm ter connosco, dizem que querem ajudar e perguntam de que forma é que o podem fazer. A nossa abordagem é sempre de explicar, o mais detalhado possível, aquilo que fazemos. Para além disso, mostramos o porquê do apoio dessa empresa ou particular ser fundamental para nós e a diferença que faz se for algo regular e dizemos mesmo que ajudar uma vez é muito bom e somos muito agradecidos, mas o que nós precisamos é de ajuda regular, dados os números que temos. Diria que 80% das vezes as empresas ou particulares ajudam apenas uma vez e 20% tornam-se doadores regulares e muitos dizem que a nossa abordagem foi o que lhes fez abrir os olhos para a importância da responsabilidade social e de apoiar regularmente. 20% pode parecer pouco, mas daquilo que conheço de outras instituições é muito, mesmo muito.

8- Quais as fontes de doações em dinheiro e em espécie? Tem alguma ideia do valor anual do montante global de cada uma delas?

A principal fonte de doação é em espécie e é sempre aquilo que nós preferimos, porque nós precisamos de muitos alimentos para poder cozinhar em grandes quantidades, por isso é que as principais parcerias que temos com empresas são de doações em espécie, apesar de também termos algumas empresas e particulares que doam em dinheiro o que ajuda para pagar as contas, principalmente da luz e da água.

9- Que tipo de doações mais precisam e como asseguram a sua sustentabilidade?

Como referi anteriormente, como servimos 400 pessoas todos os dias, aquilo que mais precisamos são alimentos para cozinhar. São cebolas, cenouras, arroz, massa, azeite, proteína (carne/peixe), etc.. Felizmente com o passar dos anos temos conseguido rodear-nos de pessoas incríveis que tornam tudo possível. Temos vários grupos de amigos que sempre que temos algum alimento em falta, juntam dinheiro para comprar esse alimento. Alimentos ou outras coisas, por exemplo, o ano passado avariou-nos uma arca e juntamos esses grupos, pedimos para juntarem dinheiro e conseguimos em 2 dias comprar uma arca. Claro que, no final, mostramos todos os comprovativos e o talão da compra, não é que alguém tivesse pedido, mas acreditamos que é assim que as pessoas continuam a confiar em nós e mantemos a nossa credibilidade.

10- Quais são os principais desafios logísticos que enfrentam na organização das doações?

O principal desafio talvez seja o espaço. Não podemos dizer que as nossas instalações são pequenas, porque não são e temos muito espaço para arrumação, mas, às vezes as doações são tantas que não sabemos onde armazenar. Por exemplo, se formos ao Banco Alimentar e no mesmo dia recebermos doações da Lactogal, normalmente ficamos sem espaço nos frigoríficos, porque são essencialmente

alimentos frescos que precisam de frio. Quando estamos a arrumar, temos de ter sempre em atenção os prazos de validade e organizar, no caso dos frigoríficos, os alimentos por data para garantir que nada se estraga e isso às vezes é muito complicado.

11- Costumam ter excedente de doações em alguns géneros? Se sim, como é feita a gestão?

É raro termos excedentes de doações, mas como funcionamos em rede, com outras instituições da cidade, se tivermos algum excedente, telefonamos e partilhamos. Como também as outras instituições fazem connosco.

12- O que faz com que o voluntário não deixe de o ser e o doador não deixe de dar?

É a boa vontade. E é as pessoas terem os olhos abertos para a realidade da pobreza e das necessidades que passam, em grande parte, na nossa população portuguesa. Portanto, um coração com abertura social, uma inteligência que reflete sobre as situações reais, leva a que as pessoas permaneçam quer no voluntariado, quer nas doações.

13- Que conselho daria a alguém que quisesse replicar a Porta Solidária noutra cidade ou país?

O conselho que eu daria é exatamente que tenha bom corpo de voluntários, que confie também na providência e que não deixe nunca de bater à porta de instituições e de empresas que possam colaborar.

14- Como avalia o sucesso e sustentabilidade da Porta Solidária e o seu impacto na comunidade?

Nós não podemos falar de sucesso. O que acontece na Porta Solidária não nos alegra, porque o mais importante era não haver necessidade das pessoas virem aqui comer. Sabemos que temos muito impacto, porque satisfazemos uma necessidade básica e porque a comunidade abriu-se muito mais à solidariedade, cresceu na consciência de que temos que cuidar uns dos outros.

15- Numa análise SWOT, reporte as forças, oportunidades, fraquezas e ameaças da Porta Solidária?

Pontos Fortes

- Forte capacidade de resposta alimentar diária.
- Rede sólida de voluntários dedicados.
- Credibilidade e transparência na gestão das doações.
- Relação próxima e humanizada com os beneficiários.

Pontos Fracos:

- Elevada dependência de voluntários e doadores regulares.
- Instabilidade de recursos (alimentares e financeiros).
- Falta de planeamento estratégico de médio e longo prazo.
- Infraestruturas de armazenamento limitadas para grandes volumes de doações.

Oportunidades:

- Aumento da responsabilidade social das empresas, que potencia novas parcerias.
- Utilização de canais digitais para angariação de fundos e doações.
- Crescente sensibilização pública para as questões da pobreza e exclusão social.

Ameaças:

- Crises económicas que podem reduzir o número de doadores e voluntários.
- Concorrência de outras organizações sociais pelos mesmos recursos.
- Cansaço e rotatividade de voluntários.
- Estigmatização dos beneficiários, afetando a imagem pública da instituição.

16- Pode, por favor, indicar as principais estratégias a médio e longo prazo da Porta Solidária?

Neste momento não tenho nenhuma estratégia pensada. Nós acreditamos que o modo como está a funcionar agora é aquele que vai perdurar, até porque trabalhamos muito para conseguir a confiança dos voluntários e dos doadores e, também, para criar a base forte que temos. Depois, conforme os desafios que forem aparecendo, vamos ter que encontrar algumas respostas. São muitas pessoas a trabalhar em conjunto, a dar o máximo por esta causa e temos conseguido ultrapassar as dificuldades.

Entrevista ao Responsável do Projeto (2)

- 1- Em que consiste a iniciativa social Porta Solidária e o que é que o motivou a criar esta associação?

A Porta Solidária foi criada como um meio de subsistência para indivíduos e famílias em dificuldades ou situação de vida socioeconómica precária.

- 2- Quais são os principais objetivos?

A obtenção e mediação de bens alimentares e de necessidade básica, de forma a reestruturar uma sociedade que negligencia a segurança alimentar. A visão será evitar a fome na cidade do Porto, servindo como exemplo para outras comunidades.

- 3- Pode, por favor, detalhar a organização da associação e quantas pessoas estão envolvidas?

O projeto está dividido em 3 partes, alimentação de subsistência, roupas e bens de necessidade básica. Quanto aos grupos de operação voluntária, dividem-se entre:

- recolhas diárias de excedentes alimentares em toda a cidade(10-20);
- condutores para recolhas periódicas e excecionais(5);
- equipas de preparação de kits de sobrevivência alimentar(20);
- equipas de cozinha para cada dia da semana (30);
- funcionários do centro social em trabalho extra;
- equipas de distribuição;
- grupos externos de colaboração com as equipas de distribuição, regulares e excecionais, provenientes de diversas empresas em ação de responsabilidade social, colégios e outras instituições;
- doadores individuais e empresariais regulares em géneros, financeiro, ou ambos.
- grupos de escuteiros que estão sempre em modo de segurança, de forma a poder suprir falha de voluntários em situações irregulares.

- 4- Quem são os beneficiários e como identificam quem precisa de apoio?

O beneficiário direto:

- Utente em situação de dificuldade financeira, sem meios de autossustentência suficientes;
- Famílias em que se perde a capacidade financeira, temporariamente, evitando o endividamento e difícil recuperação;
- Estudantes deslocados sem meios de subsistência, afetados pelos preços da habitação, inflação e outras despesas como propinas universitárias.

O beneficiário indireto:

-A comunidade, que vê a taxa de criminalidade diminuir, passa também a testemunhar a saúde financeira de quem foi devidamente ajudado, no momento certo, e, recuperado volta a fazer parte ativa da sociedade, fortalecendo a fluidez de mercado base mais rapidamente.

A identificação é feita, através de entrevista e apresentação de documentos comprovativos de necessidade, entre outros, apenas às famílias que têm crianças e levam comida para casa. Os restantes têm sempre a porta aberta para se sentarem e comerem sem perguntas.

5- Qual o papel dos voluntários e o seu processo de recrutamento?

Os voluntários são recrutados através do passa-palavra, de campanhas online de sensibilização.

6- O que diferencia a Porta Solidária de outras iniciativas sociais com os mesmos objetivos?

A porta Solidária não tem limites, não nega alimentação a ninguém.

7- Explique o processo de identificação e captação de doadores, bem como a implementação de parcerias desde o início desta iniciativa social?

Através de campanhas online, conseguem-se donativos pontuais quando o stock está menos completo.

Ao comunicar diretamente com as principais empresas de revenda alimentar ou produção, (conseguem-se assim bens com validade longa, garantindo uma longa sustentância do projeto), fazendo entender aos dirigentes, a importância de donativos regulares vs donativos pontuais.

8- Quais as fontes de doações em dinheiro e em espécie? Tem alguma ideia do valor anual do montante global de cada uma delas?

Doadores regulares individuais, em género ou financeiro, ajudam a cobrir as contas de operação.

9- Que tipo de doações mais precisam e como asseguram a sua sustentabilidade?

Bens básicos alimentares: o Arroz, Massas, enlatados, óleo e azeite, pão.

Empresas de renome, entre outras, RAR, ACEMBEX, NOVARROZ, LUSIAVES, asseguram a subsistência da alimentação básica, outros bens são conseguidos por outras empresas com donativos menos regulares, mas suficientes.

Diversas padarias do Porto ajudam com os seus excedentes todos os dias, outras fabricam pão em troca de donativos de farinha, talhos fornecem carne excedente, etc.

Cooperação regular do Banco Alimentar.

10- Quais são os principais desafios logísticos que enfrentam na organização das doações?

A manutenção da qualidade do produto alimentar é uma dificuldade, no entanto, evitam-se sobras, aproveita-se todo o produto doado, com o número elevado de utentes torna-se mais fácil escoar donativos pontuais de maior quantidade, evitando possíveis perdas.

O número de voluntários pode, por vezes, escassear em tempo de férias ou outras alturas de maior atividade social, o que faz com que os voluntários presentes em cada operação sejam submetidos a um período de sobrecarga.

Se toda a população ajudar com um pouco do seu tempo, a carga de serviço é mínima para todo o cidadão.

11- Costumam ter excedente de doações em alguns géneros? Se sim, como é feita a gestão?

Os excedentes são por vezes encaminhados para outras instituições, distribuídos irrmãmente por todos os utentes ou adicionados aos cabazes familiares como reforço pontual.

12- O que faz com que o voluntário não deixe de o ser e o doador não deixe de dar?

Ao voluntário, é inculcida uma ideologia de passagem de testemunho, atribuindo funções de elevada importância, fazendo o cidadão voluntário sentir-se realmente útil na sociedade. Ensinando a passar o testemunho, a fazer o bem, constrói-se uma sociedade de entreajuda e autossustentável.

Ao doador, é explicado todo o processo de responsabilidade social, que a importância de doar regularmente, mesmo que em pequena quantidade, é o que faz com que o projeto funcione.

13- Que conselho daria a alguém que quisesse replicar a Porta Solidária noutra cidade ou país?

Cada cidade é uma cidade, todos os projetos têm que ser adaptados, melhorados, em períodos regulares, para que funcionem.

O método Porta Solidária, é criado pelo povo, para o povo. A ideologia de todos ajudarem um pouco é o que pode tornar o projeto possível em qualquer parte do Mundo.

14- Como avalia o sucesso e sustentabilidade da Porta Solidária e o seu impacto na comunidade?

A comunidade cresce a partir da raiz, a raiz é o povo em dificuldade, que ao ser ajudado, se torna parte financeira da sociedade de imediato após um período de fraqueza.

Parte do crime é causado pela falha de subsistência básica, um defeito que a Porta Solidária ajudou a corrigir na cidade do Porto, como exemplo para outras.

15- Numa análise SWOT, reporte as forças, oportunidades, fraquezas e ameaças da Porta Solidária

<u>PONTOS FORTES</u> - União comunitária, recrutamento ativo, forte resiliência e treino adequado de voluntários para aprenderem a não desistir.	<u>PONTOS FRACOS</u> - A incapacidade de suprir outras necessidades básicas como habitação temporária para pessoas em situação precária.
<u>OPORTUNIDADES</u> - Parcerias com novas empresas que entram regularmente no mercado Português. - O aumento do número de grandes superfícies de venda de bens alimentares, proporciona aumento de possibilidade de recolha de bens alimentares.	<u>AMEAÇAS</u> - A dependência da situação económica estável de doadores individuais regulares. - O aparecimento de imigrantes que, pelo elevado aumento de números de utentes, ameaçam a capacidade da Porta Solidária ajudar todo o seu povo com a mesma qualidade habitual

16- Pode, por favor, indicar as principais estratégias a médio e longo prazo da Porta Solidária?

A médio prazo, mantém-se um stock de alta longevidade alimentar, em quantidade adequada às necessidades.

Os doadores e voluntários são mantidos em conhecimento constante do estado atual do projeto, e, postos a par da importância de cada um.

A longo prazo, espera-se aumentar a capacidade, cativar mais cidadãos a participar, continuar a evitar a fome na nossa cidade.

Potencialmente, a evolução para um projeto de habitação temporária para as famílias, em cooperação com o estado ou outras instituições.

Manter o Porto, uma cidade sem fome.

Anexo n.º 5: Autorizações das empresas doadoras da Porta Solidária

Banco Alimentar

Declaração para uso de dados

Eu, Madalena Meireles da Silva Martins, estudante do mestrado em Economia Social na Universidade do Minho, encontro-me a desenvolver uma dissertação de mestrado intitulada "A Economia da Dádiva como motor de uma resposta social? Estudo de caso sobre a Porta Solidária".

Deste modo, sob a autorização do Padre Rubens Humberto Ferreira Marques, responsável do Projeto, venho por este meio, solicitar a autorização para usar dados relativos às doações do Banco Alimentar à Porta Solidária para fins exclusivamente académicos e científicos.

Caso autorizem a utilização dos dados, agradeço a confirmação da mesma, através de assinatura.

Por, 24 de Abril de 2025

João Ruben





HOSPITAL DE SANTA MARIA PORTO

Declaração

Maria de Lurdes Brandão Serra Campos, Diretora-Geral do Hospital de Santa Maria – Porto declara, para os devidos efeitos, que autoriza a utilização dos dados relativos às doações do Hospital Santa Maria à Porta Solidária para fins exclusivamente académicos e científicos no desenvolvimento da dissertação de mestrado intitulada "A Economia da Dádiva como motor de uma resposta social? O caso da Porta Solidária" da responsabilidade de Madalena Meireles da Silva Martins, estudante do mestrado em Economia Social na Universidade do Minho.

Porto 22 de abril de 2025

M^a de Lurdes Brandão Serra Campos

Maria de Lurdes Brandão Serra Campos
Diretora-Geral



Mm. 183

INSTITUIÇÃO PARTICULAR DE SOLIDARIEDADE SOCIAL - REG. Nº 11/08 PROVÍNCIA PORTUGUESA DAS FRANCISCANAS MISSIONÁRIAS DE NOSSA SENHORA
Rua de Camões, 906 4549-025 PORTO Telex: 225 082 0001 Fax 225 304 843 hsm@hsmporto.pt NIPC 508 077 543

Declaração para uso de dados

Eu, Madalena Meireles da Silva Martins, estudante do mestrado em Economia Social na Universidade do Minho, encontro-me a desenvolver uma dissertação de mestrado intitulada " A Economia da Dívida como motor de uma resposta social? O caso da Porta Solidária".

Deste modo, sob a autorização do Padre Rubens Humberto Ferreira Marques, responsável do Projeto, venho por este meio, solicitar a autorização para usar dados relativos às doações da Lactogal à Porta Solidária para fins exclusivamente académicos e científicos.

Caso autorizem a utilização dos dados, agradeço a confirmação da mesma, através de assinatura.



24, _____ de Abril de 2025

M L L L

Declaração para uso de dados

Eu, Madalena Meireles da Silva Martins, estudante do mestrado em Economia Social na Universidade do Minho, encontro-me a desenvolver uma dissertação de mestrado intitulada “ A Economia da Dádiva como motor de uma resposta social? O caso da Porta Solidária”.

Deste modo, sob a autorização do Padre Rubens Humberto Ferreira Marques, responsável do Projeto, venho por este meio, solicitar a autorização para usar dados relativos às doações da Acembex à Porta Solidária para fins exclusivamente académicos e científicos.

Caso autorizem a utilização dos dados, agradeço a confirmação da mesma, através de assinatura.

Assinado por: **DANIELA DA SILVA PEREIRA
DE MELO**
Num. de Identificação: 11504693
Data: 2025.04.29 18:40:42+01'00'



ACEMBEX